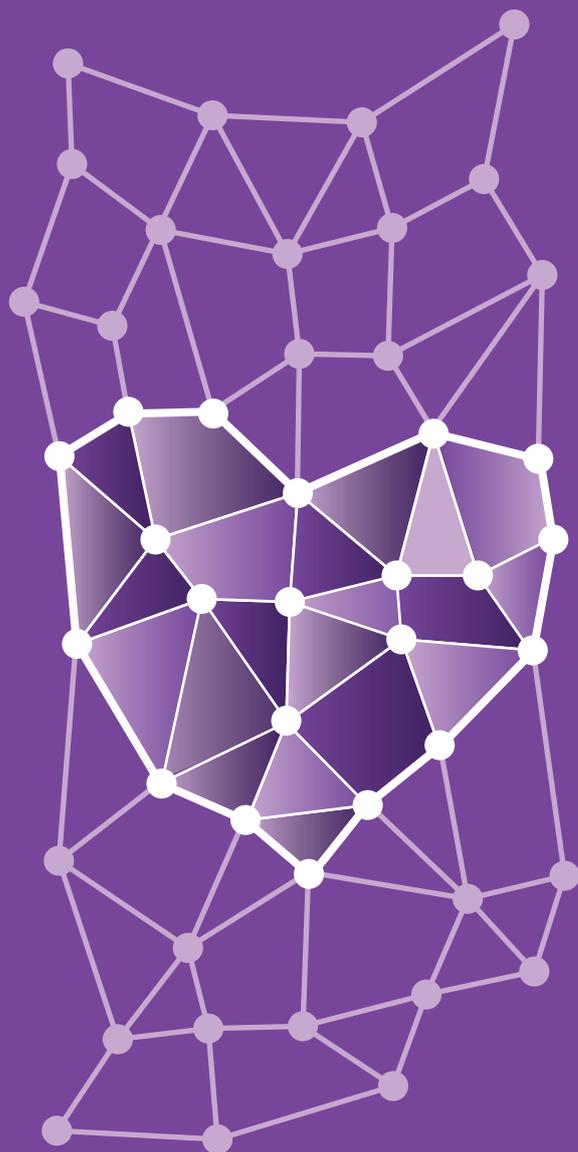


Paula Chagas Bortolon

# A ALEGRIA DE ESTARMOS JUNTOS

Comunicação Alegre e saúde na sociedade conectada



Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Informação e Comunicação em Saúde

Rio de Janeiro, 2018

**Paula Chagas Bortolon**

## **A ALEGRIA DE ESTARMOS JUNTOS**

Comunicação Alegre e saúde na sociedade conectada

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, para obtenção do grau de Doutora em Ciências.

**Área de concentração:** Configurações e Dinâmicas da Informação e Comunicação em Saúde

**Orientador:** Prof. Dr. Nilton Bahlis dos Santos

Rio de Janeiro, 2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: **paulabortolon@gmail.com**

Projeto gráfico: Paula Chagas Bortolon

Capa e design gráfico: Sergio de Moraes

Diagramação: Leticia Chagas Bortolon

Revisão: Rachel Bastos de Carvalho Simão

Bortolon, Paula Chagas.

A alegria de estarmos juntos: comunicação alegre e saúde na sociedade conectada / Paula Chagas Bortolon. - Rio de Janeiro, 2018.  
142f. f.; il.

Tese (Doutorado) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2018.

Orientador: Nilton Bahlis dos Santos.

Bibliografia: f. 132-136

1. comunicação e saúde. 2. internet. 3. redes sociais. 4. afetos. 5. potência. I. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Bortolon, Paula Chagas. **A alegria de estarmos juntos. Comunicação Alegre e saúde na sociedade conectada.** 2018. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, para obtenção do grau de Doutora em Ciências.

**Orientador:** Prof. Dr. Nilton Bahlis dos Santos

Aprovada em: 6 de agosto de 2018

### **Banca examinadora**

#### ***Titulares***

Profa. Dra. Cícera Henrique da Silva

Profa. Dra. Maria Cristina Soares Guimarães

Prof. Dr. André Martins Vilar de Carvalho

Profa. Dra. Mônica de Assis

#### ***Suplentes***

Profa. Dra. Adriana Cavalcanti de Aguiar

Prof. Dr. Juliano Borges

A todos que lutam, incessantemente, por um mundo melhor e percebem na força do riso a oportunidade para uma vida mais feliz.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Inez, que em meio às incertezas e, por vezes, à solidão do pensamento, me clareou. Foi ela que numa tarde de domingo me entregou um velho livro dizendo: "Leia! É muito bom". Krishnamurti seria ponto de partida para minhas reflexões. Agradeço ao meu pai, Isaias, pelo seu jeitinho de me fazer rir de bobagens, de me ajudar com as coisas da casa para eu me concentrar na escrita, de me mimar e dizer que sempre estaremos juntos. À minha irmã, pelas conversas sérias sobre decisões difíceis da vida, pelos melhores *stickers* de Telegram e pelo abraço mais acolhedor que recebi quando mais precisei, cerca de um ano atrás. Ao meu irmão, que veio dividir a casa comigo para eu conseguir, hoje, escrever essas palavras, e fechar mais este ciclo.

Aos amigos do surfe que fizeram a água salgada dos olhos dar lugar à água salgada do mar. Bibi, Luizinho, Black e Marcelo Bispo entenderam o momento difícil pelo qual passei e me forçaram, terapeuticamente, a surfar. A vida é mais feliz com nossos *frames* (em especial os da MaryRê). Às minhas amigas queridas, Rachel Vieira, Rachel Simão, Izabel, Rita, Mariana, Suerda, Samile, Dani, que me ensinaram sobre sororidade. Entendi, enfim, o que os Beatles queriam dizer com "*Oh, I get by with a little help from my friends*".

Ao Serginho, pelo companheirismo dos últimos meses, pelo carinho, por cuidar de mim e pela ajuda no trabalho gráfico desta tese. Eu adorei!

Ao Bruno Fabri, amigo e conselheiro. Nossas trocas e sua empolgação com meu trabalho foram revigorantes. Ao Vladimir Santafé, que com seu conhecimento de filosofia tanto me ajudou. Ao Rafael Trindade e Rafael Lauro, do *blog* Razão Inadequada, a quem recorri durante os estudos e aos cursos que complementaram minha pesquisa.

Ao meu orientador, Nilton, pelo aprendizado e liberdade dada para minha criação e à Eide, por todo carinho e dedicação ao grupo de pesquisa. Pelas amigas de pesquisa, Alessandra, Rita e Silvia, que me acompanharam e ajudaram durante estes anos.

Agradeço aos professores do Programa, cujo incentivo trouxe apoio e aprendizado, e à Secretaria Acadêmica, em especial Rosilene, que tantas vezes me acolheu nos percalços dessa jornada.

Meu muito obrigada!

*"Eu queria saber quantos de vós notastes o arco-íris ontem à tarde. Estava pouco acima da água e deparou-se-nos de repente. Era uma coisa bela de ver, que infundia um grande sentimento de alegria, uma percepção clara da vastidão e da beleza da terra. Para comunicar uma tal alegria é necessário um bom conhecimento das palavras, do ritmo e da beleza da linguagem correta, não é verdade? Mas o que tem muito mais importância é o próprio sentimento, o êxtase que acompanha a apreciação profunda de algo belo; e esse sentimento não pode ser despertado pelo mero cultivo do conhecimento ou da memória. "*  
(Jiddu Krishnamurti, 1973, p. 147)

## PREFÁCIO

*"A vida é coisa que se precisa descobrir; e não podereis descobri-la se não tiverdes perdido, posto de lado todas as coisas que achastes."*  
Krishnamurti

Cresci em uma cidade do interior do país, rodeada de outras crianças, correndo descalça a rua sem asfalto, respirando o pó das terras do cerrado que o vento trazia. Às vezes chegávamos em casa, eu e meus irmãos, contando sobre a cobra que encontramos no meio do caminho. O sol era quente. Sábado tinha feira. Com sorte, descolávamos um mergulho no rio.

Não podia não amar a terra marrom, o rio gelado, os bichos no caminho. Sabia que a bacia de pipocas era a hora mais feliz da tarde. Só podia ser: era o jeito da Chiquinha, que trabalhava na casa em frente, mostrar todo o seu carinho pela criançada. Lembro-me dos desentendimentos, das brigas no colégio, do choro. Mas me lembro muito mais dos sorrisos, dos beijos, dos abraços.

Com meu pai, aprendi sobre as estrelas, sobre as árvores, sobre os animais. Com minha mãe, aprendi sobre gente (e quanto cabe aí!). Com minha irmã, aprendi o que é companheirismo. Com meu irmão, soube me aventurar.

Aos 15 saí de casa em busca do meu caminho. Anos depois, me formei em Farmácia pela Universidade de Brasília. Não sabia ao certo o que faria com meu diploma, onde iria atuar, que carreira seguir. Mas era bom poder me dedicar aos outros. Estar no campo da saúde era a chance de exercer, na prática, ações direcionadas para melhoria da qualidade de vida das pessoas. Era poder contribuir, ao menos um pouquinho, com o desenvolvimento social do país.

Não tinha certeza exata sobre aonde isso tudo ia me levar. Mas havia uma vontade. Um desejo de descobrir aos poucos, saboreando o processo de me entregar à vida. Nisso tudo havia uma certeza: eu não me sentia exatamente "encaixada" e nem sabia se deveria estar.

Aos poucos, a atuação técnica em Farmácia foi dando espaço para um olhar mais amplo para a saúde. A especialização da graduação foi um importante degrau que me permitiu chegar ao amplo mundo da saúde pública, já no mestrado.

Agora eu explorava metodologias estatísticas e aprofundava meus conhecimentos na área de avaliação situacional de saúde. Sabia montar "mapas". Podia construir muito bem um diagnóstico sobre determinado problema de saúde. A gestão e

as políticas públicas logo aparecem em diversas oportunidades de vivenciar a "organização" da saúde. Câncer, HIV/Aids, análises técnicas em saúde, informação, mobilização social, comunicação... A experiência com populações evidenciava uma urgência pulsante de pensar o social. Um social que não fosse só feito de números, taxas, percentuais. Um social que pensasse as pessoas.

Foi com este intuito que construí um percurso profissional que traça uma conexão entre políticas públicas e o modo como o conhecimento deve ser trabalhado junto à população. Uma ligação entre teoria e prática que inclui trabalhos ora mais voltados ao universo acadêmico, ora à carreira profissional em si, com foco na gestão e em políticas sociais.

Mas a teoria parecia não escutar a prática. E a prática parecia não concordar com a teoria. A ciência estava distante. A informação não chegava. A comunicação era silenciada. Nos trabalhos mais direcionados à mobilização em saúde, parecia haver outra oportunidade de escuta quando as pessoas se encontravam presencialmente. Ah! Ali sim. Burburinhos. Silêncio. Falas exaltadas. Falas suaves. Gargalhadas. Músicas. Abraços. Era notório que a comunicação, lá, acontecia de outro jeito.

Também percebia outro local que apontava para novos horizontes: a internet fervilhava! Muita conexão e trocas de informações, mensagens, agrados e desagradados. O mundo *on-line* mostrava sua intensidade. Mas era tudo muito diferente. Entender que uma "máquina" era capaz de nos fazer viver outras experiências sociais foi o mesmo que senti quando olhei para a praia de cima de uma onda. Água, areia, céu. Havia um outro ângulo para pensar sobre as coisas.

Muito atraída pelas inovações das novas tecnologias de comunicação, eu achava que a internet deveria ser melhor aproveitada no campo da saúde de um modo geral. Para a comunicação, me parecia que o mundo *on-line* poderia criar uma estratégia mais heterogênea, participativa, inclusiva...

Foi então que me aproximei, em 2013, do grupo de pesquisa "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde", do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que tem o Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (NEXT) como seu laboratório de experimentações e expressão nas redes sociais da internet. O NEXT, criado em 2007, serviria para experimentar as tecnologias que emergiam à época da criação da web 2.0 e trazia como objetivo incorporar a internet e as práticas interativas à pesquisa, educação e serviços na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e no Sistema Único de Saúde (SUS).

Então, participei da primeira disciplina coordenada pelo meu futuro orientador, Nilton Bahlis dos Santos: "As redes sociais antes e depois da Internet: o que são e suas

possibilidades para a Saúde". A experiência me mostrou uma nova possibilidade de comunicação, informação e educação em saúde, e as atividades desenvolvidas reafirmaram meu interesse por trabalhar a comunicação pensando em uma proposta que permitisse maior participação social e inclusão da população na construção ativa do conhecimento em saúde. Essa vontade de estudar as novas relações sociais que surgem no mundo conectado cresceu enormemente impulsionada por algo extraordinário que vivemos em 2013: as "jornadas de junho". Durante esta disciplina, não apenas estudávamos a internet e as redes sociais, como vivenciávamos, na prática, um movimento de sincronização e emergência que tomou o país de ponta a ponta e tornou-se o maior movimento de massa que já vimos nos últimos tempos.

Todo o fenômeno de junho de 2013 foi possibilitado pelas novas tecnologias de comunicação, tendo em sua eclosão um forte componente de espontaneidade, que teve seu estopim a partir dos protestos contra o aumento de tarifas do transporte público, e uniu as mais diferentes pessoas, com todas suas singularidades, nas ruas, protestando contra a velha forma de fazer política no Brasil. A potência da multiplicação das mensagens pelas redes sociais da internet mostrou a sintonia dos vários problemas e não apenas representou um ganho no que tange à conquista do espaço público (as ruas, as praças, o Congresso Nacional), como uma forma de resistência ao poder do Estado, mas trouxe uma profunda reflexão aos usuários e estudiosos sobre o que pode a internet. Foi então que resolvi entrar de vez nessa "onda" e juntar minhas inquietudes profissionais com meus interesses pessoais.

Era um caminho provocador, contra a corrente. Um desafio, uma incursão em mim mesma. Deixei aflorar. Fui me achando, aos poucos, construindo meu caminho. Era difícil! Não desisti. Passei a arrebentação e deixei fluir minha intuição. Encontrei na escrita meu próprio lar e meus encontros passaram a acontecer.

Conversas com os amigos, desabafos com a família, orientações com meu professor. Daqui, dali, entre um papo e outro, surgiam ideias, livros, pensadores, referências. O conhecimento foi se costurando entre ciência, filosofia e vida prática. Eu, definitivamente, havia saído do padrão.

Vivia e experimentava uma constante desconstrução do meu "eu". Era uma busca por quebra de paradigmas práticos e teóricos. No percurso de doutoramento havia uma liberdade que ampliava as possibilidades da pesquisa e permitia que o desenho de estudo ganhasse forma no decorrer do processo de pesquisa, nunca de forma fechada, definida, estanque.

Minha natureza se efetivava e eu percebia que meu olhar era sempre em torno do amor, das alegrias. Não tinha jeito de abandoná-lo, porque ele faz parte de mim. Então, meu "desajuste" me clareou!

Estudava sujeitos ativos na busca pela resolução de problemas e construção de conhecimento. As redes sociais da internet eram um ambiente potencializador da liberdade para construção de ações autogeridas. O olhar alegre me levou à filosofia, que veio como método para repensar uma comunicação mais humana.

Foi assim que cheguei ao meu pensamento. Fica aqui construído, mas não se esgota em si. Antes de ser ponto final, ele é reticências, como a vida, sempre a se redobrar.

## RESUMO

Esta pesquisa mostra a força dos afetos e seus impactos sociais e políticos para a vida dos sujeitos humanos, considerando o mundo hiperconectado que a internet de hoje permite vivenciar. Por meio de uma incursão na alegria, mostra exemplos de resistência e cooperação capazes de subverter lógicas tradicionais de controle e domínio. A filosofia veio como base para o método, que traça um plano e cria o conceito de Comunicação Alegre, cujo mergulho em Spinoza permitiu entender a comunicação como um processo interativo de circulação de afetos. A alegria aparece aqui como "chama da vida" que torna os indivíduos ativos e propositivos, portanto livres, e aptos para agir e criar outras perspectivas de existência. Baseado nas experiências de três grupos conectados via internet e voltados ao campo da saúde, a saber, os ativistas do diabetes, o grupo de profissionais da rede hemoterápica do Estado do Rio de Janeiro e o grupo Envelhecimento em Comunidade, o estudo aponta para a possibilidade de perceber a comunicação e saúde de modo mais humano. Valendo-se de um processo comunicativo mais democrático, revela que a formação de subjetividades não se pauta apenas na produção de ideologias e de bens materiais, mas vem do coração das pessoas, posto que o sentido maior da vida, a felicidade, transborda justamente no contentamento por estarmos juntos.

Palavras-chave: comunicação e saúde; internet; redes sociais; afetos; potência.

## ABSTRACT

This study is about the strength of affections and their social and political impacts on the life of human society and individual's lives, in today's hyperconnected world that the internet allows us to experience. It demonstrates cases of resistance and cooperation that through the joy subverts the traditional logic of control and domination. These examples were combined with philosophy which served as a theoretical basis for this study and allowed the delineation of a plan and the construction of the concept of "Joyful Communication". A plunge into the theories of Spinoza led to an understanding of communication as an interactive process of circulation of affections. Joy rises as the "flame of life" that forms active and creative individuals, who are free and able to act and build other perspectives about their existence. This research demonstrates the possibility of perceiving communication and health in a more humane way, through the experiences of three groups connected by the internet and focused on the area of health. These were an diabetes activist group, a group of professionals from the Rio de Janeiro State hemotherapy network and the "Aging in Community" group. It reveals that by taking advantage of a more democratic process of communication the generation of subjectivities does not rely only on the creation of ideologies nor on the production of materials goods, but rather comes from people's hearts, since the greater meaning of life, happiness, overflows precisely due to the contentment of being together.

Keywords: communication and health; internet; social networks; affections; potency.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela do infográfico sobre o acesso à internet no Brasil, em 2016.....	22
Figura 2 - Gráfico de redes centralizada (A), descentralizada (B) e distribuída (C).....	25
Figura 3 - Fotografia de manifestação durante as jornadas de junho. Candelária, Rio de Janeiro, 2013.....	40
Figura 4 - Gráfico das paixões-alegres e paixões-tristes em Spinoza.....	43
Figura 5 - Esquema da formação de ideias inadequadas e adequadas e a respectiva produção de sujeitos passivos (paixão) e ativos (ação). ....	48
Figura 6 - Captura de tela dos perfis do blog e da página do Facebook do "Eu, meu filho e o diabetes".....	74
Figura 7 - Captura de tela de postagem e comentários da página de Facebook "Eu, meu filho e o diabetes".....	75
Figura 8 - Captura de tela de postagem sobre o que fazer em caso de hipoglicemia, e alcance da mesma,.....	76
Figura 9 - Captura de tela da postagem para mobilização em rede sobre a carência de estoques de insulina e insumos nas farmácias do SUS.....	77
Figura 10 - Imagem do cartaz da campanha dos Blogueiros de Diabetes para tornar o teste de glicemia obrigatório em serviços de urgência e emergência.....	79
Figura 11 - Captura de tela de postagens para mobilização social sobre a ouvidoria do SUS no Twitter dos Blogueiros de Diabetes.....	80
Figura 12 - Captura de tela de postagens no Twitter sobre a importância do teste de glicemia no perfil do Blogueiros de Diabetes e do ex-Ministro da Saúde Alexandre Padilha. ....	81
Figura 13 - Captura de tela de postagens no Twitter para prorrogação do prazo da consulta pública junto à CONITEC.....	82
Figura 14 - Captura de tela de diálogo entre médico e paciente no Grupo de Facebook "Diabetes Brasil".....	83
Figura 15 - Captura de tela do perfil do grupo de WhatsApp Central-Zap Hemoterapia.....	86
Figura 16 - Captura de telas de chat para requisição de hemocomponentes.....	87
Figura 17 - Captura de tela de chat para requisição de insumos.....	88
Figura 18 - Imagem usada para inibir mensagens fora do contexto no Grupo de WhatsApp Central-Zap Hemoterapia.....	89
Figura 19 - Captura de tela de chat sobre pedido de urgência de hemocomponentes.....	91

Figura 20 - Captura de tela de chat sobre redistribuição de estoques da Hemorrede-RJ.....	91
Figura 21 - Captura de tela do grupo "Envelhecimento em Comunidade" do Facebook.	94
Figura 22 - Captura de tela de postagem sobre saudade.....	99
Figura 23 - Captura de tela de postagem sobre alcoolismo.....	99
Figura 24 - Captura de tela da postagem "Uma pergunta picante" no Grupo "Envelhecimento em Comunidade".....	101
Figura 25 - Captura de tela de postagem sobre namoro no Grupo "Envelhecimento em Comunidade".....	102
Figura 26 - Quadro ilustrativo sobre as paixões e ações em Spinoza.....	108
Figura 27 - Esquema Comunicação Alegre.....	113

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>DAS TEORIAS</b>	<b>16</b>
<b>1.1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1.1.1	À INTERNET, AS REDES SOCIAIS E SUAS POSSIBILIDADES	21
1.1.2	COMUNICAÇÃO INTERATIVA E SAÚDE	27
<b>1.2</b>	<b>PRESSUPOSTOS</b>	<b>33</b>
1.2.1	PRESSUPOSTO I: NOVAS POSSIBILIDADES QUE SURGEM COM A INTERNET	33
1.2.2	PRESSUPOSTO II: A SINTONIA COM A VIDA (IMANÊNCIA)	35
1.2.3	PRESSUPOSTO III: REDE SOCIAL NÃO DEVE SER CONFUNDIDA COM PLATAFORMA OU APLICATIVO	39
1.2.4	PRESSUPOSTO IV: OS AFETOS COMO POTÊNCIA REVOLUCIONÁRIA NA COMUNICAÇÃO	40
<b>1.3</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DE REPENSAR COMUNICAÇÃO E SAÚDE</b>	<b>49</b>
<b>2</b>	<b>DOS OBJETIVOS</b>	<b>51</b>
<b>2.1</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>51</b>
<b>2.2</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>52</b>
<b>3</b>	<b>DA METODOLOGIA</b>	<b>53</b>
<b>3.1</b>	<b>PONTO DE PARTIDA</b>	<b>53</b>
<b>3.2</b>	<b>RECORTE DA PESQUISA</b>	<b>61</b>
<b>3.3</b>	<b>CRIAR CONCEITOS</b>	<b>62</b>
<b>3.4</b>	<b>O PLANO DE IMANÊNCIA</b>	<b>65</b>
<b>3.5</b>	<b>A CRIAÇÃO DO CONCEITO E O PLANO DE IMANÊNCIA</b>	<b>68</b>
<b>4</b>	<b>DAS PRÁTICAS</b>	<b>72</b>
<b>4.1</b>	<b>NAVEGAÇÕES NO PLANO-MAR</b>	<b>72</b>
4.1.1	A COMUNICAÇÃO NO ATIVISMO DO DIABETES	73
4.1.2	COMUNICAÇÃO PARA A GESTÃO EM SAÚDE: CENTRAL-ZAP HEMOTERAPIA	84
4.1.3	A COMUNICAÇÃO NO GRUPO ENVELHECIMENTO EM COMUNIDADE	92
<b>5</b>	<b>DA COMUNICAÇÃO ALEGRE</b>	<b>104</b>
<b>5.1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES MICROPOLÍTICAS PARA A SAÚDE</b>	<b>114</b>
<b>6</b>	<b>DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>129</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>132</b>
	<b>ANEXO</b>	<b>137</b>

## 1 DAS TEORIAS

### 1.1 INTRODUÇÃO



*O abraço do médico cubano com a líder de uma comunidade do sertão da Paraíba mostra que o cuidado em saúde vai muito além de tratar doenças. Foto: Araquém Alcântara. Mais Médicos. Editora TerraBrasil, 2015.*

Um aperto de mão, um abraço, um sorriso revigoram o dia. Do mesmo modo, as agressões, a raiva ou o medo nos tornam fracos e esvaziados de nossas energias. Como percebemos, os sentimentos que nos rodeiam, enquanto sujeitos humanos, nos contagiam, circulando socialmente, sem necessidade de palavras, e são capazes de operar grandes mudanças nas nossas vidas.

Todos nós já experimentamos algum tipo de relação assim. Essa não é uma novidade. A novidade é pensar o que pode esse tipo de comunicação.

No contexto contemporâneo, é conhecida a necessária importância de pensarmos nossos padrões e nossas práticas para que olhemos o mundo e seus fenômenos por novos ângulos. Essa procura incessante por refletir sobre a complexidade da vida e a constância dos paradigmas que reproduzimos aparece em muitas frentes, claramente perceptíveis nas procuras pessoais mais íntimas e instigantes. Considerar, contudo, que este "incômodo" repousa no que se refere apenas à psique

humana já não é mais sustentável. A ciência também repensa sua lógica, seus modelos de racionalidade, seus paradigmas, com objetivo de construir conhecimentos que melhor dialoguem com o mundo dinâmico e complexo em que vivemos.

As matrizes disciplinares e a objetividade da ciência são contestadas no momento em que assumimos que "fazer ciência" também é trazer para a pesquisa um tanto de subjetividade. A natureza teórica do conhecimento científico tem como resultado a produção de conhecimentos causais, que se expandem em função da formulação de leis, baseadas na constância dos fatos observados, cujo objetivo é esclarecer e prever fenômenos. Assim, o determinismo mecanicista explica o mundo por meio da ordem e da estabilidade e constrói conhecimentos objetivos, práticos, funcionais, mais focados na capacidade de dominar do que de compreender a complexidade de um determinado acontecimento. No entanto, quando a ciência assume a incerteza, torna-se impossível separar o sujeito do objeto, pois eles só existem a partir de suas relações, correlações e conexões. Esta situação traz a subjetividade para a prática científica e coloca uma outra perspectiva para a pesquisa que vai além da objetividade. A ciência, que classicamente era vista como sinônimo de certeza e segurança, agora desliza entre a assertividade e o caráter subjetivo. Tamanho "emaranhado" do mundo leva a este intercâmbio que amplia ideias e saberes vindos de outras culturas, atraindo a possibilidade de partilha para a construção do entendimento por meio de diferentes teorias, filosofias e visões de mundo. Os conhecimentos precisam ser unidos, mesmo quando parecem se opor uns aos outros. Por isso, é preciso voltarmos o olhar para o que não é considerado ciência, para o senso comum<sup>1</sup>, e assumir um novo sentido comum, mais participativo, solidário e ético (KUHN, 1998; MORIN, 2007; SANTOS, 2001).

O modelo da racionalidade hegemônica, da ciência pura, isolada e neutra, reduziu a complexidade do mundo e encontra limites para explicá-lo. A "reforma do pensar" pode ser um meio de compreender a diversidade do nosso universo. Os saberes, aqui mais especificamente os relacionados à comunicação em saúde, não deveriam mais ser encarados de modo dual, como "certos" ou "errados", mas sim como horizontes de multiplicidade, onde as diferenças são assumidas e as fronteiras do conhecimento entendidas como zonas de vizinhança. Uma convivência de forças que se relacionam no

---

<sup>1</sup> As reflexões de Boaventura sobre senso comum surgem de suas análises e críticas ao pensamento racional, que deu origem ao pensamento científico, filosófico e hegemônico ocidentais. Para ele, a racionalidade científica entende o senso comum como o pensar das pessoas comuns, baseado em suas experiências e métodos. É um pensamento, portanto, conservador e fixista. O saber científico, que rejeitou o senso comum, apresentou-se como o "conhecimento verdadeiro", enquanto os demais conhecimentos foram considerados como superficiais e falsos. A ponderação que Boaventura faz é que o senso comum tem potencialidades capazes de fomentar novas práticas para o conhecimento pós-moderno e propõe um "novo senso comum", onde não exista a distinção hierárquica entre os saberes, pois o saber dito "vulgar" é fundamental para a produção do conhecimento científico (SANTOS, 2001).

encontro, nos devires. O devir, ponto de partida, abre as pessoas para outros territórios, onde novas subjetividades se formam, sempre em fluxos cambiantes.

Acontece que, embora entendamos isso, esta não é a realidade que vemos acontecer na prática. Os esquemas comunicativos ainda estão focados nas mensagens, que são transmitidas de um "emissor" para um "receptor", por meio de um canal, evitando ao máximo os "ruídos", entendidos como falhas, problemas de comunicação que prejudicam a mensagem. Desse modo, a comunicação ainda é compreendida como algo capaz de moldar as atitudes e comportamentos por meio de informações efetivas e adequadas. Esse fato, na prática, gera uma comunicação sem escuta e sem diálogo, na qual a população é tratada como carente e ignorante, e onde a verdadeira diversidade (o "ruído") é desconsiderada. Assim, tudo o que não foi trazido pelo "emissor" fica silenciado, de maneira que os fenômenos deixam de ser entendidos de modo mais abrangente. Esta situação fortalece o modelo campanhista de saúde, reforçando padrões prescritivos e taxativos dos processos comunicativos (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Apesar de todo o desenvolvimento tecnológico e dos modelos comunicacionais, os paradigmas da comunicação ainda buscam atingir determinados objetivos, definidos por um dos polos da relação comunicacional, quais sejam o gestor, o governo, as instituições públicas e privadas. Na saúde, isto ocorre em função do tipo de discurso que ali predomina, marcado pela fala central especializada, autorizada por quem tem o poder de dizer e de interpelar os atores sociais. Assim são ditados os modos como os cidadãos adoecem, morrem e cuidam da saúde, o que confere à comunicação o caráter de variável responsável para criar um clima propício à recepção das mensagens (OLIVEIRA, 2004).

A linearidade deste modelo de transmissão de mensagens dificulta a compreensão da natureza das relações humanas e faz com que a comunicação não incorpore as experiências da população, suas vivências e o seu ponto de vista em relação aos seus problemas, ignorando suas particularidades. Embora existam diversos modelos comunicacionais que tentam entender as práticas comunicativas, recorrentemente as estratégias recaem em modelos transmissionistas de mensagens, e os contextos, quando considerados, levam em conta apenas aspectos sociais, econômicos, de escolaridade e renda, culturais, hábitos e padrões, etc.

Pude evidenciar em minha prática de trabalho com saúde<sup>2</sup> que os problemas colocados pelos técnicos não eram os mesmos da população e, muitas vezes, nem o

---

<sup>2</sup> Foram três anos de experiência na formulação de políticas públicas e planejamento sobre câncer feminino, no Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), onde fui consultora técnica da Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede, vinculada à Coordenação Geral de Prevenção e Vigilância desta instituição. A preocupação geral, na época, era oferecer aos gestores e profissionais de saúde informações técnicas para apoio às tomadas de

que eles próprios chegavam a considerar entre eles. Os entraves burocráticos, gerenciais e políticos retratavam a dificuldade de uma proposta mais inclusiva e interativa em nível central. Embora muitas ações tratassem mais prontamente de tentar suprir as carências de participação e mobilização social, incluindo medidas educativas e de comunicação, os sentimentos que transitam nas relações humanas na saúde eram muito pouco considerados, como se saber o que as pessoas sentem afetivamente (umas com as outras ou diante de determinada situação de vida e condição de saúde) fosse pura abstração. Simultaneamente, a comunicação se revelava, em meu dia a dia, com uma outra lógica relacional, que deveria ser repensada de modo mais democrático e inclusivo, tendo em conta que os afetos são elementos presentes nesses processos.

A internet interativa, como a que temos acesso nos dias de hoje, manifesta-se como um ambiente mais dinâmico de participação, no qual as redes sociais despontam pela sua espontaneidade, heterogeneidade e diversidade. Isso é algo ainda desconhecido, nunca antes vivenciado pela humanidade, que assusta, mas revigora, à medida que nos revela a oportunidade de um novo protagonismo social, marcado não pela autoridade, mas pela possibilidade de mudança de centros de poder. Muito dessa percepção vem da compreensão de que o saber passa a ser entendido como algo que está em toda a humanidade, uma vez que qualquer pessoa pode contribuir com um pouco do que sabe e ninguém sabe tudo. Cada conhecimento compartilhado ajuda a construir um novo saber, que não é a soma das partes, mas um imponderável, uma inteligência coletiva (LÉVY, 2003). Por este ponto de vista, podemos dizer que a internet amplia a nossa sociabilidade, nos impulsionando para um caminho mais humano, de um jeito diferente, usando as máquinas e a tecnologia com o propósito de nos auxiliarem para sermos mais colaborativos (CASE, 2010). Este ambiente, ao potencializar nossa liberdade, permite sustentar novas práticas: podemos criar; conseguimos ir "daqui para ali", pois não existem caminhos físicos e nem temporais definidos; mostramos outros pontos de vista; descobrimos coisas pela nossa própria contemplação; desconstruímos paradigmas de qualquer espécie: culturais, políticos, educacionais, religiosos; trazemos à tona realidades outrora silenciadas.

As pessoas estão na internet. Elas estão conectadas e compartilham experiências, informações, dúvidas, problemas e, assim, vão construindo conhecimento. Não podemos mais menosprezar este saber, pois ele está aí, espalhado, e traz impactos diretos para a vida. Por isso, há necessidade de estudar a comunicação na sociedade em rede, de

---

decisões no planejamento e gestão das ações de saúde e dar subsídios à construção de políticas públicas para o câncer. Em um dos eixos estruturantes deste grande objetivo geral estava a comunicação e saúde, voltada também para a mobilização social. Esta oportunidade de trabalho me permitiu perceber a dificuldade em realizar ações de saúde para a efetividade das políticas adotadas pelo Ministério da Saúde, contemplando as singularidades que marcam nosso país.

modo que nos permita perceber como se estabelecem as relações na internet, mas considerando que no ambiente conectado também estão presentes os afetos, os sentimentos, e que eles não param de nos atingir o tempo todo.

### 1.1.1 A internet, as redes sociais e suas possibilidades

*"Criar meu web site  
Fazer minha home-page  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada  
Um barco que veleje*

*Que veleje nesse infomar  
Que aproveite a vazante da infomará  
Que leve um oriki do meu velho orixá  
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé*

*Um barco que veleje nesse infomar  
Que aproveite a vazante da infomará  
Que leve meu e-mail até Calcutá  
Depois de um hot-link  
Num site de Helsinque  
Para abastecer*

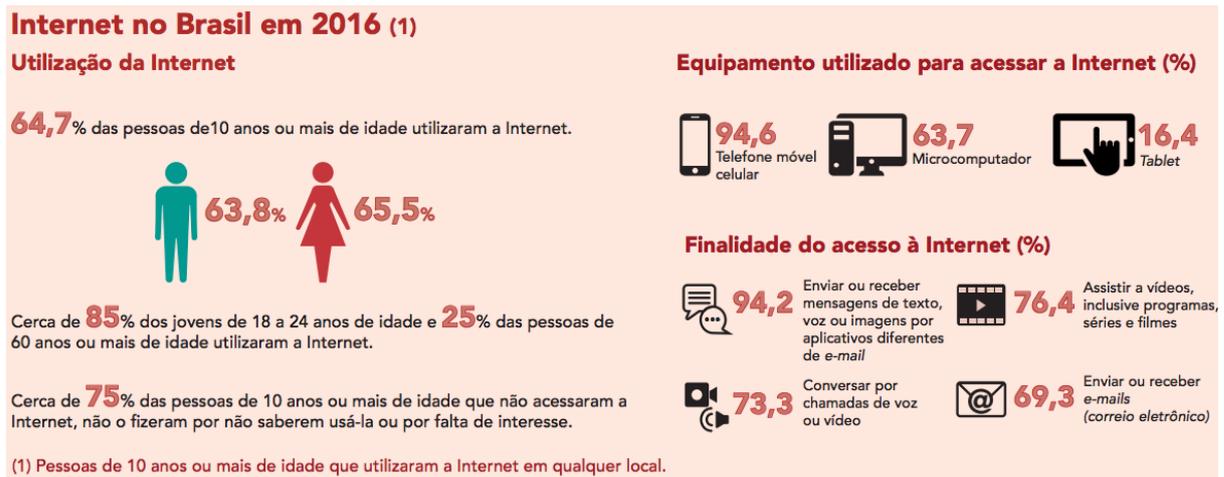
*Eu quero entrar na rede  
Promover um debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut*

*De Connecticut acessar  
O chefe da milícia de Milão  
Um hacker mafioso acaba de soltar  
Um virus pra atacar programas no Japão*

*Eu quero entrar na rede pra contactar  
Os lares do Nepal, os bares do Gabão  
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular  
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar"  
Gilberto Gil - Pela Internet*

Segundo o relatório "Economia da Informação 2017: Digitalização, Comércio e Desenvolvimento" da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2017), o Brasil era o quarto país com maior número absoluto de usuários de Internet, com cerca de 120 milhões de usuários em 2015. Dados nacionais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) apontam um número um pouco menor de usuários de internet: em torno de 116 milhões de usuários em 2016. Em relação ao acesso à internet, quase a totalidade das pessoas (94,6%) acessava a rede por telefone móvel e 94,2% se comunicavam por aplicativos para troca de mensagens, dado que reforça o papel dos celulares no aumento do acesso à internet nos domicílios brasileiros (Figura 1).

Figura 1 - Captura de tela do infográfico sobre o acesso à internet no Brasil, em 2016.



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016.  
Extraído de: Agência de Notícias IBGE (IBGE, 2018).

Embora existam lacunas para o acesso à internet de modo mais equânime, o alto percentual de brasileiros conectados (aproximadamente 60% da população, se considerarmos os dados do IBGE e da ONU) reforça a importância e o impacto das redes sociais no dia a dia da população do Brasil.

O Núcleo de Experimentações de Tecnologias Interativas (NEXT), da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz), assim como diversos outros autores, considera que redes sociais são as relações entre pessoas, podendo ou não ser mediadas por sistemas informatizados. Quando surge a internet, tais relações tornam-se abertas, porosas e apresentam-se com um formato peculiar onde as relações hierárquicas perdem forças e deixam de prevalecer. Por não serem fechadas e verticais, as redes sociais da internet estão em constante movimento, fazendo-se e desfazendo-se conforme as modificações ocorridas no ambiente (NEXT, 2015).

Para Barabási, nós todos fazemos parte da rede social mundial, pois por algum caminho todos nós estamos conectados.

Somos todos parte de um grande aglomerado, a rede social mundial, da qual ninguém é excluído. Não conhecemos todas as pessoas deste planeta, mas existe um caminho entre qualquer um de nós dois nessa rede de indivíduos (BARABASI, A., 2002; p. 16).

A distância das pessoas no mundo, que antigamente podiam perder completamente o contato ao migrarem de um local para outro, foram aos poucos sendo amenizadas. No século XX, as separações geográficas foram radicalmente encurtadas e, com a web, esse fato foi ampliado, fazendo com que os vínculos sociais se mantenham

vivos e possam ser ativados muito facilmente. A capacidade de encontrar pessoas tem a ver, cada vez menos, com a distância física entre elas (BARABÁSI, 2002).

No modelo da "rede livre de escalas", descrito por Barabási em 1999, parte-se de um pequeno número de vértices ("nós") e, com o passar do tempo, criam-se novos vértices que se unem aos já existentes, com o mesmo número de combinações que o número de vértices. Para ele, a probabilidade de um novo vértice ligar-se a um já existente depende da "intenção" deste último, ou seja, quanto mais conectado um vértice for, maior é a chance de um novo vértice estar conectado a ele. Assim, alguns "nós" poderiam possuir mais ligações que outros, não sendo as ligações formadas de modo aleatório, como as outras teorias vinham propondo (BARABÁSI, 2002).

Segundo essa teoria, existiriam "nós dominantes", que para Barabási eram aqueles com mais conexões, e os outros "nós" com menor oportunidade de conexões. Assim, se permitiria dizer que as ligações da rede eram feitas de modo preferencial e não aleatório. Além disso, esta rede estaria em constante crescimento e evolução e alguns "nós" da rede atrairiam outros "nós".

Essa teoria, contudo, possui limitações quando consideramos a interatividade que as novas tecnologias alcançaram nos dias atuais. Na época em que Barabási apresentou o modelo de "rede livre de escalas", em 1999, ele afirmava que sempre existiriam "nós" com muitas conexões e outros com poucas conexões, o que redundaria na regra de alguns "nós" dominantes e outros sem probabilidade de serem notados ou de se articularem; ou, ainda assim, sempre haveria tendência de formação de grandes conglomerados e nenhuma chance de articulação dos "nós" menos expressivos, seja nos negócios (economia), na ciência ou nas relações sociais. Entretanto, não parece ser bem isso que ocorre nos dias atuais. Um exemplo pode ser a economia emergente P2P<sup>3</sup>, onde se observa justamente o contrário: os "nós" menores fortalecem uns aos outros e, coletivamente, alcançam êxito em suas propostas econômicas. Além disso, quando nos referimos às redes sociais da internet, principalmente após do advento da web 2.0, há grande evidência de que outras variáveis perpassam as relações que ali se desenvolvem. Os interesses que em algum momento convergem não seriam unicamente explicados por métricas quantitativas de número de conexões.

Quando falamos de internet, o conceito de redes sociais não se modifica para ser outra coisa. O que ocorre é que as redes sociais da internet potencializam as interações e permitem que se crie uma nova dinâmica de relações. Aí reside a grande diferenciação

---

<sup>3</sup> P2P (peer-to-peer) é um tipo de produção colaborativa, descentralizada e compartilhada, que se insere no contexto da economia colaborativa. Essa produção, Tal modo de produção deriva da estrutura da rede de computadores, criada, principalmente, para o compartilhamento de arquivos. Nesse arranjo de redes, cada computador faz o papel de cliente e servidor, como nos antigos sistemas de compartilhamento de arquivos de música.

entre a sociedade que conhecíamos e a que estamos passando a vivenciar: a primeira se construiu a partir da lógica do livro e a de hoje se constrói a partir da lógica da internet. Isto quer dizer que transitamos de uma organização social estruturada em Sistemas Simples, marcados por carências de informações, números finitos de elementos, estruturados no espaço e no tempo, cujas relações eram estáveis, hierárquicas, homogêneas e baseadas em causa-efeito, com separação de papéis do autor e do leitor; para outra estruturada por Sistemas Complexos de Comunicação, com informações abundantes, números infinitos de elementos, independentes do espaço e do tempo, com relações instáveis, não hierárquicas, heterogêneas e interativas, nas quais há fusão dos papéis de autor e leitor (SANTOS, 2006).

A grande dificuldade de entender a configuração da internet reside no fato de haver uma mudança no jeito em que os "nós" se conectam: não temos mais apenas uma estrutura descentralizada, mas distribuída. O modelo distribuído é o único capaz de descrever e incorporar um número infinito de variáveis, relações ou elementos, o que ocorre em sistemas complexos, exatamente como apresentado na Figura 2. Diferente do sistema centralizado, no qual há um único "nó" capaz e responsável por todas as conexões (links); ou do sistema descentralizado, no qual existem vários subcentros de conexão, os "mediadores"; na rede distribuída existem infinitas possibilidades de conexão direta entre todos os elementos (BARAN, 1964). Esta é justamente a estrutura da internet que conhecemos hoje em dia: um "nó" pode fazer uma conexão com qualquer outro da rede, sem necessidade de "nós" intermediários que mediem ou centralizem esta conexão. Isto traz uma novidade: a estrutura da rede não pode ser desmanchada, como aconteceria em A caso o "nó" central fosse destruído, ou em B, onde a destruição de um "nó" mediador faria todos os outros subordinados a ele perderem suas possibilidades de conexão. Em C, mesmo que um "nó" seja destruído, todos os outros continuam conectados e atuantes.

A internet é um sistema que surge da reunião de várias redes menores capazes de incorporar novas redes infinitamente, formando uma grande rede que Doc Searls e David Weinberger (2003) definiram como um Mundo de Pontas. Em 2003, com o surgimento da web 2.0, a internet ganhava um caráter interativo e dinâmico, típico de sistemas abertos e distribuídos. O Mundo de Pontas aborda de forma simples a questão da distribuição, que é a chave da cibercultura, declarando que a internet não é complicada, é um acordo e é "estúpida"<sup>4</sup>. Eles também afirmaram que o valor da internet cresce na periferia do sistema; que a moeda de troca da internet, a informação, ganha

---

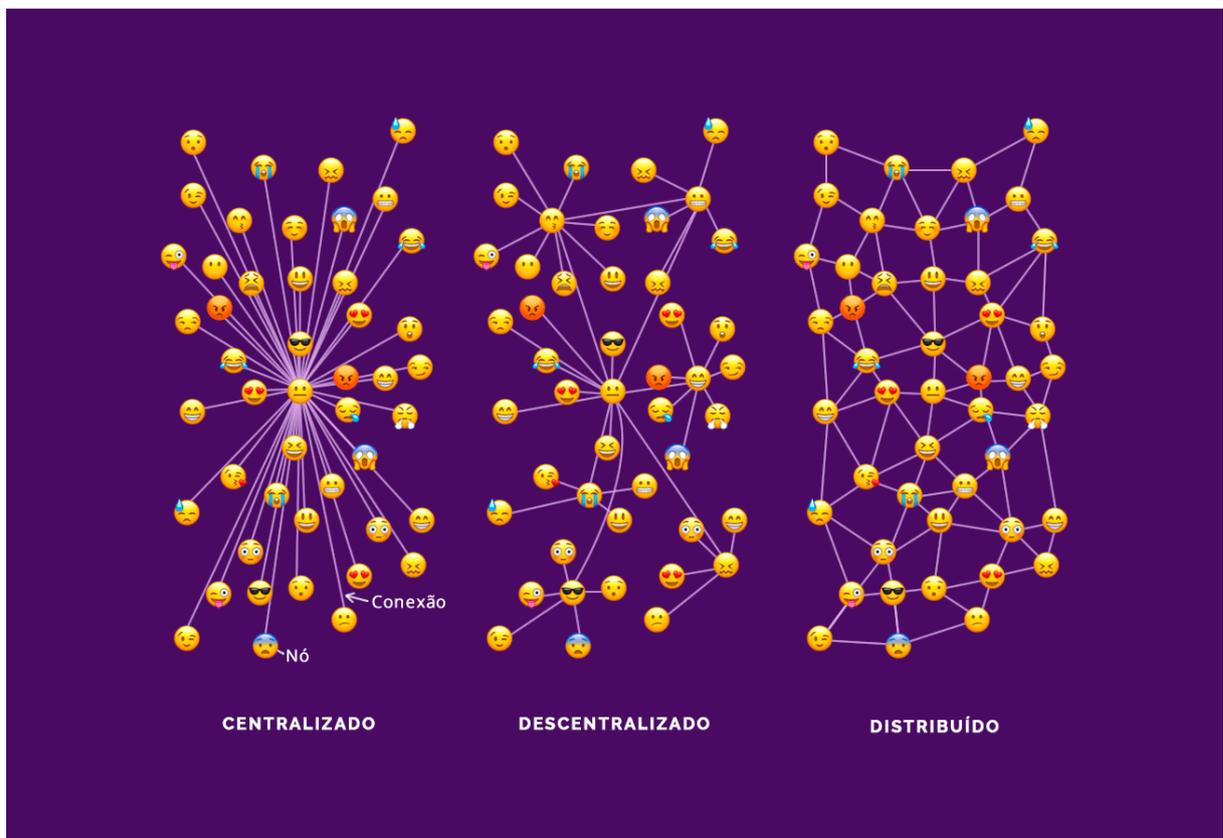
<sup>4</sup> Tradução literal do termo inglês "stupid".

força na periferia do sistema; que ninguém é dono da internet e todos podem usá-la e melhorá-la; e que a internet não é o fim do mundo, mas um Mundo de Pontas.

É neste novo contexto que se configuram os processos comunicativos atuais e sobre os quais alguns questionamentos são válidos:

- a) Os conceitos de comunicação que utilizamos permitem entender as práticas que experimentamos hoje?
- b) A comunicação em sistemas complexos e infinitos pode ser vista como um processo de transmissão de mensagens?
- c) É possível pensar a comunicação como um processo que se verifica entre homens, natureza e artefatos?

Figura 2 - Gráfico de redes centralizada (A), descentralizada (B) e distribuída (C).



Adaptado de: Paul Baran, 1964.

A discussão sobre essas três indagações é válida, pois a comunicação em sistemas complexos, como a internet não se restringe aos processos comunicativos intersubjetivos, nem é centrada na mensagem ou na narrativa. Neste cenário, as realidades são construídas como processos emergentes, que ocorrem de baixo para

cima, por meio da sincronização, onde a interação é tão ampliada que surge uma ordem coletiva, capaz de trazer consigo a validação social (SANTOS; BRITO, 2008).

A emergência é um fenômeno que ocorre quando componentes, elementos ou ações simples se sincronizam a partir de restrições, desenvolvendo algo diferente qualitativamente do que a soma de suas partes. É este fenômeno que podemos observar em diversos seres vivos, como as abelhas e vespas, os cardumes de peixes, o bando de pássaros voando juntos e muitos outros exemplos que encontramos pela natureza, nos quais seres "não inteligentes" se sincronizam, por meio de regras simples e formam uma nova estrutura, que lembra um "corpo único", uma emergência. Este "corpo" que surge não é a soma das partes, mas um novo padrão, como os formigueiros, por exemplo (JOHNSON, 2003).

É necessário considerar que processos de emergência acontecem de forma coletiva e plural. Existem diferentes subjetividades navegando na internet, com características políticas, religiosas, culturais, etc.; cada um é um, com suas personalidades, crenças e posições, mas, no coletivo, são todos uma multidão, todos ligados por uma mesma ponte que os unifica: a comunicação.

Acredito, então, que é a maneira como as pessoas estão conectadas umas às outras que faz a diferença. Quando os caminhos são únicos há hierarquia. Quando há distribuição, há mais conectividade e, conseqüentemente, mais interatividade. Este contexto, interativo, dinâmico e não restrito aos limites de espaço e tempo, permite diversos tipos e formas de atividades e relações; e mostra, como aponta a escritora e jornalista Elizabeth Lorenzotti (2013), no Observatório da Imprensa<sup>5</sup>, que há uma mudança social ocorrendo, na qual poder, controle, responsabilidade, cidadania e democracia vão ganhando outras formas, outros contornos que ainda não podemos descrever exatamente quais são. Elizabeth também atenta para o fato de que a centralidade independe da autoridade e vemos, cada vez mais, os jovens e os ativistas seguindo uns aos outros, trocando experiências, compartilhando informações. Eles estão em contato permanente, enquanto os meios tradicionais, como a grande mídia e as nossas instituições, repetem a lógica de transmissão de mensagens, que segue um caráter vertical de dominação baseado em uma pretensa superioridade do saber.

---

<sup>5</sup> [http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a\\_revolucao\\_sera\\_pos\\_televisada/](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a_revolucao_sera_pos_televisada/)

### 1.1.2 Comunicação interativa e saúde

*"O que a gente sente e não diz cresce dentro."*  
Paulo Leminski

Saúde e cura ganham significados diferentes conforme cada época. O conceito de saúde, assim como o de vida, não é algo preciso. A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que saúde é "um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença".

A medicina ocidental segue uma linha da ciência empírica moderna que se espalhou pelo mundo. Esta medicina conservou a abordagem biomédica, a qual funda toda a estrutura assistencial que conhecemos, que de tão especializada é chamada por Capra (2006) de medicina cosmopolita. O autor relembra que, embora a medicina ocidental seja amplamente utilizada, existem muitas outras abordagens de assistência à saúde, como a popular, o curandeirismo, a medicina indiana, chinesa, persa.

Capra (2006) afirma que a maior mudança da medicina ocorreu com a revolução cartesiana. Antes, tratava-se corpo e alma. Mas a rigorosa filosofia de divisão de Descartes alterou este modo de ver e tratar as pessoas, uma vez que o corpo passou a ser visto como uma máquina, dividido em "peças", as quais poderiam ser "consertadas". Com isto, os aspectos psicológicos, sociais e ambientais da doença deixaram de ser considerados nas anamneses. O reflexo disto é que a atenção foi transferida do paciente para a doença e daí começou a tendência para a especialização, que atingiu seu auge no século XX.

A abordagem cartesiana da ciência médica limitou-se a tentar explicar os mecanismos biológicos envolvidos com as enfermidades. Conhecer estes aspectos é útil e tem grandes méritos, mas eles são apenas uma parte da questão. Esta prática é limitada quando se fala de promoção e manutenção da saúde. Questões como nutrição, ansiedade, emprego, habitação, etc., são fundamentais nas discussões sobre saúde.

O que é verdadeiro para a prevenção da doença também vale para a arte de curar os enfermos. [...] os médicos têm de lidar com os indivíduos como um todo e com sua relação com o meio ambiente físico e social. [...] o fenômeno de cura estará excluído da ciência médica enquanto os pesquisadores se limitarem a uma estrutura conceitual que não lhes permite lidar significativamente com a interação de corpo, mente e meio ambiente (CAPRA. 2006. pág. 134).

O olhar sistêmico sobre a saúde foi resgatado pelo movimento da Reforma Sanitária, por volta dos anos 60-70 do século passado. Este movimento pela saúde

nasceu no contexto de luta antiditadura, conforme nos explicam Paim (2007) e Escorel (2008), resgatando uma abordagem médico-social cujas práticas ideológicas e políticas buscavam melhores condições de saúde e de assistência à população brasileira, entendendo a saúde como um direito dos cidadãos.

Podemos lembrar que, antes de 1964, o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Centro Popular de Cultura (CPC) trouxeram iniciativas no campo educacional, diretamente ligadas à política e à cultura da ideologia nacional-desenvolvimentista impulsionados pela Igreja Católica, envolta com as questões populares no período; pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que pensava uma revolução democrático-burguesa para o desenvolvimento do socialismo; e pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que defendia o despontar de uma nova cultura para o Brasil. O MEB, criado pela Igreja Católica, teve importante relação com a saúde, principalmente a partir do momento em que fechou convênios com o Ministério da Educação e Cultura e com o Ministério da Saúde. Objetivando difundir conhecimentos mínimos aos longínquos rincões do país, por meio de escolas radiofônicas, o MEB trazia a educação de base como propósito central, tendo como uma das linhas de frente um programa intensivo de educação sanitária. Ao final de 1962, época do "I Encontro de Coordenadores" do MEB, as propostas educacionais deste movimento foram reorientadas, alinhando-se a outros movimentos de educação e cultura popular, como o CPC, a "Campanha de Pé no Chão" e o sistema Paulo Freire, os quais traziam a perspectiva de consciência pessoal e coletiva como princípio educativo, criticando a passividade do educando e a centralidade do sistema de ensino. Por ser um movimento ligado à Igreja Católica, o MEB foi um dos poucos movimentos de educação e cultura popular que sobreviveu ao golpe militar de 1964 (GONZALEZ, 2016).

Escorel (2008) nos lembra que o movimento de Reforma Sanitária contou, em sua composição original, com três frentes principais: o movimento estudantil e o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), que contribuíram para difundir a teoria da medicina social; os movimentos de Médicos Residentes e de Renovação Médica, que atuavam politicamente na área do mercado de trabalho; e os profissionais das áreas de docência e pesquisa das universidades, responsáveis por construir o marco teórico-ideológico do movimento, que ajudou a formar novos adeptos desta causa.

O marco institucional deste processo foi a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, na qual Sérgio Arouca, então Presidente da Fundação Oswaldo Cruz, trouxe a novidade da participação civil no que tange às deliberações sobre a política nacional de saúde. Arouca lembra que

A Reforma Sanitária brasileira nasceu na luta contra a ditadura, com o tema Saúde e Democracia, e estruturou-se nas universidades, no movimento sindical, em experiências regionais de organização de serviços. Esse movimento social consolidou-se na 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, na qual, pela primeira vez, mais de cinco mil representantes de todos os segmentos da sociedade civil discutiram um novo modelo de saúde para o Brasil. O resultado foi garantir na Constituição, por meio de emenda popular, que a saúde é um direito do cidadão e um dever do Estado (AROUCA, 1998, em BIBLIOTECA VIRTUAL SERGIO AROUCA, 2016).

A ideia de saúde como direito dos cidadãos e dever do Estado trouxe como princípios doutrinários a descentralização, com direção única em cada nível federativo (municípios, estados e União); o atendimento integral à saúde, priorizando as ações preventivas, mas também os serviços assistenciais; e a participação da comunidade. Com a Constituição da República Federativa do Brasil, em 1988, foi criado o SUS e, pelas Leis Orgânicas da Saúde 8.080/90 e 8.142/90, asseguraram-se seus princípios e a representatividade oficial da sociedade civil. O artigo 1º desta última Lei garante a participação social por meio das Conferências de Saúde e dos Conselhos de Saúde nas três esferas do governo.

As Conferências de Saúde são fóruns que ocorrem a cada quatro anos, contando com diversos representantes de vários segmentos da sociedade, como os representantes dos usuários do SUS, o governo, profissionais de saúde, prestadores de serviço, parlamentares, entre outros, para avaliar a situação de saúde, propor diretrizes e definir prioridades e linhas de ação.

Já os Conselhos de Saúde têm uma estrutura de democracia representativa, sendo compostos por uma instância nacional, além das estaduais e municipais, estas últimas marcadas pela maior aproximação com a população. Tratam-se de órgãos colegiados de caráter permanente e deliberativo, com as funções de fiscalizar e propor políticas públicas de saúde, com composição prevista por 50% de representantes das comunidades usuárias do SUS, 25% de representantes de entidades governamentais e 25% de representantes de entidades não-governamentais. Embora o maior percentual seja relativo aos representantes dos usuários do SUS, o exercício da representação mostra-se desigual, com predomínio de uma elite composta por homens mais velhos, com nível mais alto de educação e salários maiores do que os da média da comunidade. Os Conselheiros são designados ora por escolha da própria comunidade, ora por eleições em assembleias e, algumas vezes, por indicações políticas. Além disso, não raro, os Conselheiros não entendem muito bem o que de fato significa o "controle social", acabando por exercerem uma função que mais combina com os interesses particulares

do que com o sentido político das suas funções (GERSCHMAN, 2004). Ressalta-se, porém, que as representações em saúde sofrem das mesmas falácias que outros setores da vida política do país, sendo mais reflexo da própria crise da democracia representativa do que uma especificidade do setor saúde.

Embora por um lado a consolidação do SUS tenha trazido um fortalecimento do aparato institucional da saúde no Brasil, ao longo dos anos o discurso-médico social se perpetuou em uma prática que se propõe a pensar e fazer pela população, não sendo esta a protagonista das práticas de saúde (SCOREL, 1998). Ainda que sejam inegáveis os avanços na área da saúde, o modelo assistencial no Brasil ainda é fragmentado, hierarquizado, centrado no médico e na orientação à doença, promovendo muito pouca autonomia ao paciente e ao cidadão e, talvez por isto, não responde de forma efetiva às necessidades de saúde da população. Em parte, isto se deve também à baixa participação efetiva da sociedade civil nas decisões políticas e estratégicas do SUS, mesmo com as instâncias legais de representação social, como apresentado por Gershman (2004). Evidentemente, há uma diferença no modo como tradicionalmente são pensadas as políticas públicas, buscando maneiras de influir sobre as decisões do Estado por meio da democracia representativa, enquanto que, para a população, as políticas públicas se manifestam no dia a dia, pela participação direta na tomada de decisões.

Santos (2016) apontou uma subversão à lógica centralizada e controladora que parte do Estado para a população em seu estudo sobre a Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua. Neste movimento, ficam evidentes a força e a dinâmica de uma mobilização social cuja concepção de políticas públicas ocorreu independentemente das iniciativas institucionais ou parlamentares, sendo fruto da mobilização solidária da população empenhada em buscar meios de resolver seus problemas por si mesma. Esse tipo de protagonismo social também foi pensado quando da criação do SUS em relação às questões destinadas a ampliar a informação dos usuários sobre saúde, por exemplo. Acontece que, rotineiramente, os instrumentos utilizados para comunicar e informar (A TV, os jornais impressos, os cartazes, folders, boletins, etc.) seguem a lógica do "emissor" e "receptor", o que deixa a população distante do processo participativo.

Desde 2006, o eixo de pesquisa "Redes Sociais na Saúde", do Núcleo de Experimentação em Tecnologias Interativas (NEXT), da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz), faz atividades, experimentações e projetos que se iniciaram com a pesquisa intitulada "Comunidades Virtuais no SUS", que procurava estudar a utilização da internet como meio de ampliar a participação cidadã no SUS,

sendo a solidariedade das pessoas uma questão chave para isso. Acontece que, no SUS, a participação cidadã tem como principais personagens representantes que se expressam basicamente por meio dos Conselhos e Conferências de Saúde, e dependem da disponibilidade e da boa vontade de gestores e profissionais que atuam na área. Em contrapartida, essa pesquisa apostava que as redes sociais permitiriam construir um ambiente mais heterogêneo, no qual cidadãos em geral, sanitaristas, profissionais, pesquisadores, professores, estudantes, organizações da sociedade civil e ativistas poderiam interagir trocando experiências, cooperando em prol de uma causa ou coordenando ações. Quando a internet modifica a lógica de transmissão de mensagem, rompendo com a linearidade do modelo "emissor - receptor", ela permite que aconteçam mudanças de centralidade dos atores na saúde. Essa modificação resulta em uma nova prática na qual as lógicas médica e assistencial podem ser questionadas, uma vez que as informações e as orientações de cuidados em saúde tornam-se mais acessíveis, modificando a relação entre médico e paciente, e entre profissionais e usuários do SUS. O resultado é uma nova forma de validação de conhecimentos construída de modo colaborativo.

Sendo assim, as comunidades virtuais tornam-se um ponto de apoio, pois incorporam o interesse, as vivências e as percepções dos fatos pelo ponto de vista da população, e facilitam a possibilidade de as pessoas buscarem respostas que mostrem um caminho para uma vida melhor, produzindo conhecimento coletivamente: uma parte aprende com a outra e ambas podem ser beneficiadas, ou seja, população e técnicos compartilham experiências e, assim, produzem um novo conhecimento, que é diferente da soma das partes, é algo novo. Por isso, esses espaços são importantes locais de empoderamento político, os quais viabilizam repensar o modelo biomédico; questionar-se sobre a medicalização<sup>6</sup> da vida; reconhecer a sabedoria popular (e outras); entender a saúde não apenas como um ato de cuidado, mas como um direito; refletir sobre o complexo da saúde; e repensar a participação da sociedade na saúde.

Nesse sentido, é preciso ouvir, esclarecer e perceber as preocupações das pessoas, processo fundamental para construir reflexões sobre as questões de saúde (e de doenças). Tratando a internet como meio de comunicação, é necessário explorar ao máximo sua interatividade, pois sem ela a comunicação volta à lógica antiga de transmissão de mensagem, hierárquica, fechada e vertical, prescritiva e taxativa, em que a população pouco participa, sendo mais passiva do que ativa nesse processo relacional.

---

<sup>6</sup> Medicalização é o processo pelo qual o modo de vida dos homens é apropriado pela medicina e que interfere na construção de conceitos, regras de higiene, normas de moral e costumes prescritos – sexuais, alimentares, de habitação – e comportamentos sociais. Este processo está intimamente articulado à idéia de que apenas o saber técnico é legítimo e todos os outros ficam silenciados. A medicalização se traduz em imposições políticas no corpo social, com pouca ou nenhuma participação cidadã nas tomadas de decisões.

A saúde deve ser percebida como uma questão da população e, sua promoção, entendida e praticada como um processo social. Para tanto, tudo que se aproxima dos interesses da população, ou seja, a interface entre o sistema, enquanto "armadura institucional", e as pessoas, deve ser considerada, como é o caso das redes das sociedades da internet, onde pode ocorrer o resgate entre a população e o sistema (SANTOS, 2016).

Exponho isso não porque tais relações ou fenômenos não aconteçam em outros locais, mas porque a internet facilita estarmos juntos. Ela propicia o encontro, a emancipação subjetiva (autonomia) e, assim, coletiva, já que sua configuração admite um processo de aproximação tal que, em algumas situações, nos tornamos uma coisa só, um coletivo. Este ambiente potencializa nossa liberdade, à medida que subverte as autoridades política e socialmente instituídas e traz outra perspectiva de centros de poder

Essa situação desperta todo tipo de possibilidades, pois de nenhuma maneira afirmaria que a internet traz apenas bons feitos. Há muita degradação e muita tristeza também no mundo virtual. Antigos paradigmas da humanidade sobre medo, ganância e poder. Gosto de dizer, entretanto, que a internet nos torna mais sociáveis, já que a tecnologia pode ser um instrumento auxiliar de cooperação humana.

Considero fundamental entender que, além das possibilidades tecnológicas da conexão em si, a rede desponta também como um ambiente que favorece e multiplica as chances de encontros, e que, por isso, reforça a possibilidade dos sujeitos humanos se afetarem. As afecções<sup>7</sup> abrem passagens que nos fortalecem ou diminuem, trazendo estados que se exprimem sob a forma de afetos. Muito além de um nível individual, os afetos circulam socialmente e são a expressão mais genuína da natureza humana que se efetiva em tristezas e alegrias. Estudar os afetos foi abrir a possibilidade de considerar a racionalidade das afecções humanas na comunicação e suas implicações no campo social, político e, conseqüentemente, no âmbito da saúde.

---

<sup>7</sup> Afecções, para a teoria espinosista, são as maneiras pelas quais um corpo é afetado na relação com outros corpos; são as marcas (Spinoza, 2016).

## 1.2 PRESSUPOSTOS

As reflexões iniciais dessa tese surgem de diferentes experiências da minha vida, que perpassam desde aspectos profissionais até aspectos pessoais, sendo possível descrever pressupostos que me ajudaram a criar um nível de articulação entre as vivências práticas e as teorias estudadas. Os pressupostos que enunciarei são acordos que firmo entre mim e o leitor e que permitem sustentar algumas questões abordadas nesta pesquisa. Como demonstro no capítulo que trata da metodologia, o caminho escolhido foi o da produção de outras ideias e práticas, nas quais a força das relações se expressa nos caminhos percorridos, no meio, no processo, e não nos fins, nas conquistas alcançadas. Tenho, assim, a intenção de contextualizar os pressupostos aqui apresentados por meio da construção de uma metodologia de estudo voltada para a comunicação. Da vida para a teoria: a pesquisa foi feita a partir das percepções práticas complementadas por explicações teóricas, que incitam as intenções a seguir.

### **1.2.1 Pressuposto I: Novas possibilidades que surgem com a internet**

Os estudos que fiz sobre comunicação durante o processo de doutoramento mostraram, para além das potencialidades do ato comunicativo em si, as lacunas que os modelos comunicativos mais usuais apresentam, os quais deixam os mais variados tipos de "vazios" do ponto de vista democrático e de participação social. Pensar em um novo modo de comunicar-se, então, era um desafio, uma vez que minha intenção era explorar um ambiente totalmente novo e contemporâneo, a internet. Usá-la exigia uma profunda reflexão sobre paradigmas culturais e práticos que irrompessem em outros caminhos conceituais e metodológicos, ou seja, que revelassem uma outra visão sobre o que é comunicação.

Em Notas sobre a Educação à Distância e a Revolução Tecnológica, há uma descrição desse panorama das mudanças de paradigmas quando falamos em uso de novas tecnologias. Para Santos (2005a), as novas tecnologias e a internet oferecem subsídios para repensarmos nossas práticas, nossas dinâmicas. A reflexão parte da compreensão sobre as modificações conceituais de comunicação e informação, mostrando que há um outro paradigma para o entendimento desses campos.

Se, por determinada visão, a informação era a representação de relações determinadas e imutáveis, a comunicação era um processo de transmissão ou disseminação dessas "informações", e a educação a "introdução" de algo no educando, com "o surgimento e consolidação" da internet, o cenário é diferente. Ao criar um sistema capaz de universalizar registros e acesso a eles, ao estabelecer a comunicação em tempo real, ao viabilizar a desconsideração dos parâmetros de espaço e tempo, ao promover uma interatividade exacerbada e ao viabilizar o processamento de informações em número infinito, a internet criou uma série de novos problemas, ao mesmo tempo em que possibilitou e, em um certo sentido, exigiu novos tipos de práticas cognitivas (SANTOS, 2005a).

Para Santos (2005a), do mesmo modo que a escrita, mais especificamente a imprensa, foi central no processo que gerou a "Ordem do Livro", as "novas tecnologias" de informação, preponderantemente a internet, trouxeram um novo processo, chamado por ele de "Ordem da Web". A diferença fundamental entre as duas, para além do fato de a primeira trabalhar com um sistema finito de informações e a outra tratar de um número infinito, é que a Ordem do Livro organiza as informações em compartimentos estanques, e a "Ordem da Web", não: ela permite relações de qualquer tipo, entre todo tipo de informação.

Essas novas relações trazidas pela internet rompem com as práticas sociais que conhecemos e com as quais estamos acostumados. Isso porque a internet, com sua característica de rede distribuída, agita e caotiza o que parecia estar sob controle: a sociedade. A internet, por isso, incomoda os centros de poder socialmente estabelecidos e, ainda que exista muita resistência política para que o controle se mantenha, o espaço de não-controle da internet permite que transformações sociais aconteçam.

Serres (2000) diz que a "sociedade pedagógica" é esta nova sociedade que se forma buscando informações em fontes diversas e que acaba aprendendo sobre determinados assuntos, independentemente do ponto de vista técnico, evidenciando outros conhecimentos que permaneceram durante muito tempo no anonimato, esquecidos ou sequer revelados. Para ele, isto acontece porque a internet é um espaço de não-controle: qualquer pessoa tem acesso a um número infinito de informações não validadas tecnicamente e não controladas. A estranheza aparece porque estamos socialmente acostumados com espaços de direito, espaços jurídicos, controlados, que vigiam a sociedade. A internet rompe com este paradigma.

Linhas de fuga, novas formas de dizer, de existir, de ser conhecido, de comunicar-se, de entender o mundo a partir da própria percepção dos indivíduos. Subjetividades outrora esquecidas aparecem como protagonistas neste ambiente das redes sociais da

internet, em que liberdade e criação tem mais afinidade com a produção de sentidos do que com os princípios de controle e servidão.

### 1.2.2 Pressuposto II: A sintonia com a vida (imanência)



#gosurf. EcoSurf Brasil. Disponível em: [goo.gl/p8QqLB](http://goo.gl/p8QqLB).

As relações que surgem com a "Ordem da Web" (SANTOS, 2005a) permitem pensar em propostas específicas para a comunicação voltada à saúde: inovadora, baseada na troca de experiências, aberta e dinâmica, independente de limites temporais, geográficos e históricos e em sincronia com as dinâmicas da sociedade, portanto, em sintonia com a vida.

Assumir que a vida é feita de encontros é essencial para construção das minhas reflexões. A vida é pensada como um encontro de corpos. Corpos que se afetam e se degradam, por meio das tristezas, ou se fortalecem, pelas alegrias, aumentando ou diminuindo suas forças existenciais ou potências de agir. As tristezas e as alegrias são, dessa forma, grandezas da ordem do encontro. A força da existência encontra-se não

mais na imagem, nos signos, mas na relação, na vida. Uma vida que não transcende, que não se abre a outro plano, mas está aqui, no presente e no agora, pois tem em si o próprio início e fim. Pura imanência: o processo de produção da vida contido na própria vida (DELEUZE, 2002b).

A relação com o mundo precisa, então, ser considerada. O ser racional aprende a se relacionar com o mundo, a entrar no ritmo das leis da natureza. Deleuze, já no final de sua vida, percebeu sua filosofia na força vibrante da alegria dos surfistas. Ele corporificou no surfe sua teoria: o conhecimento dos afetos compreendidos na relação dos homens com o mundo, surfista e onda, evidenciou a possibilidade de ser o próprio sujeito humano o provocador de suas alegrias. A escolha por bons encontros, aqueles que aumentam a potência de agir/força de existir, como ir ao encontro da onda certa que vai permitir surfar, permite sair de uma vida servil e à revelia das forças externas que nos afetam, e entrar num estado relacional de composição que permite viver uma vida mais alegre, mais ética, portanto livre.

O surfe chama a minha atenção por ser uma experiência prática da filosofia deleuziana-spinozista: é um esporte que ensina sobre sintonia com a vida. Para praticá-lo é preciso sintonizar-se à uma série de elementos que não podemos controlar, como as correntes marítimas e o vento. Quando há uma entrega por completo à água, à energia das ondas e à prancha, surge uma harmonia com o ambiente, e então se surfa. Toda essa sinergia evidencia que surfar é emergência, é ser junto ao invés de apenas estar junto. A onda, essa perturbação do mar, produto da afecção das forças dos ventos contrários, é um dos elementos que criam a condição de emergência experimentada.

Charles Feitosa, em entrevista ao documentário "A Vaga"<sup>8</sup>, discorre sobre o estereótipo que se criou sobre o surfista, como alguém que não faz nada e é desprovido de inteligência. Para ele, esta imagem é puro preconceito, que vem do fato do surfista ser uma espécie de resistência que ameaça a cultura da vida fabril.

Do ponto de vista da filosofia, a principal característica de um surfista é uma competência muito específica, muito rara e que é modelar, tanto para quem faz ciência quanto para a vida cotidiana, para a vida política, para a vida ética. Que competência é essa própria do surfista? O surfista sabe "pegar onda". Este saber é um saber que atravessa diversas dimensões: é um saber prático, é um saber teórico, é um saber político, é um saber filosófico e que ainda não foi suficientemente tematizado. Se você colocar no lugar da onda, na ideia de onda, qualquer dimensão, experiência da vida sobre a qual você não tem controle, então você poderia imaginar que tem pelo menos três atitudes possíveis. Imagina que a onda é algo que vem e é algo muito forte e que você não tem poder sobre

---

<sup>8</sup> Primeira parte do média metragem "A Vaga" disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6tkmUqtSogU>.

ela. As três atitudes possíveis diante da onda seriam: você levar um caldo, que é algo que acontece muito, todo mundo já levou; você pode tentar brigar com a onda, que é algo pouco recomendável, eu diria; ou você pode "pegar" a onda que é o que eu chamo de "a sabedoria do surfista", que eu uso como uma espécie de modelo pra essa ideia de resistência, resistência que se manifesta tanto na arte, quanto na ética e na política (FEITOSA, Charles. 2014. 6'39").

O surfista, de modo intuitivo, manifesta o saber e sua ação emerge, ganha platôs, movimentos, dobras, linhas de fuga. Seus movimentos mudam, assim como nossos hábitos e práticas.

Os movimentos mudam, no nível dos esportes e dos costumes. Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética do movimento: há um ponto de apoio ou então se é fonte do movimento. Correr, lançar um peso, etc.; é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, "chegar entre" em vez de ser origem de um esforço (DELEUZE, 1992, p. 151).

Pode-se superar as condições da natureza que formam as ondas e ir além, em um jogo que, diferentemente dos jogos convencionais, não tem regras preexistentes; cada investida tem uma regra própria, qualitativamente distinta, singular, no que Deleuze (LINS 2010) nomeia de "o jogo ideal". Neste jogo, o acaso não é controlado, dividido, dominado, disciplinado, com o objetivo de ganhar, de ser melhor. No "jogo ideal", o acaso não para de se ramificar e, por isso, ele expressa justamente a potência criadora do acaso.

Errante, seu movimento líquido encontra na onda o elemento que o insere na natureza: ele é natureza com a natureza. Essas dimensões do jogo ideal, do surfe ideal, se refletem, porém, longe das tábuas da lei ou das certezas: a própria onda é guiada por movimentos desterritorializados inscritos numa escrita constituída por um alfabeto líquido, aqui, agora, já, provocando o tempo todo a anulação em vigor das próprias regras.

O surfista é a onda com a onda e não a onda sobre a onda. Ele não existe apenas para aquilo que o tornará vencedor, mas se realiza afirmando o acaso. Temos aqui certamente uma bela definição do ser. O surfista se efetua não contra o acaso, mas com ele, nele: afirmações, pois, de todos os devires. O ser se realiza como univocidade pela plena afirmação do acaso como conjunto dos devires (LINS, 2010. Pág. 69).

Este devir, recheado de incertezas, permite entender a situação fluida que é surfar, em que as causas e seus efeitos acontecem enquanto se vivencia a experiência, sendo impossível antever o que acontecerá. O caminho, o processo, o meio, e não o fim é que fazem interessante o surfe. A separação sujeito e objeto não faz mais sentido: o surfista torna-se onda na onda. Ele não se destaca do conjunto, posto que ele mesmo é também conjunto. O surfista, quando surfa, é onda. Esta é a ideia mais profunda de sincronização: não é um movimento de soma das partes, já que as partes, as particularidades, no momento exato da sincronização e sob seu ponto de vista, deixam de importar, ainda que as singularidades se mantenham.

As ideias de Deleuze (1992) se reforçam na potência criadora deste esporte que, pelas circunstâncias em que é praticado, afirma o acaso considerando os devires, e lhe confere a capacidade de subverter os poderes e as práticas dominantes, como também disse Feitosa. Não à toa, o surfe estabeleceu, em meados do século XX, forte relação com movimentos de "contracultura" e de "cultura pop", tornando-se símbolo de liberdade e harmonia com a natureza, permitindo vislumbrar outras possibilidades de movimentos, de ações, de práticas de vida (ALVES; MELO, 2017), como bem pretendemos refletir no âmbito da comunicação, considerando que a vida é o que é, tal qual se apresenta, e que cabe a nós agir em busca de provocar bons encontros que nos fortaleçam e nos permitam perseverar na nossa existência.

Temos aí uma grande onda em que já surfamos: a internet. Ela traz grandes novidades para as relações humanas e para a interação. É um novo espaço, com novos paradigmas. É preciso aprender sobre ela da melhor maneira possível, para não "tomar um caldo", nem "brigar com ela", mas conviver com ela, entendendo seu movimento, sua dinâmica e considerando que os resultados dos movimentos que nela ocorrem são imprevisíveis, já que o navegar na internet também afirma o acaso.

A analogia com o mar declara a liberdade da internet. Navegando-se não existem caminhos precisamente definidos. Pode-se ir um pouco mais à direita, um pouco mais à esquerda. Há mau tempo, há flutuação, nada é tão direcional, pois o mar é líquido e traz a desordem própria das moléculas nesse estado. O acaso é favorecido nas relações que podem se formar. Nada está pré-estabelecido. O desafio que se apresenta no mundo virtual, portanto, é basicamente o mesmo do mundo orgânico: fazer boas composições, encontrar as melhores condições de navegação para criar um horizonte de navegação que permita apontar a oportunidade de gerar uma vida menos servil e mais criativa e libertadora.

### **1.2.3 Pressuposto III: Rede social não deve ser confundida com plataforma ou aplicativo**

Diante do pressuposto II, abre-se a oportunidade de ratificar que redes sociais não devem ser confundidas com tecnologias, aplicativos, plataformas. As redes sociais são da ordem do encontro, portanto são campos onde as afecções são possíveis. É no encontro entre sujeitos humanos que a rede social se forma e permite que este espaço seja um local de convivência. Então, a compreensão do que seja rede social é a mesma, quer seja no mundo orgânico ou no virtual. Há algo que une as pessoas em torno de um interesse comum, como nos exemplos relacionados à saúde e que serão mostrados mais à frente. Pensar que um determinado aplicativo ou plataforma é uma rede social, embora seja usual, é um equívoco conceitual - talvez inventado pelo marketing e por outros campos que acabam se valendo da filosofia para vender ideias.

Como base da minha argumentação, as redes sociais de que trato, embora possam estar sustentadas em determinado aplicativo ou plataforma, devem ser compreendidas como locais de encontros para tratar de questões comuns a determinados grupos de pessoas, que convivem ou tem interesse em torno de uma questão que os afeta. Valendo-se dos recursos disponíveis na internet as pessoas podem se expressar, levando suas experiências a outras pessoas que se sentem contempladas e acolhidas, conversando de igual para igual. Percebem-se uns nos outros e suas vivências entram em sintonia, ajudando a consolidar novos pensamentos e conhecimentos.

Nesse sentido, a internet amplia a facilidade de se estabelecer vínculos sociais. Os núcleos de convivência formados, as redes sociais, não se restringem a um único local da internet e nem a uma única plataforma ou aplicativo. E nem mesmo se restringe ao espaço da internet! Na internet há liberdade de estar em mais de um lugar (sites, blogs, Wikis, Messenger, WhatsApp, Facebook, Google+, Instagram, entre outros) simultaneamente; há diversos "eus" que estão sempre *on-line* e interagindo com outras pessoas, mesmo que a pessoa não esteja conectada. E as redes formadas virtualmente podem expandir-se e se efetivarem no mundo orgânico também, como volta e meia vemos acontecer quando saímos da rede para ocupar as ruas, a cidade, a vida (Figura 3).

Figura 3 - Fotografia de manifestação durante as jornadas de junho. Candelária, Rio de Janeiro, 2013.



Foto: Fábio Motta. Fonte: Banco de imagens do Google.

#### 1.2.4 Pressuposto IV: Os afetos como potência revolucionária na comunicação

*"Sendo todas as outras coisas iguais, o desejo que nasce da alegria é mais forte que o desejo que nasce da tristeza."*  
Spinoza

*"A mente intuitiva é um dom sagrado e a mente racional é um servo fiel. Nós criamos uma sociedade que honra o servo e esquece o dom."*  
Einstein

Nas experiências que tive ao longo do percurso da pesquisa, havia uma inquietação sobre olhar para a dinâmica interativa da internet entendendo-a como um fenômeno de comunicação que se reflete na saúde como um movimento solidário na busca, se não da solução, de um outro modo de encarar os problemas e de construir conhecimento coletivamente.

A dinâmica *on-line* mostrava um grau de altruísmo altamente produtor de coletivos estudados, como ficará evidente no decorrer desse estudo. O encontro com o outro permitia criar as condições necessárias ao compartilhamento de experiências, permitindo que ações específicas fossem alcançadas. Assim, a importância da vivência prática para a construção de novas formas de conhecimento tornou-se bastante evidente e a comunicação aparece como meio de efetivar a autonomia dos sujeitos

humanos, por meio de processos de colaboração e de auto-organização que, não raro, podem gerar contestações e mudanças nas condutas estabelecidas, como um movimento de subversão das forças políticas dominantes.

Logo comecei a perceber todo este processo comunicativo como encontro de corpos. Corpos que se afetam e transbordam em afetos. Entendia que o ser humano não pode ser desvinculado dos afetos que manifesta em seus encontros com o mundo e com outros seres humanos. Percebia que meu raciocínio se afirmava em Spinoza, um dos grandes filósofos racionalistas que o mundo conhece, já que ele nos apresenta a possibilidade de sermos, intuitivamente, provocadores dos bons encontros e, assim, ativos e construtores de nossa própria existência, considerando o conhecimento como autoafirmação de uma ideia na "alma", uma explicação ou o desenvolvimento de um pensamento.

Pensar em afetos era trazer para as minhas considerações a importância dos sentimentos humanos. Era lançar mão de uma estratégia que considera o campo comunicativo das relações humanas baseado em uma ética na qual o corpo é entendido como uma "máquina" de produção de afetos capazes de mudar o mundo à nossa volta. Era pensar a vida para além de um sistema de normas, regras, leis e presumir que as paixões nos movem ou nos estacionam. Spinoza traçou muito bem este paralelo entre a vida, em todas as suas produções, e os afetos. Não por acaso, foi preciso me debruçar sobre a *Ética de Spinoza* (2016) e buscar na teoria considerações que melhor explicassem as experiências práticas que eu observava.

Spinoza é o pensador que estuda sobre os corpos e suas interações entre si, cuja resultante é sempre um afeto. Nesses encontros nossa força existencial ou potência de agir<sup>9</sup> se compõe ou se decompõe, aumentando ou diminuindo. A nossa existência seria exatamente esse encontro de corpos que se afetam, provocando aumento ou diminuição da nossa potência de agir e pensar. O bom encontro é entendido como aquele que existe quando a relação de corpos (ou ideias) se compõe e aumenta a potência de agir (ou força de existir). O mau encontro, ao contrário, é resultado do encontro de corpos ou ideias em que há uma inconveniência, uma decomposição do corpo, que resulta em uma diminuição da potência de agir/pensar, podendo alcançar um nível tal de degradação que chega a ameaçar a existência desse corpo. "Bom" e "mau" também expressam dois modos da existência humana. O primeiro, relacionado aos sujeitos humanos que se esforçam por organizar bons encontros, ou seja, ir atrás de

---

<sup>9</sup> A força existencial está relacionada ao intelecto/mente (pensamento), enquanto a potência de agir tem relação com a extensão (corpo). Não há, todavia, hierarquia entre mente e corpo, dado que mente e corpo são formas distintas de expressão, mas que possuem uma só voz (univocidade). Um é o outro sobre uma diferente perspectiva. A mente não movimentava o corpo, nem tampouco o corpo faz a mente pensar, segundo a compreensão de Deleuze sobre Spinoza.

se unir ao que convém à sua natureza (dinamismo), aumentando sua potência. A bondade habita justamente essa dinâmica da procura dos encontros que aumentam a potência de agir/força de existir. O segundo, o mau encontro, é fraco e vive ao acaso dos encontros, sofrendo suas consequências e tornando os indivíduos servís e impotentes.

Será concebido como bom todo objeto cuja relação se compõe com o meu (conveniência); será concebido como mau todo objeto cuja relação decompõe o meu com o risco de compor-se com outros (inconveniência) (DELEUZE, 2002. pág. 40).

O processo de passagem do corpo ou da mente afetada para um estado maior ou menor de perfeição que o estado precedente, com as durações vivenciadas que são inseparáveis do estado precedente e que induzem ao estado seguinte, é que chamamos de afetos (affectus) ou sentimentos. Assim, toda a questão da vida se explica por encontros afetivos, onde cada um de nós geraria as condições próprias para desenvolver os afetos. As vidas incapazes de produzir tais condições se castrariam. Por isso, na ideia de liberdade de Spinoza há que se produzir caminhos próprios, como achar as próprias ondas em um oceano que é constantemente afetado por ventos, variação de maré e outras condições do mundo fenomênico que está sempre a nos afetar. Nesse sentido, segundo as leituras de Deleuze sobre Spinoza, os corpos, em suas existências, têm duas possibilidades de se manifestarem em função das afecções: eles tendem a agir passivamente ou ativamente.

Os corpos passivos são constantemente influenciados por forças que vêm de fora e que os fazem oscilar em paixões, alegres ou tristes, tornando-os objetos dessas relações.

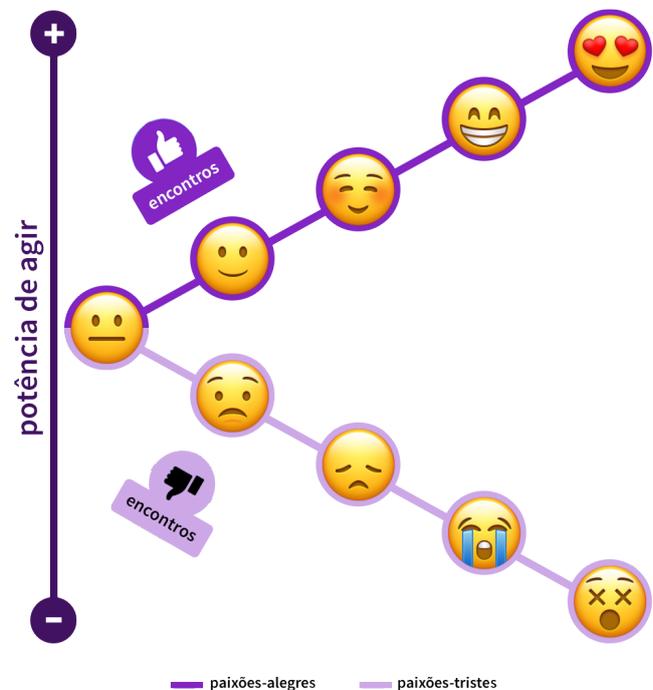
'Um afeto, que chamamos paixão da alma, é uma ideia confusa pela qual o espírito afirma uma força de existir de seu corpo maior ou menor que antes' (III, def. geral dos Afetos). [...] 'Quando eu falo de uma força de existir maior ou menor que antes, não entendo que o espírito compara o estado presente do corpo com o passado, mas que a ideia que constitui a forma do afeto afirma do corpo algo que envolve efetivamente mais ou menos realidade que antes' (III, def. geral) (DELEUZE, 2002a, pág. 56).

Nesse sentido, a alegria é uma paixão pela qual a mente passa para uma perfeição maior, resultante de um bom encontro em que os corpos se compõem. A tristeza, ao contrário, é uma paixão resultante de um mau encontro de corpos, no qual o corpo afetado se decompõe e pelo qual a mente passa para uma perfeição menor. Assim, enquanto a alegria provoca uma disposição para uma potência de vida, pois permite manter-se ou expandir-se na existência, a dependência de alegria uma

afecção é capaz de provocar, a tristeza diminui nossa potência: no encontro dos corpos ou das ideias há sempre uma inconveniência que pode chegar a tal ponto de extinguir a existência (Figura 4).

Por outro lado, os corpos ativos são aqueles que percebem sua relação com o mundo a partir de elementos internos, intrínsecos. As ideias agora são adequadas; são também representativas, mas daquilo que somos e do que as coisas são. Elas formam um conjunto sistemático com três vértices: ideia de nós mesmos, ideia de Deus<sup>10</sup> (Natureza) e ideia das outras coisas. As ideias adequadas explicam-se pela nossa potência, como a potência de conhecer e a de compreender, e trazem um encadeamento autônomo para o atributo pensamento

Figura 4 - Gráfico das paixões-alegres e paixões-tristes em Spinoza.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando Spinoza diz “adequado”, embora use esta palavra, o sentido que lhe atribui é completamente distinto do sentido cartesiano. A ideia não é colocada ao lado da consciência psicológica, que se preocupa com a forma da ideia, mas pela potência

<sup>10</sup> Para Spinoza, Deus é causa de todas as coisas e toda coisa finita existente remete à outra coisa finita existente como causa que a faz existir e agir. Deus é causa de todas as coisas e causa de si. A teoria de Spinoza ao longo de sua evolução traz, primeiramente, Deus como sinônimo de Natureza, sendo todas as substâncias provenientes da Natureza. Depois, Spinoza assume diretamente Deus como Substância. Nessa linha, toda natureza provém de uma única substância, como uma identidade. Ele parte dos atributos substanciais para chegar a Deus como substância constituída por todos os atributos. Deleuze chama Spinoza de “príncipe dos filósofos” pela sua teoria de imanência, que consta na *Ética*, na qual, simplificada, Deus é Natureza (*Deus sive Natura*). Esta afirmação leva a consideração de que não existe transcendência, uma causa externa ao mundo, pois o processo da produção da vida está contido na própria vida (SPINOZA, 2016; ESPINOSA, 2014; DELEUZE, 2002a).

lógica que vai além da consciência. O conteúdo representativo não é o cerne da questão, mas o conteúdo expressivo. A ideia adequada só representa alguma coisa porque expõe no atributo pensamento a ordem automática de sua forma e as conexões automáticas de sua matéria, de tal modo que se torna inteligível pela nossa potência de compreender, conforme apontam as explicações de Deleuze (2002a) sobre isto.

Disso resultam as explicações das ideias adequadas e inadequadas serem sempre acompanhadas de sentimentos/afetos. Só teremos ideias adequadas se formos causas adequadas dos sentimentos que daí resultam, logo, ativos (afetos ativos) e, portanto, capazes de provocar ação. As ideias inadequadas trazem causas inadequadas de nossos sentimentos, que são as paixões (afetos passivos).

Para melhor explicar como a ideia se desenvolve, Spinoza apresenta três gêneros do conhecimento. Ele constrói uma espécie de "grau de evolução" do conhecimento, que define o primeiro deles como o mais simples e o menos libertador, e o terceiro, o mais libertário, dono de uma potência criativa pulsante, conforme detalhado a seguir, considerando os apontamentos deleuzianos que tratam desse tema (DELEUZE, 2002a).

O Primeiro Gênero do Conhecimento, ou gênero da consciência, está no campo da equivocidade dos signos, da imaginação, e envolve o conhecimento inadequado das coisas. A explicação de Spinoza sobre a consciência reforça que ela nada mais é do que os signos, as marcas das afecções sobre os corpos, como já apresentado. As ideias formadas ao nível da consciência nunca são ideias ativas. Não há, neste Primeiro Gênero, preocupação em conhecer a relação entre os corpos, a causa das afecções. Por isso, diz-se que a condição de passividade é própria do Primeiro Gênero, o que implica dizer que o homem da consciência é também o homem da servidão.

As condições naturais de nossa existência, enquanto não temos ideias adequadas das coisas, são expressas no Primeiro Gênero, e toda a percepção de mundo é desencadeada por ideias confusas (inadequadas) e pelos afetos-paixão que delas decorrem, sendo expressos pela imaginação. É neste tipo de conhecimento que florescem as superstições, os medos, o controle e onde imperam as leis morais. Neste grau temos conhecimento apenas sobre o que nos afeta, mas nenhuma oportunidade de "saber lidar" com as causas dessas afecções. A maioria das pessoas não conseguem transpor a sua própria consciência e passam suas vidas "presas" ao Primeiro Gênero do Conhecimento, guiadas pelos efeitos das afecções do mundo, vivendo ao acaso, baseando suas decisões em experiências vagas ou conduzidas pela imaginação, eternos apaixonados, ao invés de se dedicarem à compreensão dos fatos. Os homens da consciência, os apaixonados, ficam presos à imaginação. Eles se encontram permanentemente assombrados por fantasmagorias e guiados por superstições. É um

imaginário completamente colonizado pelas forças externas, onde as pessoas já não podem pensar, pois a imaginação é uma impotência de pensamento.

O Segundo Gênero do Conhecimento explora a Razão, não pela concepção cartesiana da racionalidade, mas pela compreensão sobre a forma como os corpos se afetam, decompondo-se ou diminuindo-se. A racionalidade aparece como a potência de compreender, intrinsecamente, que há algo em comum entre os corpos, no que Spinoza chama de noções comuns, formando relações que lhes convém e possibilitam tornar os encontros mais ativos.

Na noção comum o ser é definido pelo seu poder de afetar e ser afetado pelas afecções de que é capaz, quando reage de uma ou de outra forma em um encontro de corpos. É nesse gênero que o homem começa a racionalizar, conhecer alguma coisa que está do seu lado de fora e ultrapassar a consciência, conhecendo os efeitos da relação dos corpos, ao invés de ser apenas o resultado das forças externas. Mas esse conhecimento ainda não permite que o homem seja produtor ou criador.

As noções comuns se apresentam necessariamente como ideias adequadas: elas só ocorrem quando conhecemos um corpo que se compõe com o nosso e nos faz experimentar um sentimento de paixão-alegre. Diz-se paixão porque ainda não conhecemos exatamente o que este corpo tem de comum com o nosso, mas de alguma forma nos desperta a alegria, aumenta nossa potência de agir. Quando isso ocorre, quando uma alegria-paixão aumenta nossa potência de agir e compreender, somos impulsionados a fazer, a agir. Eis porque, na Razão de Spinoza, o homem não nasce razoável, mas aprende a sê-lo. Primeiro por haver um esforço para selecionar e organizar os bons encontros de modo que inspirem paixões-alegres; depois, pela percepção e compreensão das noções comuns, isto é, das relações que se compõem conosco e inspiram paixões-alegres, deduzindo outras relações, que nos levam a experimentar outros sentimentos, agora não mais apaixonados, mas ativos. Dito de outra forma, a noção comum é expressa no Segundo Gênero do Conhecimento como a composição das relações que decorrem do esforço da Razão para organizar os encontros entre modos existentes, de tal maneira que as relações se componham substituindo os afetos passivos por afetos ativos decorrentes do reconhecimento de algo comum (DELEUZE, 2002a).

É importante ressaltar, contudo, que as noções comuns são generalidades que se referem aos corpos existentes e suas relações reais, mas que ainda não exprimem a essência dos corpos. Além disso, destaca-se que, ao contrário da alegria, a tristeza jamais nos conduziria a formar uma noção comum, já que vem do encontro de corpos que não convém com o nosso e, por isso, só pode gerar paixões-tristes.

Como fica perceptível nesta explicação, do Primeiro Gênero para o Segundo Gênero do conhecimento há uma passagem. Acontece que as noções comuns não são imaginações, mas tem uma dupla relação com a imaginação: primeiro aparecem de uma relação extrínseca, mas que exprime o efeito de um corpo que se compõe com o nosso e, por isso, permite formar a noção comum necessária para entender intrinsecamente a conveniência que tal corpo faz com o nosso; segundo, há uma relação intrínseca que a noção comum explica pelas relações internas constitutivas.

Quando encontramos corpos que convém com o nosso, ainda não temos a ideia adequada desses outros corpos nem de nós mesmos, mas sentimos paixões alegres (aumento da nossa potência de agir), que pertencem ainda ao primeiro gênero, mas nos induzem a formar a ideia adequada do que é comum entre tais corpos e o nosso. Por outro lado, a noção comum, em si mesma, estabelece harmonias complexas com as imagens confusas do primeiro gênero e apoia-se em certas características da imaginação (DELEUZE, G. 2002a. pág. 65).

Como há harmonia entre imaginação e as noções comuns formadas, estas se apoiam em ideias adequadas, permitindo evoluir do Segundo para o Terceiro Gênero do Conhecimento. A relação de passagem do Segundo para o Terceiro Gênero aparece em função das ideias adequadas formadas no Segundo Gênero, que permitem chegar a um ponto em que se pode descobrir a correlação entre a essência da natureza e a nossa essência. Nesse grau do conhecimento, além da Razão, entramos no entendimento intuitivo, que reflete de fato nossa essência, e só aí as ideias se refletem em nós. Por esse motivo, é no Terceiro Gênero do conhecimento, chamado também de "ciência intuitiva"<sup>11</sup>, onde repousa o poder de invenção e de vigor do sujeito humano. Ao invés de apenas estar conhecendo aquilo que é externo a ele, buscando a verdade no campo epistemológico da Moral, o homem passa a inventar, a criar (DELEUZE, 2002a).

O Terceiro Gênero do Conhecimento não busca o que é melhor para os homens nem tampouco o que é verdadeiro na natureza. Spinoza assume uma posição crítica em relação ao pensamento dominante de sua época, abrindo um novo campo de possibilidades filosóficas, pois a Natureza espinosana não se explica pelos modelos constituídos, os quais baseiam-se no princípio de universalidade. Para Spinoza, as explicações da natureza têm força nas singularidades. A tentativa da semiótica de procurar significar a natureza para entender seus fenômenos se torna insustentável, pois a semiótica é uma prática da consciência que só reproduz imaginação, superstição. Além disso, a natureza em Spinoza não tem um significado. Ela é um campo de forças e

---

<sup>11</sup> Que Nietzsche e Foucault chamam de pensamento.

devires, relações em constante fluxo; é um processo que, agora, pode ser entendido pelas intensidades. O pensamento não busca mais significado na natureza, mas pensa nela como forças e relações.

A grande novidade do Terceiro Gênero está justamente nessa ruptura com as marcas, com as tormentas, com a agonia, com o medo e o desespero. Há uma busca do entendimento da Natureza para que se produza o novo, o que só é possível por meio da liberdade, pois é ela o alicerce fundador do pensamento que expressa nossa essência. Só nesse ponto, onde chegamos à compreensão de nossa essência, da essência das coisas e da essência da Natureza (Deus) é que somos livres e, agora, produtores de ideias adequadas.

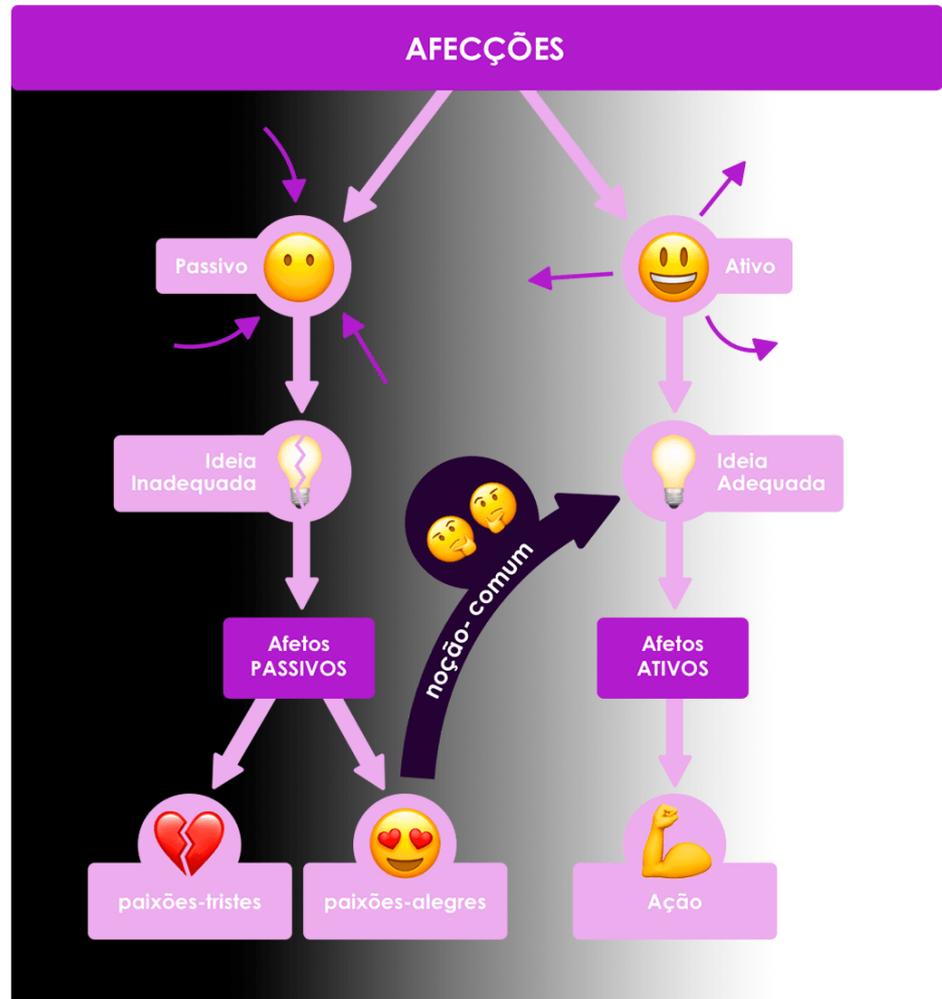
O que há de bonito e inovador no Terceiro Gênero do Conhecimento de Spinoza é que a intuição nada mais é do que nosso conhecimento sobre o que há de mais íntimo em nossa singularidade: a essência do ser. Quanto mais formamos noções comuns, mais aumentamos nossa potência e mais compreendemos adequadamente as coisas, como explicado anteriormente. Esse aumento do entendimento do que nos rodeia, aos poucos, nos leva a termos uma outra ideia de Deus (como Natureza). Assim, somos também potência divina que se expressa produzindo o mundo. Ou seja, pela intuição, reconhecemos a parte ativa e criadora que temos em nós, a potência do ser (essência), e é isso que nos permite criar. Como Deus, somos natureza naturante e, por isso, produtores de vida. Em Spinoza, nosso ser une a intelectualidade com a Natureza e, desta forma, aprendemos a entender a parte de nós que cabe na eternidade.

A teoria de Spinoza, aqui explicada muito em função da leitura de Deleuze, explica os fenômenos como relações de corpos, e nos mostra como o sujeito humano, conforme a capacidade de afetar ou ser afetado, pode ser passivo em sua existência, produzindo ideias inadequadas, que são marcas da ordem da consciência; ou, numa passagem a estados mais elevados do conhecimento, produtor de ideias adequadas até o ponto de se tornar ativo e criador do conhecimento que reflete sua própria essência. O esquema da Figura 5 resume bem essa definição.

Disso resultam duas leis de nossa existência: 1) a lei dos signos, fantástica, fanática, lei política, lei da gerência, que é comandada por leis autoritárias, de regras e obediência, da ordem da Moral; e 2) a lei da Natureza, que é pulsante, intensa, que é a lei da vida, a lei dos afetos. Como consequência, teríamos dois caminhos para escolher como viver nossas existências: um em que se entende a Natureza e as afecções dos corpos, e outro de subordinação às forças externas (ULPIANO, 1988). Por isto, a liberdade em Spinoza é colocada ao máximo: ou entendemos a Natureza para produzir os encontros que vão modificar nossas vidas, ou viveremos oprimidos pela prática da

consciência (da imaginação) que nos reduz a um conjunto de hábitos que sequer refletem nossa natureza.

Figura 5 - Esquema da formação de ideias inadequadas e adequadas e a respectiva produção de sujeitos passivos (paixão) e ativos (ação).



■ 1º Gênero    ■ 2º Gênero    □ 3º Gênero    ➔ Força

Por forças externas entendem-se as imposições culturais; as regras, Leis e normas Morais.  
Por forças internas entendem-se a espontaneidade, a criatividade, a intuição.

Fonte: Elaborado pela autora.

É desse modo que um outro olhar sobre a comunicação poderia ser construído, pensado a partir dos afetos enquanto potência revolucionária para a criação de novas formas de conhecimento, que se expressam em redes de alegria, e trazem para a saúde uma perspectiva mais democrática e inclusiva para a superação de problemas.

### 1.3 A IMPORTÂNCIA DE REPENSAR COMUNICAÇÃO E SAÚDE

Como apresentei, a internet interativa e hiperconectada que temos hoje nos proporciona uma série de novas reflexões sobre questões humanas, sociais e políticas, e abre caminhos para repensar o conhecimento. Revela-se como um espaço onde as singularidades têm vez. Marcada, também, pelo encurtamento das distâncias - físicas e temporais -, a internet permite os encontros; por isso, ela potencializa toda sorte de afecções, quer sejam de degradação ou de composição. Isso mostra que a internet também é um fervilhar de afetos. Tristezas e alegrias estão presentes na rede e podem ser verificadas em discursos de ódio ou em ações de solidariedade.

É o que vivenciamos hoje em nossas práticas diárias, não apenas na internet, certamente. Mas na rede mundial de computadores tudo se amplia. Constantemente somos convidados a reconsiderar nossas atitudes e comportamentos na direção de estabelecer relações construtivas, que convenham conosco, independentemente das diferenças ideológicas, de conhecimento, de cultura, etc. O que se evidencia, cada vez mais (e que foi base para a importância dada a este estudo), é que a comunicação não é um processo de convencimento do outro, mas uma interação que visa trocas que melhor se efetivam quando são potencializados os sujeitos envolvidos, tornando-os ativos, revelando suas singularidades e permitindo criar outros modos de vida, outras ideias, outras ações.

Ao trazer a saúde para o campo das relações espinosanas, tento resgatar uma ideia mais imanente da vida, que não se resume apenas aos processos químicos e biológicos do corpo, mas que considere também a dimensão afetiva desses mesmos corpos.

A intenção de pensar saúde e internet, unir esses dois campos, surgiu da urgência empírica que já revelava um outro olhar sobre a comunicação em saúde. Trazendo experiências mais humanas, no sentido de não se restringirem aos números e percentuais, nem tampouco às palavras; a prática mostrava que era preciso "mostrar a cara", "rasgar a alma", entregar-se verdadeiramente aos encontros que nos fortalecem. Perceber a vida que pulsa apesar das adversidades da existência e construir, coletivamente, os caminhos que nos guiam para uma realidade mais feliz.

Entender, portanto, a comunicação como um campo de forças que dão conta dos cursos relacionais da vida, partindo-se da reflexão espinosana de que a vida é um campo de afetos, permite construir uma outra compreensão sobre os processos comunicativos. Por meio do Terceiro Gênero do Conhecimento de Spinoza, pode-se

formar uma outra compreensão de comunicação, que difere no olhar de tudo o que nós habitualmente entendemos ser comunicação e que traz impactos diretos para a saúde, pois destaca a importância de tornar a comunicabilidade mais "expansiva" para um bem-estar coletivo que invoca afetos construtivos, isto é, considera as alegrias como elementos-chave para a cooperação em prol da vida.

Essa comunicação, considerando os afetos ativos, é afirmada nos exemplos trazidos neste trabalho. Ela mostra uma oportunidade dos sujeitos humanos se agenciarem de modo a construir relações mais úteis, que se manifestam em atitudes propositivas para a sociedade. Nenhuma experiência jamais pode ser exatamente igual a outra, nem mesmo pode-se ter segurança sobre o seu rumo. Mas o aprendizado da Comunicação Alegre, trazido pelos grupos estudados, serve de exemplo que pode ser replicado para as mais diversas situações, tornando nosso posicionamento diante dos encontros que teremos na vida mais positivos e reforçando o caráter transversal da comunicação, que faz dela uma via potente para a realização de ações políticas, como as que envolvem o campo da saúde.

## 2 DOS OBJETIVOS

Como a natureza, a vida nunca é estanque! Nunca estará pronta, pois ela é sempre efetuação, autoprodução, processo... É devir! Não há um fim enquanto há existência e, enquanto há existência, nossos corpos encontram-se com outros corpos e compõem-se ou decompõem-se aumentando ou diminuindo nossa potência de agir, nossa força de existir. Somos o tempo todo de nossas vidas afetados por forças extrínsecas à nossa existência. Por isso, estamos constantemente passando de um estado inicial de potência para outros estados, ora mais alegres ora mais tristes. Há que assumir, então, que o sofrimento, os problemas são inerentes à existência humana. Mas, há uma possibilidade de viver de modo menos degradante essa existência.

Por meio da compreensão dos fenômenos, o sujeito humano tem a oportunidade de solucionar problemas, esforçando-se para criar meios de aumentar sua força/potência de existir. Nesse exercício de criação do novo, os conceitos aparecem como elementos estruturantes da superação de problemas. Muito bem traçada dentro de um plano de pensamento, plano esse que é imanente, a construção de conceitos pode mostrar uma nova possibilidade para a realidade observada.

No campo da saúde, a elaboração conceitual pode contribuir para repensar as nossas práticas e provocar mudanças que se efetivem em mais qualidade de vida. Diante disso, este estudo considerou os objetivos apresentados a seguir.

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir para a construção do campo da comunicação e saúde, considerando o contexto contemporâneo de conexão pelas redes sociais da internet, por meio de uma abordagem que o compreenda enquanto devir e produção, a fim de construir uma perspectiva de abordagem menos tecnicista e taxativa, e mais voltada à participação ativa dos sujeitos humanos na saúde pela via dos afetos.

## 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Apresentar experiências empíricas da saúde vivenciadas no contexto das redes sociais da internet;
- b) Apresentar um outro conceito de comunicação (Comunicação Alegre) que se fundamente nas relações enquanto campo de afetos, linhas de alegrias;
- c) Articular o que podem os afetos, enquanto elementos estruturantes da Comunicação Alegre, e sua relação com a saúde no sentido da construção de uma sociedade mais democrática (possibilidades micropolítica).

### 3 DA METODOLOGIA

*"Voltar com a maré  
Sem se distrair  
Navegar é preciso senão  
A rotina te cansa"*  
O Rappa - Mar de Gente

#### 3.1 PONTO DE PARTIDA

Esta pesquisa, marcadamente qualitativa, procura desenhar sua metodologia em articulação com áreas distintas do conhecimento, resgatando o caráter interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), Fiocruz, em combinação com linhas filosófico-conceituais que me guiam enquanto sujeito humano e, por isso, também como pesquisadora.

A novidade metodológica do que desenvolvi evidencia o caminho que percorri em meu pensar e diante das situações que se apresentaram ao longo dessa incursão. Não havia um caminho exato a ser seguido, não havia uma metodologia pronta com passos a serem tomados. Toda a construção foi como um mergulho no pensamento e em mim mesma. Uma busca por caminhos que se efetivam ao mostrar uma nova visão sobre os processos comunicativos. Um pensador levou ao outro e, como em um ciclo, de volta para ele mesmo; um olhar atento aos acontecimentos observados trazia uma reflexão sobre os estudos teóricos e vice-versa. Uma vivência alimentando a outra, uma sustentando a outra, sendo questionadas e pensadas como processo e produção, e nunca como fim. Foi nesse sentido que me debrucei sobre a filosofia, pois ela parecia melhor acolher o acontecimento que eu queria enunciar.

Embora a ciência e a filosofia tenham igual importância para o conhecimento, suas distintas naturezas trazem diferentes aplicabilidades. Enquanto a filosofia tem por objeto os conceitos, a ciência tem por objeto as funções. A diferença entre ciência e filosofia está na condição como cada uma delas se relaciona com o caos, como Deleuze e Guattari (2016) explicam em "O que é a filosofia".

O caos, para eles, é entendido como uma grande desordem, um virtual que contém todas as possibilidades admissíveis, sem consistência nem consequências. A filosofia opera um recorte no caos por meio de um plano de imanência e seleciona os

movimentos infinitos do pensamento que se preenchem de conceitos. Já a ciência renuncia ao infinito caótico e atualiza o virtual por meio de referências. Então, enquanto a filosofia, por meio dos conceitos dispostos em um plano de imanência, traz alguma consistência ao caos, a ciência se refere ao caos atualizando-o por funções expressas em um um plano de referência. Dito de modo mais simplista, a ciência revela uma imagem do caos, como uma fotografia, e coloca todas as partes envolvidas em uma relação de finitude, de limites. Tais limites só valem pelo valor empírico que assumem.

O limite imposto pela ciência corrói imediatamente o infinito, o ilimitado. "Todo limite é ilusório, e toda determinação é negação, se a determinação não está numa relação imediata com o indeterminado" (DELEUZE; GUATTARI, 2016. p. 142). O sistema de referência da ciência implica uma renúncia ao infinito e só pode apresentar funções que se quebram em certos momentos. Os caminhos que surgem daí geram acelerações e desacelerações, buracos, cortes, os quais envolvem outras relações ou referências. Na filosofia a resposta só é a mesma para o plano de imanência.

A primeira diferença da filosofia para a ciência tem relação com o pressuposto do conceito e da função. Na ciência, temos um plano de referência. Na filosofia, o plano é de imanência. Depois, na filosofia temos a inseparabilidade das variações (razão contingente), que é própria dos conceitos. Na ciência, há independência das variações (razão necessária), nas relações que pertencem às funções. Fica nitidamente à mostra que, enquanto a filosofia tem por consistência os acontecimentos, pela via dos conceitos, a ciência tem por referência um estado de coisas, apresentados pelas funções científicas. Se, por um lado, a filosofia não para de extrair do caos, pelos conceitos, de uma forma ordenada, sobre um plano de imanência, acontecimentos consistentes; por outro, a ciência não cessa de atualizar o virtual, por funções dadas sobre um plano de referência, para explicar os acontecimentos das coisas. Os conceitos e as funções diferem, assim, em sua natureza: no conceito filosófico não há números inteiros nem fracionários para contar as coisas que apresentam as propriedades, dado que o conceito é uma força, uma forma, jamais uma função ou proposição lógica (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

Como o estudo parte da observação empírica de coletivos de redes sociais da internet, assumindo e se efetuando no caos, busquei unir saúde e comunicação com filosofia, pois foi por meio dos conceitos que procurei dar conta do problema que levantei em meu estudo. Reconheço, desse modo, que encontro na filosofia os princípios fundantes desta tese. A metodologia se integra ao caráter criativo do estudo e dá ritmo ao que experimento empiricamente, ao passo que ganha cadência ao longo da construção do pensamento que aqui se desdobra. Portanto, minha metodologia se

articula com o pensamento, um movendo o outro em devires. A inclinação filosófica surge da necessidade de pensar o que une as pessoas na busca pela superação de problemas ou, dito de forma mais contida, o que move as pessoas para um convívio mais harmônico, em sintonia com a vida tal qual ela se apresenta para nós, com seus êxitos e dificuldades.

Estudando e vivenciando as relações no mundo contemporâneo, especificamente no ambiente virtual da rede mundial de computadores, a internet, foi necessário assumir que este meio, super conectado e super interativo, traz à tona uma série de questões que se traduzem nas mais diversas práticas. Além de ser um espaço heterogêneo e coletivo, a internet modifica a lógica de tempo e espaço tal como conhecíamos, já que nela ocupamos diferentes locais e tempos simultaneamente.

O virtual traz infinitas possibilidades. Ao tentarmos classificar elementos de um ambiente virtual, acabamos por reduzi-lo, visto que geramos uma atualização, que observa algo em um determinado tempo e espaço e sob um único ponto de vista. Quando isto ocorre, todas as outras possibilidades decaem. Qualquer teoria que tente concretizar algo em uma única explicação possível estará atualizando o virtual e desconsiderando todas as outras possibilidades.

Acontece que a maioria dos modelos e métodos criados para pesquisas baseiam-se em sistemas fechados que, diferentes da internet, tem relações predeterminadas e estáveis, envolvem um número limitado de elementos, e utilizá-los só faz sentido quando se pretende estudar situações muito pontuais ou particulares. As técnicas utilizadas para se fazer pesquisa tendem à compreensão de que a totalidade é a soma das partes, que podem ser divididas, separadas, decompostas e recompostas por um determinado e único ponto de vista que tem em si um determinado espaço-tempo, facilmente mensurável e analisável (SANTOS, 2005b).

Está claro que o método cartesiano de análise trouxe grandes feitos aos homens. Entretanto, Santos (2005b) pondera que, quando a ciência começa a passagem do simples para o complexo, dividir tornou-se questionável para responder a complexidade dos sistemas. Os instrumentos desenvolvidos tentaram controlar as coisas, mas também falharam porque novos processos que fugiam ao controle foram aparecendo, trazendo resultados imprevisíveis. Então, surge a necessidade de pensar outros paradigmas, que tentem explicar dados e fenômenos que os antigos modelos não conseguem mais esclarecer, já que na complexidade existem diversas possibilidades, com número infinito de variáveis, diferentes escalas e condições de tempo e espaço, descontinuidade e assincronia, diferente dos modelos deterministas que trabalham com a relação causa e efeito.

Estamos tão acostumados ao método de análise que é difícil refletir sobre as coisas sem dividi-las. Estamos tão acostumados a trabalhar com relações de causa e efeito que desprezá-las parece que condena o mundo à paralisia. Possuímos ainda noções e criamos conceitos, cuja única função é legitimar o paradigma, como por exemplo, *realidade* e *verdade*. São noções que só possuem importância a partir da ótica daquele paradigma e que se pretende transformar em universais. Talvez a mais importante de todas seja a criação de premissas que impedem novas abordagens, tais como manter os limites das disciplinas como condição a partir da qual devem ser concebidos os problemas, que mostram grande eficiência como instrumento para impedir que se tome como premissa maneiras de compreender que não se expressam em "totalidades divisíveis através da análise" (SANTOS; 2005b, pág. 69).

A corrente do pensamento sistêmico busca justamente pensar novos paradigmas para pensar os sistemas complexos, considerando a instabilidade, o emaranhado, a incerteza, a ambiguidade, a dicotomia, a ordem e a desordem, que reforçam a concretude da auto-organização e o entrelaçamento do sujeito e objeto (MORIN, 2011; CAPRA, 2006). A internet que temos hoje se alinha a essa ideia de complexidade.

Com tantas possibilidades, não raro a internet se torna um "assunto" polêmico, cujas críticas tendem a colocar na tecnologia o peso de problemas historicamente humanos: poder, conflitos de interesses, pontos de vista divergentes e as mais variadas paranoias humanas. E está claro que isso faz todo sentido: quanto mais informação, mais comunicação e, como esperado, aumentam significativamente as chances de conflito e desunião, mas também de composição e união.

Foi partindo das experiências empíricas que pude decidir sobre o universo das relações na internet que eu queria estudar. Há aqui, certamente, uma decisão de pesquisa que assumo: a vontade de olhar para os bons encontros que a rede da internet facilita acontecerem. Não que não existam os maus encontros no meio virtual (e quantos podemos citar!). Mas, percebo e procuro ratificar nos bons encontros a oportunidade de subversão das práticas instituídas nos mais diversos contextos, incluindo o campo da comunicação.

Pela observação das redes sociais da internet, eu notava que havia algo mostrando a presença de elementos humanos que nos conectam. Não era simplesmente a ferramenta tecnológica. As relações na internet, para além de mensagens, da narrativa, do texto, dos "botões" interativos, fervilhavam em sentimentos. Quantos! Os mais variados. E, no tocante à união dos sujeitos humanos, de início, um me chamou mais atenção: a solidariedade.

Temos por suposição, em meu grupo de pesquisa, o NEXT, que o desenvolvimento coletivo passa a ser uma necessidade individual, como faziam as

antigas tribos para sobreviverem, uma vez que o sentido de coletividade vai além da simples soma das partes. O coletivo afeta diretamente o mundo individual, como percebemos no contexto contemporâneo nas questões que vivenciamos em nosso país e no mundo, em que não se pode ser completamente livre, seguro, saudável, feliz se o outro não o é. No mundo ocidental cristão, que busca "medir" e quantificar as coisas, isso se traduz justamente na troca, pois passa a ser um meio fácil de medir quem ganha e quem perde nessa relação de forças.

Pela necessidade de aprofundar minha visão sobre "estarmos juntos", pensando em novos paradigmas e em um novo modo de nos relacionarmos, mergulhei em um dos filósofos orientais mais reconhecidos do mundo e que tem sido fonte de inspiração para teóricos e líderes intelectuais: Jiddu Krishnamurti.

Para Krishnamurti (1973), uma das grandes questões da humanidade tem relação direta com a cooperação, definida por ele como trabalhar juntos, sentir juntos, construir juntos, para que se possa cooperar livremente. Porém, no nosso mundo atual, há uma forte tendência de a persuasão ocupar o lugar da espontaneidade; e as ameaças, intimidações, castigos e recompensas forçarem a situação para que as pessoas cooperem. Então, não há felicidade neste processo. Não é algo espontâneo; é, em geral, uma ideia que induz as pessoas a trabalharem juntas para chegarem a um resultado fim.

Isto não é cooperação, mas uma forma de medo, que intimida as pessoas e as convence a agir de certa forma, que é posta como a melhor para se chegar aos resultados desejados, afirma Krishnamurti. Também não seria o "trabalhar juntos por ser preciso", pelo dever de fazer um certo trabalho. Cooperação, para ele, é "a alegria de estar juntos", naturalmente e espontaneamente, sem necessidade de acordos ou desacordos. É o meio e não o fim que funda o sentimento de cooperação.

A verdadeira cooperação nasce, não pelo simples fato de se ter ajustado executar juntos um certo projeto, porém com a alegria, o sentimento de união, se posso usar aqui este termo; porque, nesse sentimento, não há a obstinação das ideias e opiniões pessoais (KRISHNAMURTI, 1973. p. 114).

Por este prisma, o filósofo indiano nos mostra que não é por interesse, acordo, medo que se despertaria o sentimento de união para um trabalho juntos, mas sim por meio de um grande sentimento de solidariedade, que nos enche de alegria por estarmos juntos, atuando juntos. Todavia, eis aí uma outra questão: quando se sugere trabalhar juntos, logo questionamos o porquê, a finalidade disso. Ocorre que em nossas práticas tendemos a colocar a importância no que vai ser feito e não no sentimento de estar juntos, e aí já não há mais cooperação. Por isso, é importante perceber a força das

relações dos sentimentos que nos unem, não do objetivo final em si (KRISHNAMURTI, 1973).

Foi procurando entender os sentimentos que temos - e que movem as relações sociais - que busquei outras referências que pudessem me dar maior compreensão do assunto que pretendia tratar. Inserida em diversos grupos de amigos em redes sociais da internet, que se valem dos serviços de mensagem instantânea (como WhatsApp) para discussões acadêmicas diversas, que um dia cheguei até Benedictus de Spinoza<sup>12</sup> ou Baruch de Espinosa (em hebraico).

Em Spinoza eu encontraria estudos muito bem elaborados que têm como temas centrais a liberdade e a escravidão, pensados de maneira radicalmente oposta aos clássicos pensamentos de Platão, na antiguidade, e de Kant, na modernidade. Isso porque Spinoza traz uma perspectiva que leva a repensar, por um lado, Deus; diferentemente do Deus da teologia tradicional, que é transcendente e criador, o Deus de Spinoza é Natureza e produtor. Tal "Deus-Natureza" é livre, pois é produtor de sua própria existência, e nenhuma força que esteja fora dele o constrange. Por outro lado, Spinoza pensa os homens, que estariam sempre sendo estrangidos por forças externas (no encontro com outros homens, no encontro com as forças da natureza), seriam sempre seres da servidão. A grande reflexão de Spinoza diz respeito a considerar a possibilidade de, em algum momento, os homens serem livres e capazes de constituírem a sua própria existência a partir de forças que vêm de dentro. Diz-se, assim, que a liberdade em Spinoza é uma causa ativa: é livre o ser que, ao agir, efetua sua natureza (ULPIANO, 1988).

Para desenvolver sua tese, Spinoza traça uma teoria sobre os afetos (também chamados de sentimentos), na qual considera que os corpos se encontram e que, nesses encontros, se afetam. A vida é pensada como um campo de afetos, uma linha de alegrias, um campo de forças afetivas, e não como uma estrutura significativa pautada nos signos, que nada mais seriam que as marcas que forças externas exercem sobre nós.

Pensar a vida como um encontro de corpos, dos quais resultam as alegrias e as tristezas, era uma perspectiva animadora para quem queria repensar as relações humanas na comunicação a partir dos afetos, compreendidos aqui como elementos desencadeadores de um processo que se traduz em menos servidão (controle) e mais liberdade. Construir uma outra percepção sobre os processos comunicativos que mostrasse a possibilidade de os sujeitos humanos serem produtores de suas próprias

---

<sup>12</sup> Embora seja usual referenciar "Espinosa", usarei a denominação em latim para me referir à Spinoza, por ser a escrita que mais me agrada. Ao tratar de sua linha de pensamento, utilizarei as denominações em português (espinosana, espinosistas, etc).

oportunidades, ou seja, sujeitos ativos no enfrentamento de seus problemas, parecia se alinhar aos exemplos empíricos estudados, indo ao encontro dos objetivos propostos para minha tese.

O pensamento de Spinoza também aparece nessa tese via pensadores que se articulam com ele e trazem explicações sobre a teoria e o método espinosano, no que tange ao modo de construir novos pensamentos/conhecimentos. Sobre isso, Deleuze desenvolve uma leitura autoral sobre a teoria de Spinoza, de tal forma que minhas construções de pensamento vão de encontro à concepção deleuziana sobre os afetos.

Também é preciso resgatar que, para desenvolver sua teoria, Spinoza lança mão de um método que rompe completamente com a transcendência e traz a imanência como ponto central de desenvolvimento do seu pensamento, pois, para ele, a vida é pura imanência<sup>13</sup>. Isso porque o método espinosista é sintético, construtivo e procura entender a causa do que nos afeta, e não simplesmente o efeito<sup>14</sup>. Analiticamente falando, diz-se que toda a nossa incursão se inicia no conhecimento do efeito de um dado ou fenômeno. Contudo, enquanto o método analítico procura uma causa como condição de certo acontecimento que se passa, o método sintético procura uma gênese, quer dizer, uma razão suficiente que leve a conhecer outras coisas também: de uma hipótese, procura-se ir rumo aos princípios não hipotéticos. A síntese está justamente na ligação da linha e do movimento (DELEUZE, 2002a). Por isso, o meio se torna mais interessante que os fins, pois para entender a causa do que nos afeta, precisaríamos também entender os caminhos que os afetos percorrem.

O paradigma da comunicação que proponho apresentar se efetiva justamente na síntese, no encontro, na relação pensada enquanto um campo de forças, pois, para Spinoza, tudo é relação de forças. Para tanto, busquei me articular com a ideia de Gêneros do Conhecimento de Spinoza, por meio das interpretações de Deleuze, que busca abandonar radicalmente os signos, as marcas, entendidos apenas como expressões da consciência<sup>15</sup>, em função do efeito dos encontros de corpos (Primeiro Gênero do Conhecimento), e adentrar no Segundo Gênero do Conhecimento, que traz a racionalidade, entendida como a capacidade do sujeito humano de conhecer os fenômenos do mundo a partir de elementos (ou forças) externas a ele. O Segundo

---

<sup>13</sup> Este conceito foi melhor apresentado no Pressuposto II da Introdução.

<sup>14</sup> Em Spinoza a compreensão de causa e efeito difere do sentido linear usualmente adotado para explicar fenômenos, como no caso de algumas teorias de comunicação, que afirmam uma relação causal automática que acontece devido a certo estímulo. No espinosismo, a causa não pressupõe um efeito linear decorrente dela, mas revela um plano não linear, um campo de afetos, onde causa e efeito habitam. Nesse plano (imanente) a causa é o começo dos processos afetivos que elevam ou diminuem os indivíduos em suas existências, enquanto os efeitos são apenas as afecções, as marcas resultantes dos encontros de corpos.

<sup>15</sup> O homem da consciência é o homem das marcas, dos signos, completamente determinado por forças externas a ele. Um homem apaixonado, portanto um homem da servidão. O que Spinoza procura afirmar é que só pode ser livre o homem que ultrapassa sua consciência a partir da força maior da vida, que, para ele, é o pensamento.

Gênero do Conhecimento espinosano mostraria um sujeito humano que é capaz de ultrapassar a consciência e conhecer, pela Razão, os fenômenos da vida. É pela via do Segundo Gênero do Conhecimento que se evidencia o surgimento de uma prática científica. Mas, é pela via do Terceiro Gênero do Conhecimento que novos modos de vida podem ser produzidos e, justamente aí, no mais alto nível de conhecimento que Spinoza enunciou, que me identifiquei e busquei traçar uma novidade para a compreensão do fenômeno comunicativo que estudava.

A força do pensamento espinosista vem da compreensão das relações de forças, dos encontros, que a vida permite que aconteçam e que nos afetam o tempo todo. Isso vale para a filosofia, para a arte, para a vida de um modo geral, e também para os casos estudados. Perceber o processo comunicativo das redes sociais *on-line* a partir de relações de forças foi tomar para mim exatamente o que Spinoza propôs em sua teoria.

A relação que quis pensar nos processos comunicativos também buscou romper com o campo das significações e traçar uma outra epistemologia da comunicação, que abandona o inconsciente edipiano<sup>16</sup>. Pensar sobre a perspectiva de um campo de forças é assumir que as marcas, os signos, nada mais são que invenções de poderes políticos, os quais, em qualquer campo social, preocupam-se em administrar os valores humanos, para construir regras, Leis, religiões, Moral... Para controlar! Romper com esta prática é assumir que a vida seja entregue às suas próprias forças, para que o campo social não mais produza sujeitos humanos apaixonados, marcados pelos encontros que os afetam, mas sim seres fortes e ativos no campo político.

O pensamento que busquei produzir para a comunicação segue a lei da natureza, que é a lei dos afetos. Ele é pulsante, vivo, em fluxo, e se preocupa em fazer composições para aumentar a força de existir, a potência dos sujeitos humanos. Para produzir um pensamento livre, busca-se tornar problematização e não resposta, de tal modo que o propósito dessa pesquisa é ser inventiva e não investigatória. Ela se opõe ao que seria uma teoria da descoberta: a descoberta entendida como uma revelação de algo que está "escondido". A invenção, ao contrário da investigação, é uma produção, uma potência, um poder da vida.

---

<sup>16</sup> Espinosistas pensam o inconsciente como um campo de forças, diferente da psicanálise, na qual o inconsciente é entendido como um campo de significações. Spinoza refuta radicalmente todas as significações, pois para ele os signos não passam de marcas, fantasmas, frustrações. Mas esse inconsciente edipiano é real, porque são as forças políticas reais que o produzem. Por isso quando Deleuze usa Spinoza, ele vai relacionar o inconsciente a um campo de forças, um campo produtivo e não um campo das marcas (ULPIANO, 1988).

### 3.2 RECORTE DA PESQUISA

Pesquisas são realizadas a partir de recortes da realidade. Mas é por meio do plano de pesquisa que os objetivos podem ser trabalhados. O modo como este plano é traçado sempre envolve a singularidade do olhar do pesquisador, por isso diz-se que ele é uma "lente", um foco dado para o estudo de certo fenômeno, que se modela, normalmente, por meio da literatura.

É nesse recorte da realidade que se apresentam os conceitos abordados na pesquisa. Acontece que, por estarem adequados ao modo de olhar do pesquisador, os conceitos trazidos ficam fixos em um momento determinado da realidade, no qual o foco do olhar sobre o problema já está pré-estabelecido. O que ocorre, então, é que os conceitos transcendem o plano que lhes deu origem e acabam por formar um caráter de verdade universal, como se um conceito X desse conta de todos os problemas, mesmo que estes fossem apresentados em diferentes épocas, espaços, contextos, etc.

Em "O que é a filosofia", Deleuze e Guattari (2016) inovam justamente sobre o modo como se faz este recorte da realidade: não mais se fixam apenas no olhar, mas incluem na construção do pensamento a dimensão do lugar. Para eles, não se pode criar conceitos dentro de um plano que já tenha sido previamente criado, em algo já estabelecido. O plano deve transbordar em processos, se abrir em fluxos, espalhar-se, até que um horizonte comece a aparecer ao longe. Além disso, ao invés de levantar conceitos em um plano transcendente no qual os problemas já estão previstos, parte-se da imanência, da vida neste plano, aqui e agora, pois é ela que cria os problemas e, paulatinamente, vão aparecendo as condições necessárias para a superação dos mesmos.

A imanência é entendida como um estado em si, algo que é nela mesma, que tem em si própria o princípio e o fim. Diferente das construções dualistas, na imanência não existe A-B, céu-terra, sujeito-objeto, certo-errado, pois nela as coisas apenas são, tal qual se apresentam, sem distinção hierárquica ou de qualquer espécie de classificação que divida as coisas. A Totalidade não existe na imanência, posto que ela não considera a noção de Todo, de Único, de algo que representaria a noção de "soma das partes". Ao contrário disso, a imanência assume o caos. Ela é o próprio caos e suas velocidades; é onde os problemas se afirmam, por isso não pode ser percebida por uma consciência exterior que problematiza o caos, mas sim pela compreensão das soluções feitas por dentro do próprio caos, da própria desordem.

Toda a condição transcendente, por conseguinte, é radicalmente negada na filosofia espinosana. A única fonte para o desenvolvimento do pensamento é a imanência, já que ela é entendida como uma qualidade para se chegar a um estado mais ativo (potente). Na transcendência, os conceitos trabalhados se elevam tanto de seu plano original que se isolam, se fecham, tornando-se verdades absolutas, universais, totalmente inertes à vida.

A linha metodológica da imanência parte da consideração de que a vida é um caos, que se distancia de tudo o que constitui uma inércia. Nada nesse mundo é uma inércia, nada é constante, nem em repouso, nem em movimento. Pelo contrário, vivemos em um estado constante de moldagem, e isso faz parte da existência.

Para a comunicação, assumi justamente tentar dar alguma consistência a esse estado caótico, que também é inerente a ela, penetrando no caos até que ele se tornasse um gatilho para seguir em frente. Com o intuito de atingir os objetivos propostos, me afirmei no caos e em todas as forças que o fazem ser esse eterno construir e desconstruir. Só assim as abordagens tecidas nesta pesquisa chegariam, de alguma maneira, ao pensamento que aqui se desenrola. Abraçar o caos, portanto, foi parte fundamental da estratégia metodológica utilizada, porque, a partir daí, eu poderia criar conceitos, traçar um plano e explicar a potência dos afetos na comunicação.

### 3.3 CRIAR CONCEITOS

Os conceitos surgem para solucionar os problemas, assumindo o caos. Conceitos só fazem sentido se existe um dado problema que surge de uma experiência, de tal forma que sua relação com o mundo não é mais com o "eu", e sim com o "há". Logo, o conceito não é sujeito nem objeto, mas um mundo possível, onde existem infinitas possibilidades (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

Um conceito não é puro nem é criado isoladamente da relação que o formou. Nem mesmo é um nome isolado. Ao contrário: opera em conexão com outros conceitos. Há ligações que os fixam, sempre em fluxo, um ajustando o outro, havendo uma espécie de interlocução entre eles, gerando um processo em eterno movimento que permite olhar um problema por um certo ângulo. Mas os conceitos sempre abrigam uma história, mesmo que ela se desdobre em outras e agregue componentes de outros conceitos, que respondem a diferentes problemas e planos. Conceitos são, dessa maneira, algo pulsante, visto que possuem sempre um devir, que provoca a sua relação com outros

conceitos que estão no mesmo plano. É desse modo que um conceito tece o plano, borda contornos, compõe seus próprios problemas, embora também traga consigo os problemas dos conceitos vizinhos que o sustentam. Esses são os conceitos cocriadores do plano e do próprio conceito criado (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

Embora sejam criados na singularidade, os conceitos não são únicos e não existe um só conceito que baste para explicar sozinho todos os fenômenos da vida. Toda a questão da transcendência é abandonada e assume-se que não há um conceito Universal, mas uma multiplicidade de conceitos. Assim sendo, diante de uma determinada situação, o conceito pode ser entendido como vibrações singulares, no qual outros conceitos que o compõem entram em sincronia e refletem juntos, criando uma espécie de "recorte" do caos<sup>17</sup>. Não se trata de limitar o caos, mas de dar-lhe alguma estrutura, para que o pensamento possa acontecer. Desse modo, não existe um conceito isolado, pois, para que se forme um conceito, é necessário existir uma vizinhança: todo conceito pressupõe outros conceitos dentro do seu próprio campo (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

Sobre a natureza de um conceito, Deleuze e Guattari (2016) dizem que três consequências decorrem dela. Primeiro, cada conceito remete a outros conceitos, não apenas na história, mas em seu devir ou em suas conexões presentes. Depois, a consistência de um conceito, o que lhe é próprio, torna seus componentes inseparáveis e, embora sejam distintos, há algo de um que toma o outro, o que os torna indiscerníveis. Essas zonas-limites ou devires de um conceito com o outro os tornam inseparáveis e definem sua consistência interior, formando pontes sobre um mesmo plano. São essas zonas e essas pontes que fazem as junturas de um conceito. Por último, cada conceito é um ponto de coincidência ou de condensação de seus próprios componentes. Esse "ponto conceitual" percorre seus componentes, fazendo de cada conceito um traço intensivo, entendido como uma singularidade, um mundo possível, que se particulariza ou se generaliza.

Devemos esclarecer, contudo, que as relações no conceito não são de compreensão nem de extensão, mas de ordenação, e que seus componentes não são variáveis ou constantes, mas diferenças ordenadas que se modificam segundo sua vizinhança. Por isso, um conceito é sempre processo. Ele se molda de forma heterogênea, tomado pela ordenação de seus componentes e de suas zonas vizinhas. Um conceito é sempre uma intenção: sobrevoa seus componentes sem se distanciar deles por espaços e tempos, indo e voltando neles. Um conceito traz

---

<sup>17</sup> A filosofia difere da ciência em sua compreensão do caos. Enquanto a ciência tende a dar referência ao caos, em uma tentativa de controlar-lhe a velocidade, a filosofia tem interesse em adquirir uma consistência sem perder o infinito onde o pensamento navega.

[...] uma multiplicidade, uma superfície ou um volume absolutos, autorreferentes, compostos de um certo número de variações intensivas inseparáveis segundo uma ordem de vizinhança, e percorridos por um ponto em estado de sobrevoo. O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. [...] O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna (DELEUZE; GUATTARI, 2016. p. 42).

Um conceito nunca é discursivo, dado que não encadeia proposições. Com isso, um conceito "bagunça" a lógica, pois, ao contrário da ciência, sempre robusta em suas proposições, a filosofia é como uma proposição despida de sentido. Na filosofia, as proposições definem-se por sua referência, que é sempre uma relação com o estado de corpos. Os conceitos entram em relação de ressonância não discursiva com seus componentes sempre heterogêneos: eles são centros de vibrações, cada um em si e em relação com os outros; eles ressoam em lugar de refletirem ou corresponderem. Mesmo as pontes dos conceitos são mais encruzilhadas do que passagens, ou desvios que não trazem nenhum conjunto discursivo. São cruzamentos móveis.

Novamente aparecem as diferenças entre a filosofia e a ciência em suas proposições. A ciência é observadora parcial e extrínseca das proposições, sempre definíveis com relação aos eixos de referência. Já os conceitos filosóficos são personagens conceituais intrínsecos que produzem um plano de consistência. Dito de outra forma, a filosofia cria conceitos enquanto a ciência cria prospectos (proposições). As proposições ou funções bastam à ciência, que se concentra em invocar um vivido. Para a filosofia não seria assim, pois seu conceito se refere não ao vivido, mas à sua própria criação. A filosofia coloca um acontecimento em sobrevoo ao vivido e a qualquer estado de coisas. Os conceitos filosóficos cortam o acontecimento, em um recorte que é à sua maneira (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

A lógica, nessas condições, perde um tanto de sua força, pois os conceitos são heterogêneos e um interage com outro, que interage com mais outro, e assim sucessivamente, não mais obedecendo uma unidirecionalidade de causa e efeito, de A sobre B, ou de hierarquias. Vale lembrar que a lógica de causa e efeito é comumente adotada por modelos de comunicação que se valem da lógica para explicar seus processos de um modo totalmente linear, estático, onde os "ruídos" são desconsiderados. O que se passa, entretanto, é que os processos comunicativos incluem uma infinidade de variáveis, justamente os "ruídos" que não podem mais ser desprezados, dado que eles são a própria comunicação. Os ruídos, nesse estudo, são essenciais, pois são eles mesmos os afetos dos quais estou tratando.

Além disso, um conceito sozinho e isolado pouco ou nada representa. Sabendo que o conceito expressa uma maneira de pensar, ele só pode ser construído se houver um "chão" que o sustente, onde seu percurso possa ser traçado, juntamente com os elementos que permitem uma constante modificação capaz de ocasionar algo novo, e não a soma das partes. Esse "chão" de formação dos conceitos, que não é, ao pé da letra, um chão geográfico, mas um ambiente em que se admite o caos, é o plano. O plano é um recorte do caos, mostrando-se como uma parcela do movimento infinito onde o pesquisador seleciona algumas forças que formam uma perspectiva, baseada em suas experiências, sobre a questão abordada. Dessa forma, o plano é justamente a região de encontro dos conceitos que fundamentam o novo pensamento. O que Deleuze e Guattari (2016) afirmam é que a orientação do pensamento que formula um conceito vem, portanto, por meio do plano no qual o conceito é desenvolvido. Na linha filosófica que adoto, é esse recorte do caos que chamamos plano de imanência.

### 3.4 O PLANO DE IMANÊNCIA

Ao contrário do que se poderia pensar quando escutamos a palavra "plano", que passa a ideia de tranquilidade, de finitude, de repouso, de algo estático, o plano a que nos referimos é o plano de Deleuze e Guattari (2016): aberto, multiforme, não estático, onde as forças que tomam o caos se condensam e podem formar conceitos, pois há um momento em que as velocidades e forças do caos ganham alguma consistência, um horizonte de acontecimentos, nos quais algo novo se cria e, então, conceitos são formados.

Deleuze e Guattari afirmam que os conceitos seriam como as vagas múltiplas, que se erguem e se abaixam como as ondas do mar, e o plano de imanência é a vaga única, o oceano, que enrola e desenrola as ondas. "O plano envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes" (DELEUZE; GUATTARI, 2016. p. 45). Se os conceitos são como a coluna vertebral da filosofia, o plano é a respiração. Enquanto os conceitos são acontecimentos, o plano é o horizonte dos acontecimentos. Trata-se de um horizonte aberto, multiforme, não estático, porque as forças do caos estão em contínuo movimento, nos fatos, nos atos, na vida. Desse emaranhado próprio do universo caótico e infinito, o observador escolhe algumas forças, baseadas em suas experiências, e forma uma perspectiva que permite formar um certo

olhar para o caos. Por isso, o plano traduz as próprias vivências de quem o traça, cujas forças das experiências atravessam e condensam o caos, permitindo criar conceitos.

Por isso um conceito precisa de um plano: para que ganhe consistência e não seja apenas uma palavra e um problema. Sem seu plano, o conceito transcende a um outro plano, tão fora de si que deixa de ser solução de alguma coisa e se torna pura abstração. Essa ideia não faz sentido para vida, já que é justamente a capacidade interativa do conceito e do plano que permite que um se modifique no outro, criando algo novo, que não é a simples soma das partes nem tampouco a modificação de uma das partes para ser a outra, mas que torna o conceito um acontecimento (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

Quando se pensa em um plano, não estamos pensando em planos que escapem aos seus conceitos, que atinjam um patamar alto que ultrapassa o caos, que transcenda. A imanência de Deleuze e Guattari (2016) é o contrário da transcendência: ela pretende habitar o caos, ela quer se espalhar em seu plano, conhecer o que se apresenta ali, pois é assim, no caos e seu infinito de forças e velocidades que a vida se apresenta, e onde conceitos fazem algum sentido. É nesse plano que os conceitos habitam.

Enquanto na transcendência procura-se uma unidade para as coisas, algo que resolva o problema e seja universal, na imanência o que se quer é abrir espaços para novos questionamentos, por isso há uma recusa da verticalidade transcendente no plano de imanência. No plano transcendente, os conceitos levam o pensamento para longe do plano a tal ponto que ele torna-se sólido e distante, como um sistema fechado que não é atravessado por mais nenhuma variável, onde nada é capaz de adentrar o pensamento e reestruturá-lo, tornando-se uma espécie de Verdade Universal. Por outro lado, o objetivo do plano imanente não é chegar a uma síntese, a uma compreensão universal sobre um problema. A ideia é abrir espaços, frestas para novos questionamentos.

Os conceitos de um plano imanente trazem singularidades e são repletos de multiplicidade, que o próprio plano garante. Por essa razão, o plano imanente recusa a verticalidade ou a transcendência, pois nessas situações os conceitos tornam-se pontos fixos fora do plano, levando o pensamento para longe do plano, tornando-o uma Verdade Universal onde tudo cabe. O que se quer com o plano imanente é que o plano continue aberto, que nunca perca seu movimento, que permita que outras forças entrem pelas suas frestas e modifiquem tanto plano quanto conceito, o tempo todo. Essas aberturas no plano é que permitem que ele se mantenha e que o pensamento possa transitar de um conceito ao outro, de um plano ao outro, de um teórico ao outro, recusando a universalidade e assumindo a multiplicidade.

O plano imanente quer subtrair o Único da multiplicidade. Para isso, ele precisa assumir suas frestas e ser um plano aberto, um "sistema em frestas", que alimenta o pensamento multiforme, se construindo e se remodelando, sendo, ele mesmo, devir. Assim, dado que  $n$  é multiplicidade e 1 é aquilo que é Universal (Único, Verdade Absoluta), para que o plano continue sendo um sistema aberto, um plano de imanência, é preciso recusar a universalidade, tal como apresentado por Deleuze e Guattari (2016):

$$\text{Imanência} = n - 1$$

Onde,

$n$  = multiplicidade

1 = Universal (ponto fixo; Verdade, Único)

Em um plano imanente, portanto, não se pretende que os conceitos formados sejam uma verdade sobre uma certa questão, uma vez que o plano não traz verdades, nem mesmo uma maneira única pela qual o conceito sempre se aplicará e funcionará. O que se espera de conceitos desenvolvidos em um plano imanente é que assumam sua veracidade em função do plano que os originou. A grande questão desta metodologia não é chegar a um fim dos problemas, onde as tensões serão todas resolvidas, mas conceber um movimento infinito de criação. O que o plano de imanência faz é justamente organizar o pensamento, fazendo os conceitos navegarem pelo plano para que surjam outros conceitos (e planos) que suscitem novos questionamentos. É desse modo que o plano de imanência vai sendo montado, remexendo as peças para construir suas ideias, desenhando intensidades.

O plano de imanência é semelhante ao mar que navegamos: oferece uma estrutura para organizarmos nossas ideias, mas nunca direções que devemos seguir. Nós deslizamos entre, nos introduzimos ao meio, sempre de modo relacional, pois um corpo é sempre um poder de afetar e ser afetado em maior ou menor intensidade, aumentando ou diminuindo sua potência de agir. O corpo pode ser uma alma, uma ideia, uma coletividade. O plano de imanência deleuziano diz respeito justamente a isso: às velocidades e à lentidão, ao repouso e ao movimento, à compreensão dos afetos que preenchem um corpo a cada momento e que constituem a natureza desse corpo. O plano de imanência está sempre em fluxo, sendo remoldado o tempo todo pelos sujeitos humanos e coletividades. O que existe nesse plano de imanência são sempre relações de velocidade e estados afetivos, nunca formas, sujeitos/objetos, finalidades.

É por ser fortemente marcado por devires e intensidades, por fluxos entre plano e conceitos, conceitos e plano, que o plano de imanência foi escolhido para tratar das questões abordadas nesta tese. Partindo da observação dos coletivos de redes sociais da internet, eu poderia chegar a um novo conceito de comunicação, que se delineou no horizonte em meio ao caos das redes sociais *on-line*, nas quais os processos comunicativos encontraram nos "ruídos-afetos" a condensação necessária para que o conceito pensado se firmasse. Os afetos aparecem, assim, como elementos vivos das relações humanas que trazem em si a potência transformadora da sociedade.

### 3.5 A CRIAÇÃO DO CONCEITO E O PLANO DE IMANÊNCIA

Diante da construção desse pensamento meu "papel" foi agir, principalmente como observadora atenta dos fenômenos empíricos vistos nas redes sociais estudadas. Os afetos, base para a construção do meu conceito, que em um primeiro momento soavam um tanto quanto abstratos, se mostraram bastantes concretos, com o avançar das leituras e estudos que ajudaram a traçar o trabalho.

O movimento de circulação social dos afetos nos coletivos estudados foi percebido concomitantemente com as leituras e estudos desenvolvidos no campo teórico, que foram adensando com o amadurecimento do meu saber e minha inserção no plano e nos conceitos que se formavam. Esta tessitura do plano, estruturada com base nos conceitos trazidos, um construindo e modificando o outro, refazendo-se o tempo todo, permitiu entender o quão orgânico são os afetos e como a alteração da potência de agir dos corpos afetados repercute socialmente no campo comunicacional e revela sujeitos ativos em prol de suas causas.

A dedicação ao mundo da filosofia permitiu compreender mais densamente alguns conceitos abordados que se manifestavam no mundo virtual (corpos passivos; corpos ativos; paixões; paixões-tristes e paixões-alegres; alegrias-ativas, como solidariedade, cooperação, satisfação; ação; liberdade; biopolítica e biopoder). Como um deslizar em uma onda, onde muitas variáveis estão contidas e é necessário sintonizar-se à Natureza para garantir o equilíbrio, só foi possível criar o pensamento que permitiu construir o conceito desenvolvido aqui, porque houve uma entrega à experiência; ele foi sustentado, equilibrado, estruturado por outros conceitos constituintes desse "plano-mar" em que naveguei, mas sempre em harmonia. Ou seja, nesse oceano caótico repleto de "ruídos-afetos" que é o ambiente virtual, à medida em que o plano ia sendo gerado,

também ia ganhando sentido entrelaçando os conceitos cocriadores até que surgisse no horizonte a configuração de um conceito novo. E foi por meio dos conceitos trazidos e do plano traçado que pude construir uma outra percepção sobre os processos comunicativos, observados por um novo olhar, que buscou perceber na riqueza dos afetos os elementos integrantes e essenciais das relações de comunicação em rede. Essa constatação exige admitir que uma outra forma de comunicação é possível, e que suas implicações no campo social repercutem politicamente e precisam ser, cada vez mais, percebidas e valorizadas para a construção de outros modos de vida.

Os corpos desse estudo são os sujeitos humanos que formam os coletivos das redes sociais da internet, os quais revelam a existência de um campo de afetos. Existem incontáveis coletivos no ambiente *on-line*, com as mais diversas características, revelando inúmeras singularidades, já que se trata de um ambiente demasiadamente heterogêneo. Mas eu pretendia olhar para coletivos que expressassem corpos ativos, ligados à ideia da potência emancipatória das alegrias, como um caminho libertador que se manifesta em ações concretas. Por isso, os corpos apaixonados (passivos), que vivem à revelia das forças externas que lhes afetam e, portanto, são incapazes de provocar ações ou construir pensamentos, foram desconsiderados. Foi uma escolha de estudo trabalhar com corpos ativos, aqui compreendidos como os sujeitos humanos que procuram entender sua natureza para produzirem os encontros que vão modificar suas vidas (bons encontros), ao invés de seguirem a prática da consciência, dos hábitos.

Navegando de modo aleatório pelos grupos estudados (como um usuário da internet usualmente faz), sem estabelecer um caminho pré-determinado ou regras específicas de navegação, o olhar se direcionava para os casos em que a comunicação trazia exemplos de relações de composição que resultam em corpos mais potentes. Os maus encontros, ao contrário, só poderiam revelar fraqueza e repetição de hábitos, dado que são frutos dos encontros de corpos que vivem à revelia das forças que os afetam e, por isso, não se ajustavam aos interesses desse estudo. Assim sendo, diante dos diversos grupos de redes sociais *on-line*, três foram os grupos selecionados para a experiência empírica da pesquisa, por serem grupos que eu já acompanhava e que traziam as características de dinamismo e interatividade que, ao que tudo indicava, permitiriam formar o plano-mar de navegação dessa pesquisa. A rede de "ativistas do Diabetes", o grupo de WhatsApp "Central-Zap-Hemoterapia" e o grupo de Facebook "Envelhecimento em Comunidade" trariam o cenário necessário para traçar um plano e apresentar o conceito criado.

Por meio da observação participante desses grupos, como membro deles, em conjunto com a leitura filosófica sobre os afetos, liberdade e criação, o plano foi sendo

formado e o pensamento moldado, como em um navegar teórico-prático, no qual sujeito e objeto não mais importam, pois a hierarquia da estrutura foi abandonada para dar lugar ao ritmo, às passagens, ao devir. A imanência da vida colocada em meio ao caos das redes sociais permitiu traçar esse plano dinâmico, flexível, horizontal, onde as múltiplas singularidades, os diversos saberes, os diferentes níveis de interação puderam coabitar. Foi esse plano que mostrou a capacidade revolucionária dos afetos, na qual os sujeitos deixam de ser passivos para tornarem-se causa ativa de suas próprias existências, trazendo à tona uma nova forma de comunicação, fundamentada no conceito de Comunicação Alegre, que tem na interação a força expressiva da potência criativa.

Nos grupos estudados, assumi diferentes posições. No grupo de Facebook "Envelhecimento em Comunidade", a observação se iniciou tão logo ele foi criado, pelo NEXT, em setembro de 2016, e o acompanhamento se deu ao longo de todo o estudo. A interação com o grupo foi, muitas vezes, ativa, embora restrita às funcionalidades desta rede social. Assim, em alguns momentos, participei interagindo com as postagens com curtidas, compartilhamentos e mesmo comentários. Em algumas outras situações, fui autora de posts que traziam questões relativas aos interesses da comunidade, como moradia, solidão, amor, superação de desafios da vida. Também participei de um encontro presencial dos membros do grupo residentes no município do Rio de Janeiro, e que permitiu explicar melhor para eles o meu interesse em participar do grupo com a preocupação de entender a circulação dos afetos na comunicação.

A "rede de ativistas do Diabetes" não se restringe a um aplicativo ou plataforma específica. Por isso, o navegar neste grupo ocorreu de forma ainda mais horizontal na rede, ora por entre blogs, ora no Facebook, e também por meio de produções orais (aulas, palestras, participação em eventos) e escritas (artigos, conversas via aplicativos de mensagem instantânea). Nesse grupo, minha atenção voltou-se para procurar entender sua dinâmica e conformação, as funções dos integrantes e a articulação para troca de experiências e para criação de ações específicas voltadas à mobilização social para o diabetes. Desde 2013, época em que conheci uma das ativistas, sigo as discussões desse coletivo acompanhando suas ações e propostas de forma bastante estreita durante todo o período desse estudo, pois a referida ativista é também colaboradora do meu grupo de pesquisa, o NEXT.

No WhatsApp do grupo dos profissionais de Hemoterapia, participo como membro observador do grupo desde sua criação, em em 27 de outubro de 2015, pois um dos integrantes do grupo foi meu aluno de pós-graduação e desenvolveu uma pesquisa que se relacionava com o tema. Por isso, fui adicionada ao grupo com o objetivo de pesquisar os limites e potencialidades de mesmo, não chegando a interagir diretamente

com ele. Este grupo utiliza basicamente o WhatsApp para o cumprimento dos seus objetivos (relacionados às atividades do dia a dia dos profissionais integrantes da hemorrede do Estado do Rio de Janeiro). Além disso, para que os objetivos principais desse grupo não se esvaziassem, foi criado um perfil no Facebook para troca de outras informações de interesse do grupo, que têm relação com a temática da hemoterapia, mas não estão diretamente relacionadas aos objetivos do grupo de mensageria. De todo modo, em ambas as situações, sou apenas observadora atenta de todo o processo comunicativo que ali se desenrola. Busquei perceber de que forma a atuação do grupo subverte as práticas vigentes e, através das redes sociais, produz uma nova forma de gestão em saúde, ainda que inserido dentro do próprio sistema de saúde pública do Brasil, o SUS.

Vale dizer que, para o desenvolvimento deste trabalho e para o amadurecimento teórico necessário, além dos livros e textos a que recorri, participei de cursos informais, ofertados por professores de filosofia, além de assistir aulas disponíveis *on-line*. Não hesitei, quanto se fez necessário, em consultar estudiosos que pudessem esclarecer dúvidas ou apontar referências que me auxiliassem nessa tarefa.

## 4 DAS PRÁTICAS

### 4.1 NAVEGAÇÕES NO PLANO-MAR

Esta parte do estudo apresentado será desenvolvida considerando as incursões práticas e teóricas pelas quais naveguei. As palavras da teoria podem ser entendidas como regiões mais estáveis do plano navegado, onde se poderia recortar o caos e, sem reduzi-lo, chegar a uma área de conforto, em que as ondas não quebram, onde é permitido parar e pensar com maior segurança sobre o que se visualiza na prática. A prática, área onde ventos contrários balançam a calma das águas, onde as correntes insistem em direcionar a navegação, onde as ondas quebram e onde o caos se faz, traz um embalo que é pura imanência: a vida como ela é, as coisas como são, assim, do jeito como devem ser, no plano material. Mas é a incursão por essa zona de instabilidade, onde a vida acontece, que permitiu pensar teoricamente, e não o contrário. Foi assim que, cruzando ondas, passando áreas de correnteza, buscando a proteção do vento, que pude surfar e perceber, a partir da prática, um elo com a teoria. Desse dobrar e desdobrar do plano-mar, que traz áreas de conforto (teoria) e instabilidade (prática), se arquitetou a linha de pensamento que, por fim, apresentarei: o conceito de Comunicação Alegre.

Por isso, faz-se necessário apresentar, ao princípio de tudo, as experiências práticas, pois a teoria só fará sentido acompanhada da vida. É preciso considerar, contudo, que esse paralelismo teoria-prática deve ser entendido como uma coisa só no navegar do pensamento, embora seja preciso ter em mente que dois modos estão unidos em suas diferenças. O navegar prático será pensado, assim, à luz da ciência intuitiva, na qual os afetos são elementos centrais e desencadeadores de encontros potencializadores da força de agir. Assim, apresento os resultados em quatro itens, conforme a seguir, que partem da empiria e nos permitem entender o pensamento que dá origem à ideia do conceito desenvolvido:

- a) A comunicação no ativismo do diabetes;
- b) Comunicação para a gestão em saúde: Central-Zap Hemoterapia;
- c) A comunicação no grupo Envelhecimento em Comunidade;
- d) Comunicação Alegre: potencializando ações em saúde.

#### 4.1.1 A comunicação no ativismo do diabetes

*“– Mestre, como devemos tratar os outros?  
– Não existem outros.”  
Anônimo*

Um exemplo bastante representativo do “empoderamento” do usuário da internet para o ativismo é o perfil “Eu, meu filho e o diabetes” (EU, MEU FILHO E O DIABETES, 2013), cuja autora é uma mãe que teve seu filho diagnosticado com diabetes mellitus tipo 1 aos 7 anos de idade.

O perfil do blog surgiu seis meses após o diagnóstico, em janeiro de 2010. A autora queria respostas ou experiências que acalmassem seus sentimentos e, apesar de todo o empenho da equipe médica que acompanhava seu filho, parecia existir uma lacuna de afetos que seguia mãe e filho. Na tentativa de entender melhor essa condição de saúde, partindo de outras experiências que lhe mostrassem como conviver com a nova realidade e com a rotina que o diagnóstico lhe impôs, surgiu a ideia de criar um blog, no qual informações e sentimentos pudessem ser compartilhados por aqueles que vivenciam a mesma situação de saúde. Tal atitude impactou não só a vida da autora e de seus familiares, mas das pessoas que acompanham os seus perfis na internet, seja no blog, no Facebook ou em aplicativos para celular, trocando informações para que a convivência com o diabetes não seja um degradador das suas vidas. No Facebook, a página do “Eu, meu filho e o Diabetes” conta, atualmente, com mais de oito mil seguidores (Figura 6).

O blog “Eu, meu filho e o diabetes” mantém um total de 222 publicações onde é possível acompanhar várias fases do tratamento voltado para o controle do diabetes, assim como informações de eventos para crianças e familiares do portador de diabetes, novas tecnologias e pesquisas recentes relacionadas à patologia. Algumas publicações descrevem situações muitas vezes desconhecidas no ambiente ambulatorial, que não têm uma ligação direta com o tratamento, mas que trazem consequências imediatas para o estado geral de saúde e qualidade de vida do paciente.

O acompanhamento das publicações do blog permitiu perceber o envolvimento da família na busca pela garantia de uma assistência mais humana. Nos comentários, notei que os leitores se identificam com a maioria das situações, como se houvesse algum sentimento em comum sobre a condição de saúde que é de difícil entendimento para quem não convive com a patologia, independente do grau de conhecimento sobre

o diabetes. Frases do tipo “eu entendo o que você está passando”, “eu já passei por essa situação”, “que bom que encontrei este blog”, são comuns e acalentadoras.

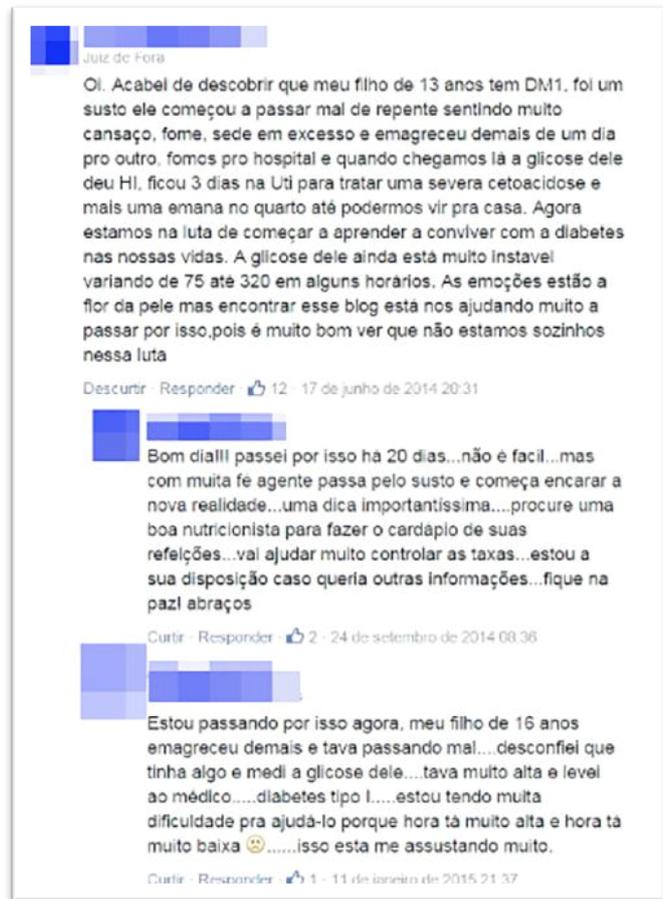
Figura 6 - Captura de tela dos perfis do blog e da página do Facebook do “Eu, meu filho e o diabetes”.

The image is a composite screenshot showing the top of a blog and the top of its Facebook page. The top section is the blog header for 'Eu, Meu Filho e o Diabetes', featuring a blue background with a cartoon illustration of a smiling boy's face. Below the header is a navigation menu with links like 'HOME', 'QUEM SOMOS', 'DIABETES MELLITUS TIPO 1', etc. The middle section shows a list of blog posts, including one titled 'O SUS, O BANCO DO BRASIL E A MEDTRONIC: A SAGA PRA MANTER O TRATAMENTO COM BOMBA DE INSULINA'. The bottom section is the Facebook page for the same entity, showing a cover photo with the text 'O DIABETES NÃO ME LIMITA!' and 'O DIABETES ME MOTIVA', a profile picture, and various page settings and community statistics.

Fonte: Blog e Facebook do "Eu, Meu Filho e o Diabetes", 2018.

Ao descrever como se sente diante de uma emergência ou rotina, a autora traz à tona o que diferentes famílias sentem ou pensam, tornando o blog um espaço de vozes coletivas, pois os leitores compartilham as publicações como se fossem suas próprias palavras. Este vínculo de confiança pela identificação com o outro torna o blog uma espécie de personagem ativo e confiável. É possível perceber como os leitores chegam ao blog com uma certa familiaridade estabelecida, apesar de não conhecerem pessoalmente a autora do blog e sua família, como mostra a Figura 7.

Figura 7 - Captura de tela de postagem e comentários da página de Facebook "Eu, meu filho e o diabetes".



Fonte: Eu, meu filho e o diabetes, Facebook, 2015.

Algo muito positivo que acontece nessa vivência é o alívio que se percebe nos seguidores do perfil "Eu, meu filho e o diabetes" ao encontrarem experiências próximas às suas. Tomados pela alegria deste encontro, os leitores que convivem há mais tempo com a patologia logo se colocam disponíveis para o esclarecimento de dúvidas dos mais novos, respondendo perguntas e comentando situações que já viveram.

É interessante notar que, apesar de estar sempre escrevendo sobre uma doença crônica, tanto a página do Facebook como o blog não são ambientes "doentes", pois abordam as questões de maneira positiva e incentivadora, com humor e leveza, uma estratégia que foi sendo incorporada pela autora em contrapartida às mensagens mais técnicas que existem na internet, que acabam sempre recaindo para uma abordagem mais prescritiva e taxativa.

Por meio da troca de informações sobre como lidar com o diabetes, as pessoas que convivem com esta condição aprendem artifícios simples para o controle da glicose, que podem ser feitos em casa pelo próprio paciente ou pelo seu responsável. O

resultado é um conforto para as famílias e uma diminuição da demanda por serviços de emergências médicas em situações que não apresentam um risco à vida. Percebe-se que, não raro, as redes sociais são acionadas antes do sistema de saúde (equipe de saúde). Quando alguém está com hipoglicemia e a pessoa ou o acompanhante não sabem como resolver esta urgência, recorre-se aos grupos de redes sociais para receber orientações até que o problema esteja resolvido. A prática de usar uma colher de açúcar para salvar uma vida<sup>18</sup> foi amplamente divulgada pelos ativistas. Como mostra a Figura 8, o alerta sobre o que fazer em caso de hipoglicemia alcançou mais de 37 mil pessoas no Facebook, confirmando a grande capacidade de disseminação das postagens realizadas em redes sociais. O grupo do diabetes tem um papel fundamental para o sistema de saúde, diminuindo a demanda dos serviços de emergência, já que nem todas as urgências de saúde são emergenciais.

Figura 8 - Captura de tela de postagem sobre o que fazer em caso de hipoglicemia, e alcance da mesma,

**Eu, meu filho e o Diabetes**  
Publicado por Sarah Rubia Baptista 191 · 19 de dezembro de 2014 ·

**HIPOGLICEMIA** é a queda exagerada do nível de açúcar no sangue: menor que 70 mg/dl.

**SINTOMAS:**

- Fome súbita;
- Fraqueza, cansaço;... Ver mais

**DIABETES:  
O AÇUCAR PODE SALVAR UMA VIDA!**

**Se você tem diabetes ou um familiar com diabetes, converse sobre como socorrer-lo em caso de hipoglicemia com as pessoas que convivem com quem tem diabetes.**

**Se você conhece alguém com diabetes, informe-se! Pode ser que um dia fique apenas o diabético, você e uma hipoglicemia!**

**E a sua ajuda pode salvar uma vida!**

37.920 pessoas alcançadas

**Impulsionar publicação**

Curtir · Comentar · Compartilhar · 381 · 29 · 714

<b>37.920</b> Pessoas alcançadas		
<b>2.530</b> Curtidas, comentários e compartilhamentos		
<b>1.648</b> Curtidas	<b>381</b> Em uma publicação	<b>1.267</b> Em compartilhamentos
<b>162</b> Comentários	<b>37</b> Em uma publicação	<b>125</b> Em compartilhamentos
<b>720</b> Compartilhamentos	<b>714</b> De uma publicação	<b>6</b> Em compartilhamentos
<b>3.639</b> Cliques em publicações		
<b>720</b> Visualizações da foto	<b>2</b> Cliques em links	<b>2.917</b> Outros cliques
<b>FEEDBACK NEGATIVO</b>		
<b>14</b> Ocultar publicação	<b>1</b> Ocultar todas as publicações	
<b>0</b> Denunciar como spam	<b>0</b> Descurtir Página	

Fonte: Eu, meu filho e o diabetes, Facebook, 2014.

<sup>18</sup> Uma colher de açúcar eleva a glicose de imediato, não necessitando de atendimento médico, salvo em casos de desmaios ou convulsões. Um paciente em hipoglicemia que procura atendimento médico corre riscos durante a espera no atendimento e, quanto mais grave se tornar a hipoglicemia, mais recursos do SUS serão dispensados a esse paciente.

O perfil do “Eu, meu filho e o diabetes” é muito atuante na luta por políticas públicas mais justas e inclusivas, pois a experiência coletiva denuncia a falta de medicamentos na rede pública de saúde do Brasil. A Figura 9 mostra como o ativismo na rede chama a atenção para situações que impactam diretamente a vida das pessoas e, indiretamente, o sistema de saúde, pois os casos não tratados “hoje” serão os casos mais custosos “amanhã”.

Figura 9 - Captura de tela da postagem para mobilização em rede sobre a carência de estoques de insulina e insumos nas farmácias do SUS



Fonte: Eu, meu filho e o diabetes, Facebook, 2013.

O ativismo da autora de “Eu, meu filho e o diabetes” fundiu-se ao de outros blogueiros durante o “1º Encontro Nacional de Blogueiros e Ativistas em Redes Sociais da Saúde”, época em que o coletivo teve a ideia de fazer uma identificação única para o grupo intitulada de “Blogueiros de Diabetes”. Em junho de 2013 eles criaram a *fanpage* oficial no Facebook. Desde então, além de seus respectivos blogs, do Facebook e de outras redes sociais, como o WhatsApp, os ativistas do diabetes também passaram a usar esse perfil coletivo para discutir e propor ações específicas voltadas a dar visibilidade à sua causa na busca pela garantia da vida. A dinâmica *on-line* permite que cada ativista disponibilize seu conhecimento em prol do conhecimento coletivo, facilitando a troca de experiências; a articulação para participação direta na tomada de

decisão em saúde, como a participação em consultas públicas e audiências; e permite tornar os sujeitos proativos na construção de suas próprias reivindicações.

O coletivo dos blogueiros de diabetes é composto, atualmente, por 35 ativistas que mantêm uma página pública e um grupo fechado no Facebook, como uma espécie de "sala de reuniões", além de perfil no Twitter. Juntos, eles utilizam os espaços *on-line* como meio de promoverem saúde, trazendo mudanças positivas para a melhoria da qualidade de vida e levando conhecimento de educação em diabetes, com solidariedade e respeito, por meio do compartilhamento de experiências.

Toda a dinâmica de preparo das ações a serem executadas é *on-line* e cada membro do grupo, de modo livre, coloca à disposição dos demais membros o seu conhecimento profissional, tornando o grupo mais horizontal, participativo e interativo. Advogados, jornalistas, matemáticos, designers, profissionais de saúde, técnicos em informática ou simplesmente aqueles que dispõem de tempo, vontade e querem contribuir com a causa atuam de maneira voluntária nas atividades que integram as ações desse coletivo.

Conhecendo as dificuldades das pessoas que convivem com o diabetes, porque vivenciam esta situação de saúde na prática, sempre que têm oportunidades os ativistas se articulam pela internet e participam dos espaços oficiais de comunicação e decisão em saúde, como ouvidorias, consultas públicas, audiências, mas também constroem suas próprias reivindicações e atividades.

Dentre as experiências nas quais os ativistas do diabetes atuaram diretamente destaca-se a campanha pelo teste de glicemia como procedimento obrigatório nos atendimentos de urgências e emergências do Brasil. Todo o movimento feito neste esforço iniciou-se em 2013, quando uma menina diabética, em Teresina, Piauí, foi socorrida em uma unidade de saúde, vindo a receber, erroneamente, soro glicosado, quando sequer os pais tinham conhecimento da enfermidade da filha. Ao passo que a notícia se espalhava, outras experiências traumáticas como esta foram sendo conhecidas e novos relatos eram enviados aos blogs e redes sociais. A ampla mobilização levou os ativistas a criarem uma petição no Avaaz.org com o intuito de pressionar o legislativo a tornar o teste de glicemia obrigatório em serviços de urgência e emergência. A proposta iniciada pelos blogueiros do diabetes (Figura 10) foi levada para a Câmara dos Deputados por meio do Projeto de Lei 6769/13 (BRASIL, 2013a) e ainda segue em trâmite.

Figura 10 - Imagem do cartaz da campanha dos Blogueiros de Diabetes para tornar o teste de glicemia obrigatório em serviços de urgência e emergência.



Fonte: Blogueiros de Diabetes, 2013.

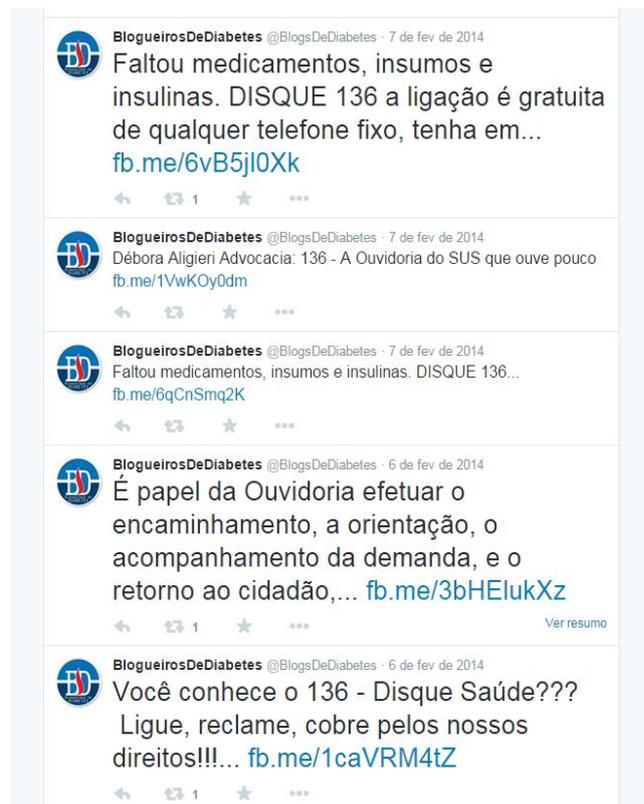
Em 2017, em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram criados Projetos de Lei Estadual, a saber 104/2017 e 2558/2017, respectivamente, que dispõem sobre a obrigatoriedade do teste de glicemia em prontos-socorros e unidades de saúde para crianças de 0 a 6 anos, 11 meses e 29 dias de idade em todos os municípios desses estados.

Para os portadores de diabetes que fazem parte dessa rede virtual, não é suficiente que as mudanças tragam melhorias unicamente para suas vidas. Eles buscam alcançar a população, o coletivo, e evitar situações que apresentem risco iminente à vida. O teste de glicemia é um exemplo de luta coletiva, pois preza pela segurança no atendimento, na tentativa de que os que ainda não foram diagnosticados com esta condição não sejam expostos aos fatores de risco do diabetes. Os ativistas propõem

essa estratégia de saúde baseados no fato de que mais de metade dos brasileiros portadores de diabetes não sabem que possuem essa condição (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2016).

Algumas vezes, o coletivo se empenha em esclarecer ou dar visibilidade aos serviços ofertados pelo SUS. “Blogagens” coletivas são organizadas, nesses casos, como no caso de uma coletiva realizada para esclarecer à população sobre quando e como fazer uso da ouvidoria do SUS, como mostra a Figura 11. A decisão do grupo para executar esta ação surgiu a partir da constatação de que os cidadãos reclamam nas redes sociais sobre os serviços e a atenção prestada no SUS, mas a maioria sequer sabe como registrar queixas oficialmente.

Figura 11 - Captura de tela de postagens para mobilização social sobre a ouvidoria do SUS no Twitter dos Blogueiros de Diabetes.



Fonte: Blogueiros de Diabetes, Twitter, 2014.

No ano de 2013, na época das atividades em torno do Dia Mundial do Diabetes, comemorado em 14 de novembro, os ativistas do diabetes perceberam que a data não seria lembrada pelo Ministério da Saúde, pois não havia ações programadas em torno dessa questão. Buscando dar visibilidade à causa, eles resolveram chamar a atenção da população, gestores e governantes por meio de um “twitaço”. Convidaram a então Presidente Dilma e o Ministro da Saúde na época, Alexandre Padilha, a realizarem, nesse

dia, o teste de glicemia, como representação do apoio a todos os portadores de diabetes e alertando sobre a importância deste procedimento para cidadãos não diabéticos. O objetivo do grupo parece ter surtido efeito, pois Alexandre Padilha publicou em seu Twitter fotos da realização do teste de glicemia na manhã de 14 de novembro de 2013 (Figura 12).

Figura 12 - Captura de tela de postagens no Twitter sobre a importância do teste de glicemia no perfil do Blogueiros de Diabetes e do ex-Ministro da Saúde Alexandre Padilha.

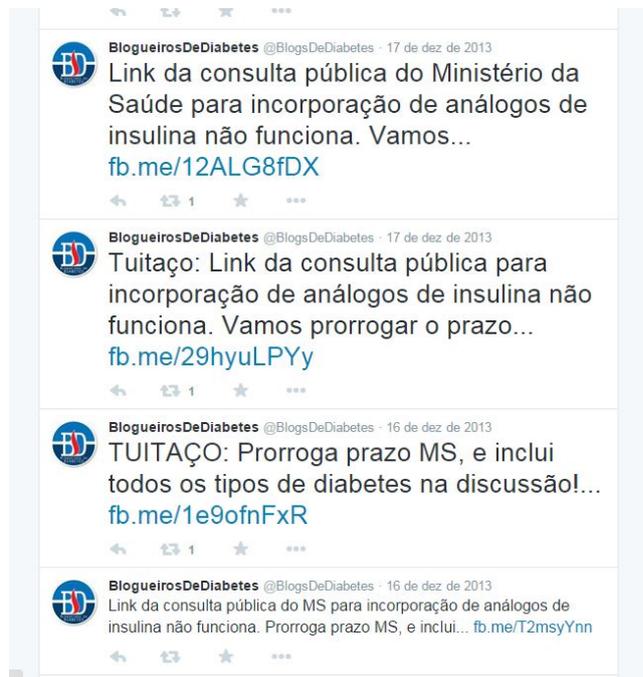


Fonte: Blogueiros de Diabetes e @padilhando, Twitter, 2013.

Com as imagens, os blogueiros fizeram uma grande campanha nas redes sociais, chamando a atenção sobre o assunto e alertando sobre a importância do teste glicêmico ser realizado anualmente, principalmente para os portadores de diabetes tipo 2, os quais muitas vezes só descobrem a doença quando começam perceber as sequelas da patologia.

Outra campanha foi o pedido junto à Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (CONITEC) solicitando prorrogação do prazo para o envio de contribuições para a consulta pública relacionada com a incorporação de novos medicamentos para diabetes na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) (Figura 13). A partir das campanhas realizadas pelos ativistas nas redes sociais da internet, a Sociedade Brasileira de Diabetes se posicionou a favor e fez uma solicitação formal sobre o assunto, cuja consequência foi a extensão do prazo estabelecido.

Figura 13 - Captura de tela de postagens no Twitter para prorrogação do prazo da consulta pública junto à CONITEC.



Fonte: Blogueiros de Diabetes, Twitter, 2013.

A experiência dos ativistas do diabetes evidencia que a interação e a dinâmica das redes sociais favorecem debates mais profundos e pautados nas experiências práticas de quem convive com essa questão de saúde. Dito de outra forma, uma rede de solidariedade se forma a partir das pessoas que aprenderam a se compor em uma dada situação, nesse caso o diabetes, para que ela seja vivida de maneira a potencializar a força existencial dos sujeitos humanos e nunca diminuir sua potência. Do encontro virtual para encontros presenciais orgânicos, a rede estabelecida forma laços de amizade; e o diabetes, que seria uma patologia desencadeadora de tristezas, pode gerar novas atitudes e posturas que agem aumentando a positividade dos indivíduos diante da vida.

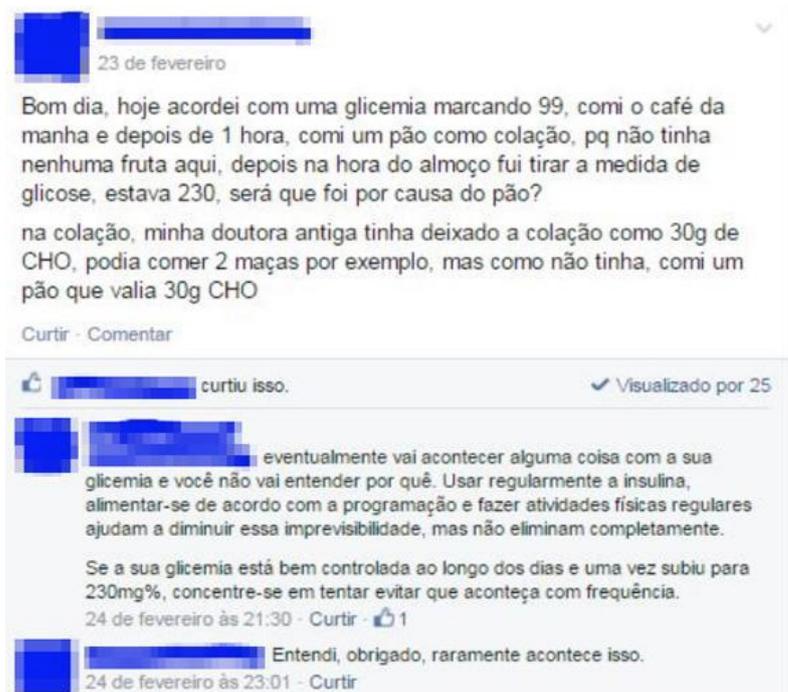
O exemplo também mostra que, aos poucos, os profissionais de saúde começam a perceber a necessidade de se aproximar dos pacientes através das redes sociais da internet, transformando a relação médicos (especialistas) e pacientes (não especialistas) em uma verdadeira equipe, em que um auxilia o outro a desempenhar sua função da melhor maneira possível, de modo que potencialize a autonomia de quem convive com essa condição de saúde. Não podemos esquecer que, geralmente, as questões trazidas pelo paciente podem desencadear impactos positivos no tratamento, que se refletem em um melhor estado de saúde quando ele chega para a próxima consulta. Além disso, em uma rede social da internet, onde as informações são compartilhadas e há interação, as trocas de experiências podem ser proveitosas para outras pessoas que estejam nas

mesmas condições, sendo também um meio de conhecer melhor a rotina e os anseios dos pacientes fora do ambiente ambulatorial, o que poderia ser melhor explorado pelos profissionais de saúde.

Uma equipe de saúde, normalmente, monta o programa de tratamento para o paciente e só avalia os resultados na consulta posterior. Mas, é no dia a dia que o tratamento pode trazer a diferença. Nos grupos de Facebook e WhatsApp, o principal amparo que os membros encontram tem relação com o controle do diabetes, respondendo e trocando informações sobre dúvidas que muitas vezes, pela escassez de tempo, não são respondidas durante as consultas. Algumas indagações são trazidas de pacientes para pacientes sem interferir, de modo algum, no tratamento clínico. O que se passa é que o apoio emocional, as informações sobre os aspectos gerais da patologia e sobre as opções de tratamento auxiliam as consultas ambulatoriais, fazendo com que os pacientes ou seus acompanhantes tenham um melhor aproveitamento do tempo junto ao profissional de saúde. O resultado é um ajuste mais acertado das dosagens das medicações, das mudanças alimentares, assuntos que consomem bastante tempo de consulta e têm relação direta com a adesão do paciente ao controle da glicemia.

A Figura 14 evidencia que essa troca médico-paciente permite estabelecer um tratamento de parceria, no qual o médico dá autonomia ao paciente para se autoavaliar e, em contrapartida, o paciente tornar-se ativo sobre seu processo de saúde.

Figura 14 - Captura de tela de diálogo entre médico e paciente no Grupo de Facebook "Diabetes Brasil".



Uma novidade mais recente de atuação do grupo diz respeito à Portaria nº 10/2017 da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, na qual o Ministério da Saúde decide pela incorporação, em 180 dias, de insulinas análogas de ação rápida para o SUS, usadas no tratamento de pessoas com diabetes tipo 1. Ocorre, entretanto, que quase um ano depois, ainda não há notícias sobre a data efetiva em que os medicamentos estarão disponíveis no SUS para a população. Diante disso, os "Influenciadores RJ" pressionam o Ministério da Saúde para que cumpra com a decisão de incluir os análogos de insulina de ação rápida na lista de medicamentos disponíveis no SUS. O empenho do grupo tem como propósito agilizar esse processo, já que nessas circunstâncias o acesso a tais medicamentos é um meio para proporcionar aos portadores de diabetes tipo 1 mais qualidade de vida, diminuindo os custos que advêm das complicações decorrentes da falta de medicamentos no sistema de saúde. Em oito de março de 2018, a CONITEC se reuniu para discutir sobre o protocolo clínico e diretrizes terapêuticas de análogos da insulina, a fim de estabelecer as estratégias de entrega destes medicamentos para todas as pessoas com diabetes tipo 1.

Por fim, cabe dizer que o WhatsApp também tem sido muito usado entre os pacientes e grupos de blogueiros, ativistas e Influenciadores RJ, devido à facilidade de troca de mensagens e informações, pois, para questões mais imediatas, acaba sendo mais resolutivo.

#### **4.1.2 Comunicação para a gestão em saúde: Central-Zap Hemoterapia**

*"Fazer o bem sem olhar a quem. "*  
Ditado popular

O WhatsApp é um aplicativo de mensagem instantânea, que ganha destaque pela agilidade da comunicação que oferece, por meio de textos, fotos, áudios, vídeos e compartilhamento de documentos de variados formatos, permitindo estruturar e realizar ações específicas para responder a determinados objetivos.

Se, de início, as relações estabelecidas via WhatsApp se dão entre os sujeitos, nos grupos, a comunicação interativa se torna coletiva, e não apenas intersubjetiva. A relação dos sujeitos passa a ser do tipo de um para o grupo. Então, quando fixadas algumas regras de convivência, os grupos permitem formar relações mais horizontais, sem a lógica da centralidade, possibilitando experimentar uma dinâmica social mais

participativa e proativa, onde os sujeitos se reconhecem como pertencentes ao grupo e criadores de suas próprias ações. Os profissionais de saúde começam a perceber como aplicativos de mensagem instantânea podem facilitar as rotinas de trabalho, tornando os processos mais automatizados, subvertendo a lógica burocrática e centralizadora que ainda controla grande parte da sociedade.

Foi pensando nessa funcionalidade que o Central-Zap Hemoterapia foi criado: para facilitar a comunicação dos profissionais das unidades de saúde que fazem parte da Hemorrede do Estado do Rio de Janeiro (HR/RJ), com a finalidade de evitar perdas de estoques de sangue e hemocomponentes por problemas relacionados à gerência de estoque.

Conhecedores das dificuldades encontradas para a garantia de estoques de sangue e hemocomponentes na rede pública de saúde, os profissionais desta área lidam, cotidianamente, com a alta demanda e um desequilíbrio de estoques na rede assistencial: enquanto há sobras em algumas unidades hemoterápicas, em outras há carência. Além disso, há desperdício de material, uma vez que as unidades que operam com sobra, não raro, precisam descartar os produtos por motivo de vencimento, o que torna o problema de má gestão do estoque de sangue e hemoderivados na rede de atenção à saúde ainda mais perverso.

Parte dessa questão tem relação com a baixa constante de hemocomponentes na rede de saúde, devido à demanda dos hospitais para cirurgias eletivas e de urgência, que consomem uma grande quantidade de sangue doado, em geral maior que o número de doações. Existem falhas no fluxo de estoque entre as unidades de saúde que são, reconhecidamente, um problema antigo e contínuo de gestão da saúde, impactando também nos serviços de hemoterapia do SUS. Esta situação, que no caso da hemoterapia vem acompanhada de um limite tênue da vida, traz impactos diretos para o dia a dia de trabalho, gerando frustrações e ansiedades em função da pouca efetividade do serviço prestado que, no fundo, tem relação direta com "salvar vidas".

Foi pensando na gestão do estoque de sangue e hemoderivados para a melhoria da movimentação de material hemoterápico entre as unidades que compõem a HR do estado do Rio de Janeiro e, com isto, o avanço da rotina de trabalho no que concerne ao êxito das tarefas realizadas, que uma técnica de hemoterapia teve a iniciativa de criar um grupo de WhatsApp, intitulado Central-Zap Hemoterapia. O grupo de mensagem instantânea permitiria integrar colegas de trabalho de diferentes hemocentros do estado do RJ para uma melhora da comunicação entre as unidades de saúde, representadas no WhatsApp pelos profissionais dos hemocentros.

A iniciativa, criada de modo livre e altruísta, salva vidas, dado que amplia a oferta de hemocomponentes na rede de atenção à saúde, evita desperdícios e, conseqüentemente, diminui custos do sistema público de saúde. O grupo também estreita os laços entre as equipes das diferentes unidades hemoterápicas e revela um sentimento de cooperação mútua pela atuação multiprofissional em prol da vida.

Criado em 27 de outubro de 2015, o grupo, que a princípio era formado apenas por profissionais que integravam a equipe de trabalho da técnica que o fundou, foi aumentando de tamanho, à medida que os participantes iam adicionando colegas de trabalho de outras unidades, e estes adicionavam mais outros colegas, em uma reação de sincronização que despertou um processo interativo de ordem coletiva: as relações comunicativas, então, não mais se estabelecem em um nível interpessoal, mas com o grupo. Hoje, com 179 membros participantes, de cerca de 40 unidades hemoterápicas, o Central-Zap Hemoterapia é um coletivo multiprofissional que integra diversos profissionais que atuam no “ciclo de sangue”, como biólogos, biomédicos, farmacêuticos, médicos, técnicos de hemoterapia, entre outros (Figura 15).

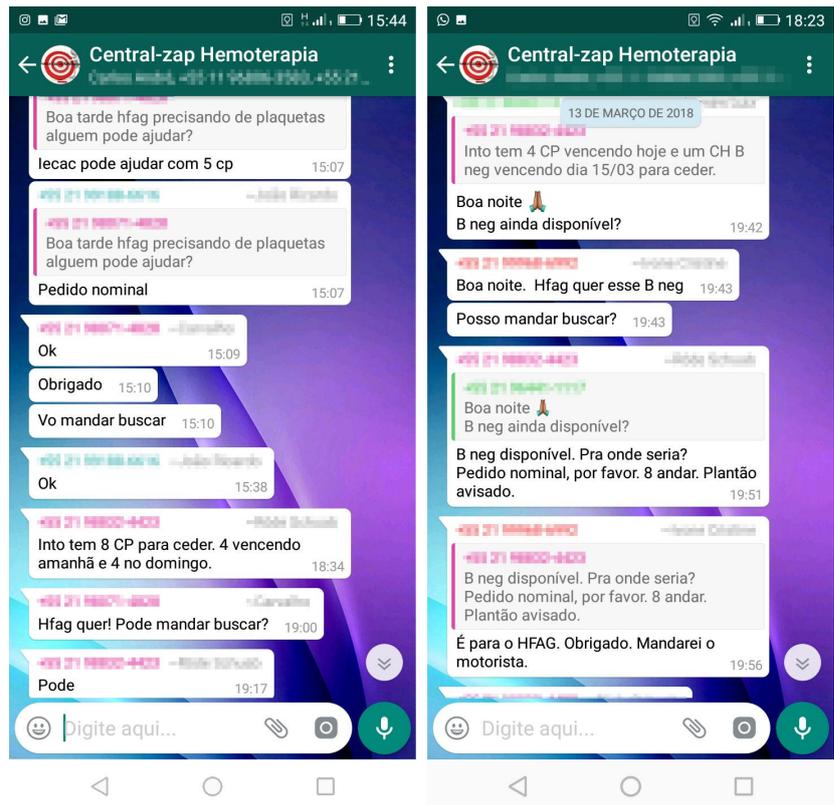
Figura 15 - Captura de tela do perfil do grupo de WhatsApp Central-Zap Hemoterapia.



Fonte: Grupo Central-Zap Hemoterapia, WhatsApp, 2018.

O que se passa, na prática, é que os membros enviam mensagens para o grupo do WhatsApp passando informações de carência ou de excesso de bolsas de sangue ou de hemocomponentes em suas unidades. Caso o transporte de uma unidade para outras seja viável, o sangue é transferido respeitando sempre todos os trâmites burocráticos para a rastreabilidade do processo de hemovigilância em caso de necessidade (Figura 16).

Figura 16 - Captura de telas de *chat* para requisição de hemocomponentes.



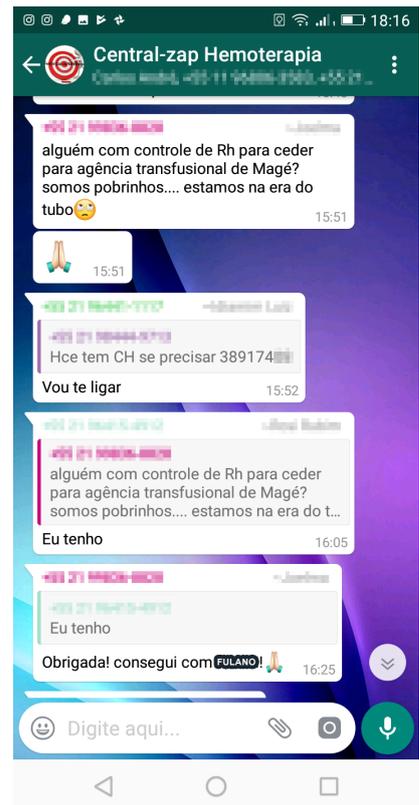
Fonte: Grupo Central-Zap Hemoterapia, WhatsApp, 2018.

Além da satisfação pela efetividade das ações no dia a dia de trabalho, as relações entre os integrantes foram estreitadas, o que lhes permitiu também utilizar este espaço para o esclarecimento de dúvidas quanto a procedimentos técnicos, e ampliou o objetivo de ação desse coletivo, uma vez que incorporou a essa mesma lógica os pedidos de doação de insumos por empréstimo, dentre eles: reagente de hemoterapia, equipo de sangue, filtro de sangue e outros (Figura 17). A credibilidade no grupo aumentava cada vez que as solicitações realizadas surtiam efeito positivo, evidenciando a relação de cooperação e solidariedade do grupo.

Hoje, mais de dois anos depois de ter sido criado, fica evidente a força do relacionamento do grupo, devido ao número expressivo de participantes, que permanece constante ao longo desse tempo - às vezes um integrante sai, mas logo

outro entra, e isto não altera expressivamente o número total de membros, e à integração dos serviços de hemoterapia, ainda que de modo não oficial, uma vez que os membros do grupo atuam em diferentes unidades de saúde do estado do RJ e a ação iniciada virtualmente ganha expressão no mundo orgânico quando as trocas se efetivam nas doações dos materiais.

Figura 17 - Captura de tela de *chat* para requisição de insumos.



Fonte: Grupo Central-Zap Hemoterapia, WhatsApp, 2018.

O grupo, como muitos ambientes virtuais, é bastante ativo. Logo que foi criado, o Central Zap-Hemoterapia era constantemente utilizado para assuntos diversos que se distanciavam da finalidade do grupo. Piadas homofóbicas e racistas, mensagens sobre esportes, religião e política, memes, além de polêmicas e constrangedoras, acarretavam perda das mensagens importantes, saída de participantes e conflitos irreparáveis. Com o passar do tempo, e tomados pela necessidade de tornar efetivos os objetivos a que o grupo se propunha, foi preciso criar algumas estratégias para que ele não se desviasse de sua ação e, assim, sucumbisse.

Então, os administradores do grupo criaram um grupo de WhatsApp exclusivo para eles moderarem e decidirem como poderiam tornar o grupo mais limpo de mensagens sem importância e atuar mais firmemente em casos extremos. Foi assim que

casos mais extremos, como discussões racistas, por exemplo, tornaram-se proibidas sob pena de expulsão do grupo. Em casos menos graves e nos quais o membro é novato e desconhece as regras de bom andamento do grupo, advertências passaram a ser feitas. Também ficou decidido repassar mensagens de orientação de "uso do grupo", direcionadas aos membros que ainda desconheciam as regras de convivência. A Figura 18 abaixo, ilustra um meio que uma das administradoras criou de alertar sobre postagens "negativas" para o grupo.

Figura 18 - Imagem usada para inibir mensagens fora do contexto no Grupo de WhatsApp Central-Zap Hemoterapia.



Fonte: Grupo Central-Zap Hemoterapia, WhatsApp, 2018.

Embora a moderação do grupo não agrade a todos, os resultados de suas ações são inegáveis. Ela acaba sendo feita de modo coletivo, não por todos os integrantes, haja vista que alguns são mais ativos que outros, mas pelos próprios membros que atuam alertando uns aos outros ou levando os problemas mais relevantes aos administradores do grupo.

Alguns dias após as ações de moderação começarem, as mensagens do grupo já eram mais focadas nos objetivos e os resultados de doações e ofertas se tornaram maiores. Com o passar do tempo, as mensagens confusas e que não eram de interesse do grupo foram ficando cada vez mais escassas, evidenciando que o grupo amadureceu e se tornou mais responsável ainda em relação ao propósito ao qual se destina. Entenderam também a importância das ações de moderação, principalmente em casos como este, em que o WhatsApp é utilizado para fins voltados ao dia a dia do trabalho. Vale dizer, por fim, que devido a problemas relacionados ao "bloqueio" do aplicativo WhatsApp por determinação judicial, o grupo Central-Zap de Hemoterapia resolveu criar um grupo de Facebook para que a atividade do grupo não parasse. Atualmente, o Facebook é utilizado para socialização e postagens de outras informações de interesse da comunidade, como campanhas de doações de sangue e medula, informações sobre oportunidades de emprego, divulgação de pesquisas científicas, etc.

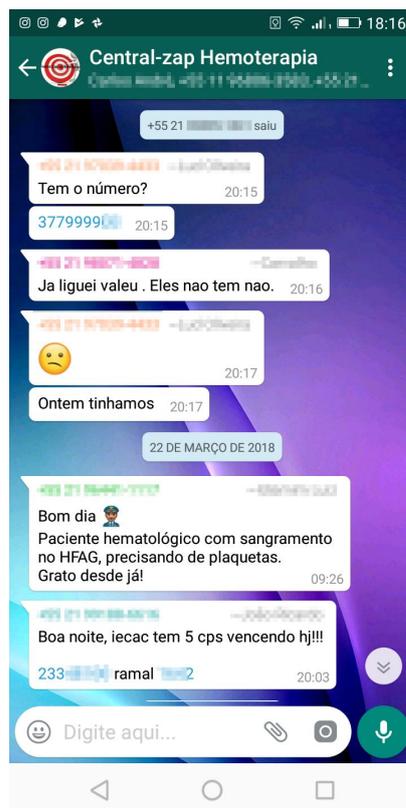
Sobre a circulação das mensagens que interessam ao grupo, a observação do coletivo evidencia a maior necessidade dos membros compartilharem as suas

demandas e, indiretamente, as carências da unidade hemoterápica. Isso acontece quando, por exemplo, aparecem demandas emergenciais (Figura 19), como em casos de pacientes hemorrágicos, ou quando se evidencia que o estoque da unidade é superior à demanda e, caso não seja redistribuído na hemorrede, poderá ser descartado por vencimento (Figura 20). Em ambas as situações, os participantes informam detalhadamente as condições do material, como Grupo Sanguíneo e Fator RH, validade, quantidade, etc. Se a demanda é para solicitação de material para casos emergenciais, as condições da situação clínica do paciente são repassadas, para que haja precisão das informações e agilidade quanto à resposta. Sobre isso, é necessário esclarecer que não há um padrão de tempo para se obter uma resposta de outro membro do grupo. Algumas vezes a resposta é quase imediata, noutras demora mais, podendo chegar a mais de uma hora. Embora pareça muito tempo, a priori, a falta de resposta quando o contato é feito por telefone é um problema constantemente relatado no grupo, o que pode ser visualizado pelas mensagens de “ninguém atende”, “alguém sabe o ramal?” ou “cai direto no fax”. Ao que tudo indica, mesmo quando a espera da resposta parece grande no grupo do WhatsApp, ela supera a agilidade dos canais oficiais de comunicação entre as unidades da rede hemoterápica.

Diferentemente de outros canais de comunicação, notadamente o telefone, onde a troca de mensagem se dá de um para um, no grupo de WhatsApp a mensagem é trocada de um para todos. Por telefone, uma única demanda poderia desencadear múltiplas ligações para diferentes unidades até que, em alguma dessas tentativas, alguém atendesse o telefone e tivesse uma resposta positiva. No caso do Central-Zap Hemoterapia, o “espalhamento” das informações trocadas pelos profissionais desta área afeta, diretamente, múltiplos sujeitos que estão no grupo e, indiretamente, todas as unidades de saúde que os profissionais representam, aumentando a chance de sucesso dos objetivos e garantindo maior efetividade para a gestão do estoque de sangue, hemocomponentes e insumos na hemorrede do estado do RJ, evitando desperdícios e reduzindo custos para o sistema de saúde.

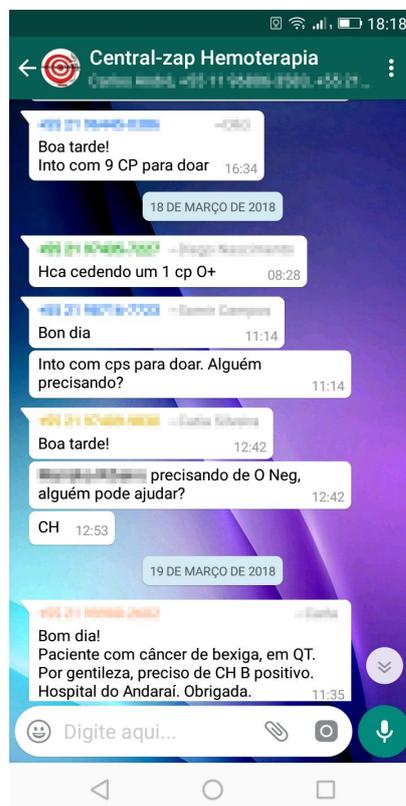
Os retornos positivos das mensagens enviadas podem ser feitos no grupo ou por mensagem direta entre os membros que estão realizando o trâmite, ou ainda pela via oficial de contato com a unidade, o telefone. Muitas vezes os participantes trocam as informações de número dos telefones no grupo, ao que tudo indica, para estabelecer contato de fala com o colega da outra unidade, muito provavelmente em função da qualidade da ligação via WhatsApp quando a conexão com a internet não é tão boa. Em seguida, é combinado o transporte para coleta ou envio do material e os encaminhamentos protocolares são feitos.

Figura 19 - Captura de tela de *chat* sobre pedido de urgência de hemocomponentes.



Fonte: Grupo Central-Zap Hemoterapia, WhatsApp, 2018.

Figura 20 - Captura de tela de *chat* sobre redistribuição de estoques da Hemorrede-RJ.



Fonte: Grupo Central-Zap Hemoterapia, WhatsApp, 2018.

O Central-Zap Hemoterapia tornou-se um espaço de relacionamento profissional e social, ainda que informal, com comunicação horizontal entre os participantes e, indiretamente, entre suas instituições, mostrando-se um instrumento eficiente para gerenciamento de estoque de hemocomponentes e insumos relacionados à hemoterapia. Na prática, todo o processo de gestão é feito de forma compartilhada pelos próprios profissionais de saúde, por meio de um processo comunicativo que lhes dá autonomia e poder de decisão sobre o fluxo dos materiais na rede de atenção hemoterápica do Rio de Janeiro. Geralmente, a ação realizada pelo grupo se traduz não apenas em ganhos institucionais, mas, diretamente, em vidas salvas.

#### **4.1.3 A comunicação no grupo Envelhecimento em Comunidade**

*"Viver é bom  
Partida e chegada  
Solidão, que nada  
Solidão, que nada."  
Cazuza*

O grupo "Envelhecimento em Comunidade" é um grupo de Facebook, criado pelo grupo de pesquisa "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde", da ENSP/Fiocruz e credenciado ao CNPq, que tem o NEXT como seu laboratório experimental.

Pensando nisso, o NEXT está organizando uma linha de pesquisa relacionada à terceira idade, ainda inicial, mas que já mostra alguns sentidos e caminhos sobre as incertezas que são levantadas sobre o envelhecer. O diferencial colocado, entretanto, foi que, ao contrário de muitas pesquisas sobre envelhecimento, em que os assuntos são tratados por especialistas, nesse estudo, a intenção é incentivar a população a se encontrar, mantendo uma convivência em comunidade, onde possam compartilhar seus pontos de vista sobre questões relacionados à vida em geral, com foco em problemas que envolvem o envelhecimento.

Comumente, a lógica de assistência à saúde tende a pensar políticas públicas a partir do governo, e deste para o povo, mas não procura organizar iniciativas que tragam as pessoas para um arranjo mais participativo de formulação de ações mais aplicáveis às necessidades da sociedade. Considerar um processo democrático de discussões de

políticas públicas, que fosse pensado a partir da própria experiência da população, poderia ser um diferencial para tratar das especificidades da terceira idade.

A ideia que motivou a criação do grupo veio da percepção sobre "solidão" e "isolamento social". A solidão é uma questão fundamental que impacta a saúde, porque a pessoa perde seu "centro" ou, como diria Spinoza, sua potência de agir ou força de existir. Essa foi uma reflexão primordial para criar a linha de pesquisa voltada ao envelhecimento no NEXT. Consideramos que um organismo vivo, para "funcionar", precisa ser centrado nele próprio, voltado para si mesmo. Se alguém perde seu centro, passa a depender de outras pessoas para viver e isso traz impactos importantes para sua saúde, já que, ao que parece, o corpo não precisaria mais se esforçar para existir, pois algum outro corpo cuidaria disso.

Trazendo uma outra visão sobre a perda dessa autonomia e seus impactos para a saúde, a criação do grupo em uma rede social da internet não pretendia abordar os efeitos das afecções que ocorrem na vida nos idosos, que seriam as enfermidades, tais como a depressão, a perda da memória, a dificuldade locomotora, e assim por diante. A aposta era que existia um algo mais, como uma gênese das afecções. Para testar isso, e pensando nos ganhos relacionados à interatividade e à conexão social que o uso da internet poderia proporcionar, e assim facilitar os encontros, criou-se um grupo, uma comunidade em rede social *on-line* que, tão logo foi criada, começou a crescer em termos de número de participantes.

Pontua-se que a convivência entre os sujeitos humanos é intrínseca à existência. "A vida é arte do encontro", como tão bem anuncia a célebre frase de Vinícius de Moraes<sup>19</sup> em Samba da Bênção. A intimidade entre mãe e filho, ainda no útero materno, talvez um dos maiores encontros da vida, durante a gestação, seria uma primeira experiência de convivência humana. Ao longo da existência, o contato com outras pessoas vai sendo ampliado tão logo comece o convívio em sociedade, experimentado, primeiramente, na família; depois, na escola, na igreja, no trabalho, etc. Mas, ao passo que o ser humano começa a envelhecer, o contato se enfraquece por limitações diversas do contexto de vida do idoso, como o social, o cognitivo e as limitações físicas que a idade impõe. Por isso, o próprio Ministério do Desenvolvimento Social (BRASIL, 2013) apontou o valor não só de manter, como também de ampliar a relação do idoso com a sociedade, evitando o isolamento e, portanto, a solidão, mantendo-o ativo, de modo que possa perpetuar sua autonomia para as atividades e decisões do dia a dia.

Dito isso, a criação de um espaço virtual voltado ao envelhecimento poderia ser pensada como um local de acolhimento e encontro social, estruturado e gerido pela

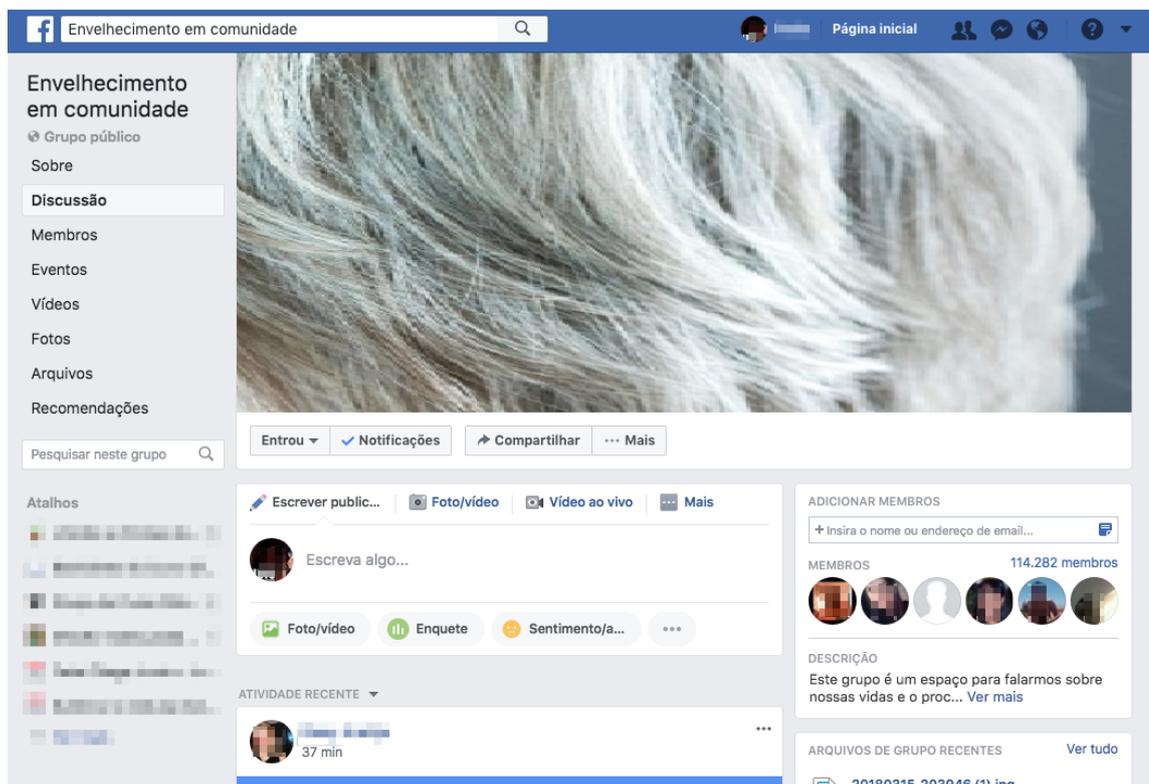
---

<sup>19</sup> <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/samba-da-bencao>

própria sociedade (membros do grupo). Um grupo em uma rede social da internet seria como um grande laboratório experimental, no qual a questão do envelhecimento e os problemas que lhe são próprios seriam compreendidos a partir do ponto de vista de quem vivencia ou tem interesse no tema, desenvolvendo um caráter mais horizontal e participativo. O grupo virtual poderia ser interpretado como um ambiente afastador do isolamento, com impactos diretos para a saúde do idoso, por meio da promoção do bem-estar e da melhoria da qualidade de vida das pessoas de mais idade.

O grupo "Envelhecimento em Comunidade" foi criado no Facebook em setembro de 2016 e trouxe, como foto de capa, a fotografia de uma pessoa com seus cabelos brancos (Figura 21). A escolha da imagem de identificação do grupo foi muito oportuna, haja vista que já trazia uma grande questão social e cultural do envelhecimento exposta por meio de uma imagem: os cabelos brancos. Símbolo de envelhecimento, tal imagem, muito provavelmente, foi um dos fatores que desencadeou o forte processo de identificação das pessoas em relação ao grupo. De modo intuitivo, as pessoas assimilaram o objetivo da comunidade. Outro fator diz respeito ao nome, que trazia a palavra "comunidade", que, por si só, indica uma proposta alternativa para uma possível vida de comunhão, já que a compreensão geral de comunidade pressupõe relações pessoais diretas, naturais e espontâneas (CHAUÍ, 2013).

Figura 21 - Captura de tela do grupo "Envelhecimento em Comunidade" do Facebook.



Fonte: Grupo Envelhecimento em Comunidade, Facebook, 2018.

Para direcionar melhor os objetivos dessa comunidade, bem como suas regras básicas de convivência, a página traz a descrição do grupo aos membros:

Este grupo é um espaço para falarmos sobre nossas vidas e o processo de envelhecer, que começa ainda no útero materno. Longevidade e Envelhecimento são assuntos de interesse de todas as idades e de quem pesquisa e trabalha com isso.

O grupo Envelhecimento em Comunidade se propõe a ser um ambiente que contribui para um processo de "envelhecimento comunitário", onde se pode trocar experiências e conversar sobre suas alegrias e dificuldades, que ajuda na compreensão do que é o envelhecimento e o explora de maneira positiva. Aqui se pretende trocar ideias, experiências, iniciativas e práticas entre pessoas idosas e de todas as idades.

Além de contribuir, também, para o envelhecimento saudável e feliz de seus criadores (que têm os mesmos direitos de todos), a ideia de organizar esse grupo surgiu a partir da criação de uma área de pesquisa na Fiocruz, do Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas da Fiocruz (Next/Ensp - <https://www.facebook.com/nextfiocruzensp/?fref=ts>). Uma área de pesquisa sobre o envelhecimento, que considera a vida comunitária como uma forma de promoção da saúde e, no caso da terceira idade, uma possibilidade de romper com o isolamento e a solidão, ampliando a autonomia do idoso. A manutenção da autonomia tem um impacto decisivo na saúde do idoso e em sua qualidade de vida. Ainda que nossa pesquisa, que estuda o envelhecimento comunitário, não seja o objetivo do grupo, eventualmente informaremos seu andamento e pediremos suas ideias e colaborações.

Mas o mais importante é que usemos esse espaço para envelhecermos de forma solidária, produtiva e feliz. Venha envelhecer conosco, em comunidade.

----

Pedimos que se evite publicações que não dizem respeito aos objetivos do grupo, que em caso de insistência serão retiradas. Não é permitida a publicação de anúncios comerciais. Qualquer atividade que implique em custos financeiros deve ser combinada diretamente entre os participantes por canais externos ao grupo. Não é permitida propaganda política ou religiosa, atitudes de discriminação, sexismo, mensagens de ódio ou insultos (Envelhecimento em Comunidade, Facebook, 2018).

Logo que foi criado, o grupo tinha apenas 50 membros, muitos ativistas, trabalhadores e pesquisadores que tinham interesse na temática do envelhecimento. Com o passar do tempo, mais pessoas foram solicitando a participação no grupo. Cerca de cinco meses depois, em janeiro de 2017, o grupo já chegava a 5 mil membros. Em junho do mesmo ano, o grupo já ultrapassou as 60 mil pessoas, chegando a mais de 80 mil em setembro de 2017, quando completou um ano de criado. Os pedidos para

ingressar no grupo chegavam a 300, 400 pedidos por dia. Era quase impossível controlar quem entrava e quem não entrava no grupo.

Com essa dimensão, começaram a aparecer os problemas no grupo, dado que os membros achavam muito bom “viver em comunidade”, mas cada um tinha a sua própria ideia particular do que seria isto. As diferenças culturais, sociais e Morais<sup>20</sup> vieram à tona. Isso fica evidente nas duas turmas de pessoas que aparecem em paralelo no grupo: de um lado, um grupo mais curioso por vivenciar e experimentar as mais diversas situações, quase que como um despertar para uma nova fase de vida, uma descoberta de si e do mundo; do outro, pessoas mais atreladas aos valores Morais, condenando certas atitudes que, em sua visão, fogem aos bons costumes sociais, como por exemplo colocar no grupo uma foto sem camisa ou de maiô, mesmo que seja na praia. Existe aí uma contradição evidente de valores, e isso começou a gerar um desgaste muito forte no grupo, dado que alguns membros pediam o tempo todo para que os administradores expulsassem outros participantes. Começaram a aparecer vários tipos de denúncias por conta de fotos onde a pessoa aparece com roupa de praia. Situações inversas, como, por exemplo, uma queixa feita em função de uma foto que trazia a frase “achamos que as mulheres não precisam se mostrar” com a imagem de senhoras vestidas em traje formal de passeio. Em outra oportunidade, houve uma discussão entre pessoas da umbanda e católicos que foi ótima, durou um bom tempo, até que alguém criou um atrito e ruiu a discussão.

O conflito que existe entre os membros do grupo em relação ao que é diferente tornou-se evidente com o crescimento da comunidade. Não obstante, partimos do princípio que isso também é viver em comunidade. É importante conhecer o diferente e não cabe depurar o grupo por conta das diferenças, mas aprender a conviver com o que não é igual. Pretendendo priorizar a necessidade de preservar o grupo, foram pensados meios de diminuir os conflitos e melhorar a convivência. Em primeiro lugar, achou-se que algumas regras deveriam ser mais claras, como reforçar a proposta do objetivo do grupo, e esclarecer que ele não deveria ser usado para colocação de propagandas político-partidárias, comerciais e religiosas, dado que essa não é a proposta da comunidade. Também foi feita uma escolha de pesquisa e uma aposta de que o grupo poderia se autogerir.

A autogestão, entendida como um processo de estruturas organizadas, dominadas e gerenciadas pelos próprios participantes, segundo os princípios da

---

<sup>20</sup> A Moral traz sempre uma relação de valores, do bem e do mal, sempre com ares transcendentais e dicotômicos de certo e errado. A ilusão dos valores se confunde com a ilusão da consciência, que ignora a ordem das relações e ao esperar e se contentar apenas com os efeitos, ela desconhece a natureza e moraliza. Esta lei moral é sempre um dever, uma obrigação, uma obediência. São leis, regras, padrões, sempre a instância que determina os valores bem/mal (DELEUZE, 2002a).

participação livre e voluntária, e que resulta na criação de comunidades cooperativas (CHOMSKY, 2012), tem sido a prática adotada pelo NEXT em suas pesquisas. No grupo "Envelhecimento em Comunidade" não foi de outra forma, e assumimos a postura de que a defesa do grupo deve ser feita pelo próprio grupo, não por especialistas ou moderadores. Entretanto, o dia a dia no grupo mostrou que é necessário haver um mínimo de moderação, principalmente para evitar situações em que as postagens tragam conteúdos homofóbicos, abusivos, com teor sexual puramente pornográficos, machistas, sexistas, racistas, etc. Ao invés desse controle ser feito de modo taxativo e condenatório, os administradores<sup>21</sup> deixaram claro que esse processo também deve ser realizado de modo coletivo. A decisão das postagens que seriam apagadas ou sobre a exclusão de membros do grupo seria de iniciativa da própria comunidade, em uma ação de caráter mais horizontal e dinâmico do que seria aquela resultante de uma imposição gerada deliberadamente por quem coordena o grupo. Apenas em casos muito extremos os administradores tomam uma decisão direta na intervenção mesmo antes da manifestação do grupo.

Vale explicar que a autogestão desse processo de regulação acontece por meio de denúncias. Isto posto, se alguém denuncia alguma postagem no grupo, os administradores entram em contato com a pessoa e tratam diretamente com ela, ou fazem uma advertência ao grupo todo, reafirmando as regras por meio de uma postagem ou, em casos mais graves, as denúncias podem levar à decisão pela expulsão do membro do grupo. Esse arranjo coloca a moderação do grupo nas mãos da própria comunidade, ou seja, são as próprias pessoas que formam esse coletivo que atuam, resolvendo as questões e conflitos internos que aparecem pela convivência com o outro. Embora haja uma representatividade no modo de atuar dos administradores do grupo, pois são eles que agem realizando a ação decidida, não há uma liderança regulando o que deve ser feito, posto que todo esse trabalho é participativo, interativo, dinâmico e validado socialmente pelos membros da comunidade. Este movimento moderador, que poderia ter sido um entrave para o grupo, aparentemente produzindo uma espécie de controle e fiscalização verticalizada, não afetou o crescimento da comunidade: atualmente (30 de março de 2018), o grupo tem 114.282 membros, uma dimensão surpreendente de participantes e uma novidade experimental para o NEXT, que nunca antes havia criado uma comunidade em rede social da internet com número tão expressivo de pessoas participantes.

---

<sup>21</sup> Os administradores do grupo são os próprios pesquisadores do NEXT que fundaram o grupo e conduzem a linha de pesquisa sobre envelhecimento.

O "Envelhecimento em Comunidade" é também extremamente interativo e dinâmico. Em relatório final de pesquisa de iniciação científica, Souza (2018) mostrou a atividade expressa em termos de interação no Facebook, por meio dos "posts", "curtidas" e "comentários" que aparecem nos grupos. Para o período analisado, entre junho e novembro de 2017, a pesquisa da aluna evidenciou que há uma média de cerca de 5 mil e 700 posts por mês, com muita participação dos membros, que resultam em uma média de curtidas em torno de 26 mil, e a de comentários ao redor de 297 mil.

Foi nesse momento que começamos a pensar algumas coisas que, atualmente, norteiam a pesquisa geral do NEXT sobre o envelhecimento, e que já evidenciam um campo de afetos que circula e mostra a possibilidade de se agenciar e produzir outros efeitos sociais, ou seja, uma nova forma de convivência em comunidade.

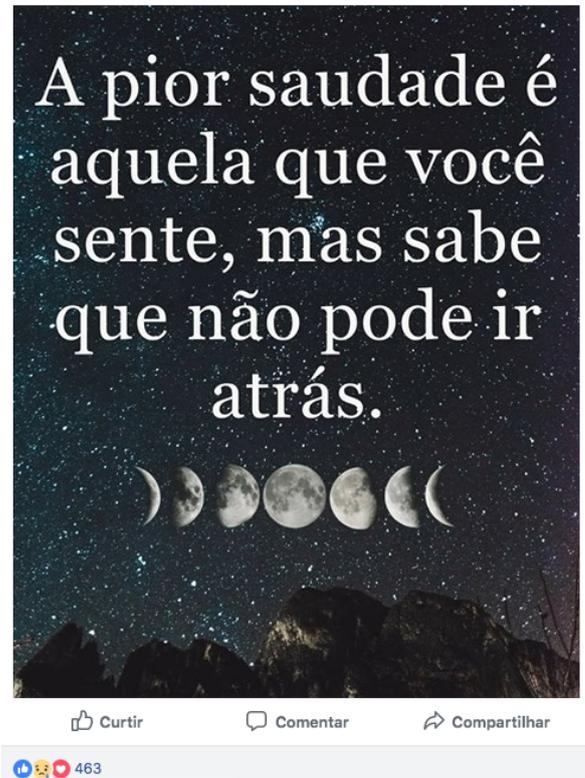
Primeiro, questionamos a viabilidade de uma comunidade *on-line* dessa dimensão impactar a promoção da saúde de seus participantes. Depois, se seria uma comunidade virtual uma alternativa à vivência outrora experimentada. Fica perceptível que a comunidade serve, de início, como um meio para afastar a solidão, problema constantemente relatado pelos membros e expresso das mais diversas maneiras, seja pela falta de companhia para um bom dia, ou numa noite agitada de insônia. A comunidade traz essa oportunidade de "não estar só" e poder praticar uma nova forma de partilhar, por exemplo, um café da manhã.

As pessoas trazem para o grupo sua percepção sobre a vida, o que permite que o espaço seja usado para trocar informações e experiências. Então pergunta-se: será que é possível existir uma comunidade com tantos sujeitos diferentes convivendo bem? Apostamos que sim, desde que as pessoas aprendam a ser tolerantes em relação às suas diferenças, admitindo conviver com o que é distinto delas, embora possa haver dificuldades devidas às forças sociais e políticas constituintes de nossa sociedade, que recaem nos pequenos núcleos de convivência, quer seja a família, a igreja, a escola... É muito pouco explorado o hábito social de estar em contato com o diferente, por isso a estranheza em fazê-lo.

Os impactos na saúde aparecem, muitas vezes, de forma não tão direta ou explícita, como normalmente acontece ao se debater sobre saúde, assunto que, na maioria das vezes, recai em falar sobre doenças: a diabetes, a hipertensão, a surdez, a depressão, etc. No grupo, os assuntos trazem à tona mais as causas que os efeitos dos encontros de corpos, e isso fica muito evidente nas postagens que indiretamente trazem à tona a indagação sobre como envelhecer com saúde e em boas condições físicas e emocionais. O reconhecimento no outro, o compartilhamento de problemas e situações vividas são temas frequentemente abordados, que revelam situações no campo da

saúde que, mais à frente, acabam se manifestando como enfermidades (Figura 22 e Figura 23).

Figura 22 - Captura de tela de postagem sobre saudade.



Fonte: Grupo Envelhecimento em Comunidade, Facebook, 2018.

Figura 23 - Captura de tela de postagem sobre alcoolismo.



Fonte: Grupo Envelhecimento em Comunidade, Facebook, 2018.

Essa conjuntura permitiu formar subgrupos dentro do grupo geral, os quais mostram muito claramente questões que expressam temas da saúde abordados pelos próprios participantes que vivenciam os problemas. Um deles é a "turma da insônia". Não raro, na madrugada, alguém posta que não está conseguindo dormir. Alguém interage opinando, logo outro responde, e assim repetidamente, até que uma espécie de "rede de auto-acolhimento" está montada, com muitas pessoas compartilhando esse mesmo problema.

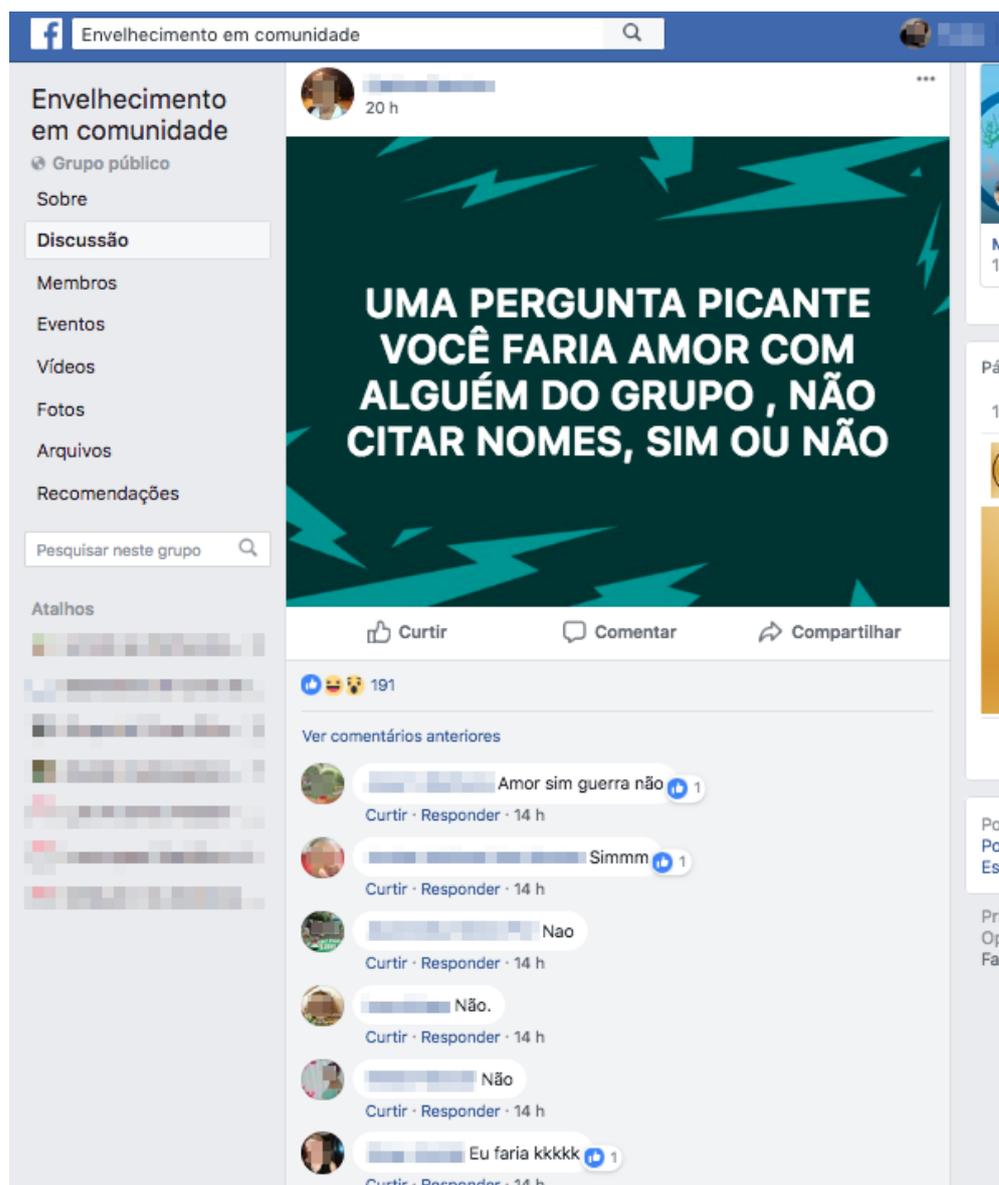
Também há o subgrupo do "café da manhã de domingo", momento em que a solidão pode ser muito presente, mas que logo é vencida pela ação de compartilhamento da mesa do café da manhã no grupo "Envelhecimento em Comunidade". Desponta, nesse momento do "café da manhã", uma quantidade expressiva de afetos que circulam: uma simples foto de um pão de queijo com café desencadeia uma série de percepções pessoais que provocam uma verdadeira enxurrada de compartilhamentos de sentimentos, originários da vontade de dividir com os outros coisas que lhes fazem bem, que lhes remetem a uma sensação de conforto, de carinho, de agrado, de satisfação e, por isso, se refletem na comunidade como afetos que fortalecem os laços, impactando positivamente todos os envolvidos na postagem.

Outro assunto sempre em voga diz respeito aos relacionamentos afetivos voltados à sexualidade na terceira idade. Antes de se falar claramente sobre o assunto, é muito comum aparecerem queixas de solidão, psicossomatizações, depressões, exatamente como podíamos perceber no grupo. Acontece que a sexualidade é entendida, não raro, como sinônimo de sexo e reprodução, pois foi assim que as imposições políticas, religiosas e sociais construíram os modos de comportamento para os indivíduos da nossa sociedade. O prazer, por conseguinte, é visto como um tabu, algo que jamais poderia estar ligado ao amor ou ao compromisso (SILVEIRA, 2008).

A experiência com o grupo nos mostra que a sexualidade pode assumir outro significado no envelhecimento. Há tempo que um dos assuntos frequentes do grupo é a sexualidade, mais precisamente o desejo sexual. O tema aparece de diversas formas nas postagens, seja por meio de perguntas tipo enquete, seja por memes ou compartilhamento de fotos - às vezes com mensagens bem diretas como "alguém a fim de namorar nesse grupo", outras vezes com reportagens e matérias gerais ligados ao tema. O interessante é que sempre causa um certo burburinho, independentemente do teor e do tipo de post usado para tratar desse assunto. Normalmente, postagens que envolvem a sexualidade tem muito reconhecimento: curtidas e reações (curti, amei, haha, uau, triste e grr), compartilhamentos e comentários. É quase como se as mesmas euforias e descobertas da época da adolescência viessem à tona, agora já em outra

idade, com um contexto diferente da juventude, o que permite pôr em prática a questão de outra forma. A Figura 24 traz um assunto importante para os membros do grupo, a sexualidade - e o sexo - como questão impactante na qualidade de vida e, portanto, para a saúde de um modo geral.

Figura 24 - Captura de tela da postagem "Uma pergunta picante" no Grupo "Envelhecimento em Comunidade".

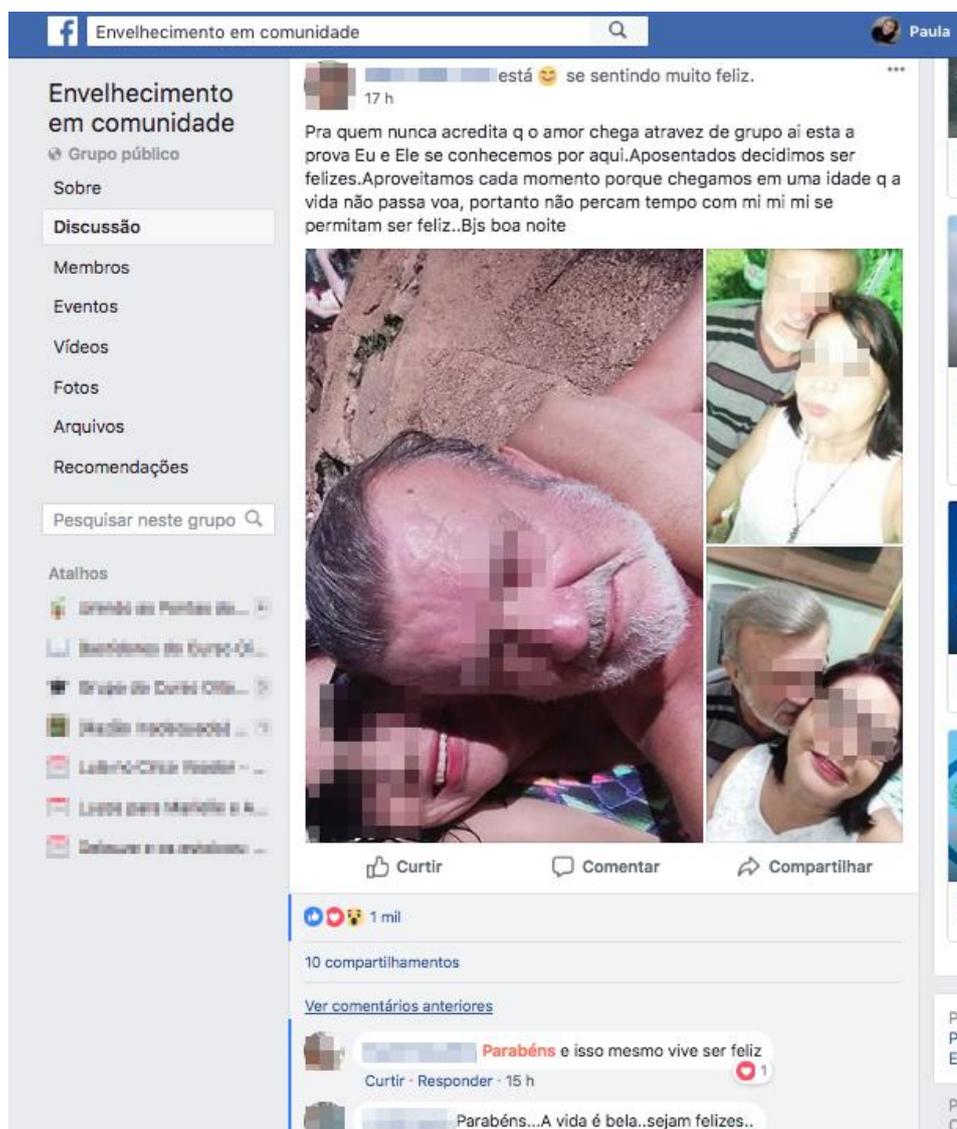


Fonte: Grupo Envelhecimento em Comunidade, Facebook, 2018.

Da mesma forma, há pessoas que buscam, além do prazer sexual, um companheiro para a vida. Em muitos posts fica evidente a procura por um parceiro ou parceira, como um sinal de que ter com quem dividir a vida é também um fator de potencialização da existência, reforçando as alegrias e afastando a solidão. Ocasionalmente, os encontros que acontecem no grupo podem levar pessoas à união,

como bem mostra o post da Figura 25, sobre um casal que se conheceu no grupo e assumiu um relacionamento, despertando grande reconhecimento de alegria pelos demais membros do grupo, já que a postagem rendeu muitas curtidas (1000 à época da captura de tela).

Figura 25 - Captura de tela de postagem sobre namoro no Grupo "Envelhecimento em Comunidade".



Fonte: Grupo Envelhecimento em Comunidade, Facebook, 2018.

A experiência com o grupo traz muitas provocações, derivadas do próprio fator humano de convivência em sociedade, que, em um primeiro momento, seria um grande desafio para estabilidade do grupo em termos de crescimento e garantia de um quantitativo mínimo de participantes. Agora, o grupo entra em uma fase mais relacionada ao que o motivou: fazer as pessoas viverem em comunidade e perceberem a importância dos impactos que isso pode gerar para a vida e para a saúde. O "Envelhecimento em Comunidade" mostra, de maneira evidente e convincente, a vida

como ela é, tomada de encontros, em algumas vezes conflituosos e atritantes e, em outros, alegres e exuberantes, que fortalecem os sujeitos humanos, mesmo em se tratando de um ambiente virtual. No horizonte dessa experiência, o que aparece é uma tentativa de criar um local provocador de bons encontros, voltado para esse segmento da população, já que, assim, nos deparamos com uma oportunidade de fazer do envelhecer uma fase da vida também ativa e feliz.

## 5 DA COMUNICAÇÃO ALEGRE

*"É melhor ser alegre que ser triste"*  
*Vinicius de Moraes – Samba da Bênção*

*"Rir é o melhor remédio."*  
 Provérbio popular

Os processos comunicativos são, frequentemente, entendidos como vias de transmissão de mensagens, voltados ao campo significativo da narrativa. As análises realizadas, não raro, buscam respostas que, trazendo os contextos dos lugares de fala, traçam considerações para revelar os efeitos da comunicação sobre a sociedade.

Meu estudo, em função da minha incursão empírica, foi de encontro a outro exercício da Razão. Ao contrário de considerar a comunicação como um campo significativo, todo o esforço que tracei ao me implicar nas experiências práticas buscou perceber os processos comunicativos partindo de uma ontologia da vida, considerando a Ética de Spinoza, para revelar uma outra compreensão sobre o que é comunicação. A interatividade do processo comunicativo é entendida como um campo de forças afetivas, que tem na causa, e não mais nos efeitos, a sua força motriz. Em outras palavras, a força das relações comunicativas está nos afetos, pois são eles que determinarão se as relações estabelecidas no processo comunicativo serão de decomposição ou de composição. As afecções (efeitos) são manifestações disso.

Nos três grupos em que naveguei houve um cuidado de fazer uma associação com o caos. Os grupos estudados mostram a vida como ela se apresenta nela mesma, imanente, e sendo assim, necessariamente caótica. O caos, que tantas vezes sofre tentativas de ser controlado, aqui foi assumido como "gênese-criadora".

O caos é vida, e se é vida só pode ser criador. Então, eu me agenciei com o caos, buscando romper com minha passividade, que poderia me levar a um pensamento apaixonado, tendencioso, recheado das marcas que me afetaram ao longo da vida, para no caos conseguir fazer o exercício do pensamento. Por isso, foi essencial buscar meios factuais para compreender os fenômenos comunicativos das redes sociais da internet.

Os casos estudados - os ativistas do diabetes, o grupo da hemorrede do estado do RJ e o grupo de envelhecimento - são expressões da vida, portanto trazem em si o caos. Foi assumindo a imanência, a vida como é nesse plano, sem nunca transcender, que consegui traçar meu plano de imanência. Percebido como um mar em que se navega, o plano de imanência deve ser entendido como possuidor de uma velocidade

infinita, o que leva à compreensão de que tudo que está ali está também em todo lugar (ULPIANO, 1988). Partindo daí meu plano de imanência começou a ser traçado.

Pensado enquanto velocidade infinita, em algum momento o plano de imanência revelou uma força que impedia que o fluxo infinito da onda se dispersasse. Era minha própria percepção sobre o que era observado. Foi por meio dela que pude desacelerar a velocidade infinita do caos e concentrá-lo como matéria, fazendo “recortes” no caos, sem jamais reduzi-lo, começando a enxergar que aquilo que eu observava tinha alguma aplicação prática para a vida.

Como bem retratou Cláudio Ulpiano (1993) em uma aula sobre o caos, a percepção do observador que recorta do caos o movimento que lhe interessa, traz também um retorno ao próprio movimento, adicionando ao plano de imanência, além da percepção, a reação. Mas a percepção para provocar a reação passa, necessariamente, pela reflexão, que é como um pequeno intervalo que direciona a reação que vai ser dada. Meu plano de imanência, assim, emerge em percepção, reflexão (entendida como uma afecção que modifica o movimento) e reação. A reação é justamente onde se expressa o meu pensamento e, como uma linha no horizonte quando estamos em alto mar, permite perceber um lugar menos revoltado, um “porto-seguro”, que possibilita apresentar o conceito.

Ao me inserir nos grupos de redes sociais que selecionei para este estudo, percebi que a vida ia se anunciando com seus problemas, decepções, desafios, mas também com suas alegrias. Não diferente do que se vê no mundo orgânico, o mundo digital também ia se mostrando vivo, intenso, pulsante, caótico. Notava, nos três grupos, dois fatores provocadores de encontros entre os sujeitos humanos na internet, quais sejam: a hiperconexão da rede distribuída, que permite o encontro de muitas pessoas simultaneamente, independente do espaço e do tempo; e a intensa interatividade que marca a internet que temos hoje e expõe que as relações podem ser entendidas como passagens de velocidades, para graus de potência maiores ou menores, que são, em si, os próprios afetos.

A hiperconexão da internet nos dias atuais provoca algo que poderíamos chamar de “hiper-encontro”, posto que facilita que os mais diversos e múltiplos encontros entre sujeitos humanos aconteçam, só que no mundo virtual. Foi exatamente o que pude observar nos objetos estudados (caso do diabetes, caso da hemoterapia e caso do envelhecimento). Nos três exemplos uma espécie de reação em cadeia fazia com que os sujeitos se achassem, um “esbarrando” em outro, em um movimento de emergência no qual as singularidades estão presentes, mas não como indivíduos que são partes de um Todo, e sim como seres sociais que se expressam como “corpo único”, um coletivo.

Embora os problemas sejam encarados, à primeira vista, como elementos degradantes, destruidores, separadores, diminuidores de nossa potência de agir, as dificuldades enfrentadas por quem vivencia uma doença crônica que requer cuidados muito precisos; um dia a dia de trabalho que depende de uma boa gestão; ou um envelhecer mais autônomo e menos solitário foram elementos significativos para que os participantes dos grupos analisados nesta pesquisa pudessem reconhecer semelhanças entre si e utilizá-las para se fortalecer. Dito de outra forma, os efeitos das afecções, as marcas sofridas pelos sujeitos humanos em suas relações com a vida, quer sejam o diabetes, a má gestão do estoque de sangue ou o envelhecimento, permitiram promover sinergias e sincronizar experiências. Contudo, o que se visualiza, a princípio, são os efeitos que forças externas provocam nesses corpos, embora já se perceba uma "faísca" que possibilita a ação. Essa percepção de um alinhamento em comum entre os sujeitos humanos ainda carrega resquícios de uma compreensão vaga sobre as afecções, mas já traz uma interpretação racional sobre os efeitos das marcas nos corpos, baseada nas noções comuns do Segundo Gênero do Conhecimento de Spinoza.

Acontece que os membros dos coletivos começaram a explorar alguma racionalidade (Segundo Gênero do Conhecimento) a partir desse fortuito encontro com o outro. A experimentação foi base para o exercício da Razão. Por meio dela, as afecções - diabetes, rotina de trabalho prejudicada, envelhecimento - foram sendo colocadas dentro de uma relação de "ideias-noção". Nessa etapa, os sujeitos humanos vão aprendendo sobre as relações que se compõem e decompõem entre os corpos afetados, aquilo que lhes aumenta e o que lhes diminui. Esse conhecimento permitiu sair do campo da imaginação e entrar no campo da noção e da experimentação, que leva em conta os estados dos corpos afetados. Daí a denominação de "noção comum", porque ela é comum a um estado de dois corpos. Não há nada de geral aqui, pois são encontros totalmente entendidos de forma singular e não desprezam as variações dos corpos e do mundo (novamente assumindo o estado caótico da vida). Ocorre que, ao chegar a uma "noção comum", as relações dos encontros acham suas proporções. Por esse motivo, a Razão aparece como um efeito da alegria, na medida em que permite encontrar e perceber o que potencializa um corpo, o que aumenta sua força existencial, a partir das experimentações (SPINOZA, 2016).

Na terceira parte da Ética, Spinoza liga a alegria e o ideado explicando que, quando há alegria, há mais capacidade de agir e de ser afetado. Então, há algo que, se buscado, vai envolver uma determinada causa, um determinado ideado. Ser afetado de alegria permitiu aos membros do grupo ampliarem o entendimento sobre eles mesmos e o entendimento sobre o mundo. Compreender as afecções que lhes fortalecem e as

que lhes degradam foi um ponto de partida para se tornarem autônomos em seus processos de resolução dos problemas. A afecção, outrora carregada de marcas, passou então a afeto. Um afeto de alegria, ainda que apaixonado, porque aconteceu ao acaso dos encontros, mas que surgiu como uma pequena centelha, a qual possibilitou ao grupo despertar para a possibilidade da ação.

Os afetos não poderiam, portanto, serem pensados enquanto retórica. Pude notar nos grupos estudados que eles se apresentavam muito racionais, embora pareça estranho pensar assim. Mas a Ética de Spinoza, que é uma "ciência dos afetos", coloca que talvez seja a coisa mais sensata que podemos fazer enquanto sujeitos humanos: agir pelos afetos, praticando nossa intuição (Terceiro Gênero do Conhecimento). Ou seja, conhecer as causas adequadas do que se compõe e se decompõe com nossos corpos, o que nos causa alegria e o que nos causa tristeza; e conhecer a origem do que implica necessariamente a nossa essência (potência do ser), do que nos faz sermos produtivos e criativos.

Como apresentei previamente no Pressuposto IV, em Spinoza o afeto é uma transição de um estado para outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes, que ocasiona aumento, nas alegrias, ou diminuição, nas tristezas, da potência de agir/pensar do corpo afetado. Por isso, a potência de agir passa, invariavelmente, pela afecção, boa ou má, que um corpo provoca em outro corpo (DELEUZE, 2002a).

Vimos, também, que existem duas espécies de paixões: as paixões-tristes e as paixões-alegres. As paixões-tristes são resultados da condição de afecção em que o encontro de corpos provoca diminuição da capacidade de agir, degradando o corpo afetado. A tristeza apaixonada constitui o grau mais baixo da nossa capacidade de agir. Ela produz um estado altamente alienado, levado pelas superstições e pela tirania. No entanto, o encontro com um corpo que convém com o outro corpo aumenta a potência de agir do corpo afetado e provoca alegria, mas ainda é uma alegria apaixonada (paixões-alegres), dado que a percepção que o corpo afetado tem de si e de suas ações não é percebida adequadamente a partir de suas próprias forças. Mas essa paixão alegre, embora aconteça de modo passivo, desperta um aumento da potência de agir, dado que é uma alegria. É nesse momento que a alegria deixa de ser uma alegria apaixonada e torna-se um afeto ativo (alegria ativa), capaz de despertar a ação. Sendo assim, a diferença entre paixões-tristes e paixões-alegres prepara também outra distinção: as paixões e as ações (DELEUZE, 2002; SPINOZA, 2016; ESPINOSA, 2014), como já explicado na Teoria dos Gêneros do Conhecimento (vide Pressuposto IV). O Terceiro Gênero do Conhecimento se produz justamente nessa ruptura da alegria apaixonada para a alegria ativa, esta sim, capaz de operar mudanças e transformações, como as que

os grupos estudados puderam evidenciar. A Figura 26 abaixo resume esta explicação sobre o sujeito apaixonado e o ativo.

Figura 26 - Quadro ilustrativo sobre as paixões e ações em Spinoza.

AFECÇÃO	
Paixão	Ação
Não se explica pela natureza do indivíduo afetado, mas por outra coisa. Vem do exterior (forças, elementos extrínsecos).	Explica-se pela natureza do indivíduo afetado. Vem do interior (forças, elementos intrínsecos).
Afetos passivos	Afetos ativos
Potência para padecer	Potência de agir/pensar

Fonte: Elaborado pela autora.

Nós somos, necessariamente, preenchidos de afetos, como as próprias experiências deixam evidente. Mas ocorre que, ao longo de nossa existência, somos o tempo todo atravessados por constrangimentos exteriores que podem nos preencher de tristezas. O que as experiências empíricas corroboram, e que foi objeto desse estudo, é que, embora os membros dos coletivos estejam o tempo todo sendo atingidos por tristezas que lhes afetam e decompõem suas forças existenciais, tais como: o açúcar no sangue em níveis elevados, que é tóxico para o corpo humano; as atividades de trabalho não realizadas, as quais trazem insatisfação e frustração aos profissionais da hemorrede, além de que a falta de sangue em casos onde há necessidade de transfusão ameaça diretamente a vida; e o isolamento social, que traz solidão no envelhecimento, eles conseguiram racionalizar, por meio das experiências pessoais e compartilhadas com os outros, sobre o efeito de tais afecções em seus corpos. O encontro com seus semelhantes permitiu provocar (e provoca) momentos de alegria que, como se fossem frestas para um escape das tristezas, lhes traz uma “pequena” expansão do ser. O que se passa aí é que, nesse respiro de alegria, ainda dotado de um certo grau de passividade, os sujeitos humanos têm a oportunidade de trabalhar o afeto, racionalizando sobre a afecção que os atingiu. A pergunta agora não é mais “o que é o afeto” mas “o que podem os afetos”, porque os afetos passivos, sempre ligados às afecções, são guiados pela causalidade dos encontros, enquanto os afetos ativos podem ser revolucionários.

A ideia produzida pelo afeto ativo já não é mais confusa, imaginativa, inadequada. A ideia agora é adequada, pois ela não se contenta em saber que um efeito é resultado de certa causa, mas procura formar um conhecimento que envolve causa e efeito, que

complete estes dois polos em um mesmo plano (imaneente), entendendo a relação clara entre as coisas e racionalmente procurando captar o que há em comum nas relações que convêm. A ideia adequada vem da experiência e da noção comum que lhes permite entender sobre os casos em que os encontros que fazem são "maus" e os casos onde os encontros são "bons", aumentando ou diminuindo sua potência de agir, como no encontro com o açúcar ou com a insulina no corpo de um diabético, por exemplo. A hiperglicemia, comum nos portadores de diabetes, começa a ser entendida como algo contra o que não se deve brigar, mas algo que demandará dos indivíduos provocarem os melhores encontros possíveis, a fim de que ela não se torne um empecilho à vida. Do mesmo modo, se segue para os outros exemplos estudados, para a solidão, para a gestão das tarefas do trabalho... Reforça-se, assim, que só é possível agir pela via da alegria, uma vez que a tristeza é incapaz de impulsionar a vida. Ela jamais será capaz de potencializar os corpos, pois a tristeza fecha caminhos e impede a ação, revelando toda a sua ignorância. A tristeza não consegue ensinar nada, porque ela só produz ideias inadequadas.

Como os membros do grupo tratam com situações onde há uma necessidade muito forte de que suas existências não diminuam, porque suas situações de saúde têm uma relação direta com a vida, eles não apenas se esforçam para permanecer na existência, como se abrem ao máximo para a aptidão de serem afetados pelas alegrias. Ao invés de ficarem presos às tristezas a que foram expostos, tornando-se sujeitos passivos, apaixonados, portanto paralisados, os membros dos coletivos entram em posse formal de suas potências e vivenciam alegrias ativas das quais decorrem as ideias adequadas da Razão. Essa passagem lhes permite chegar a um nível de conhecimento e sentimentos ativos. As ideias inadequadas são deixadas para trás e os corpos são, agora, a própria causa das ideias e dos afetos, e, assim sendo, pensam e agem. Afirmando o Pressuposto IV, a experiência prática evidencia que os corpos, outrora apaixonados, agora são produtores de seu próprio conhecimento, ratificando o Terceiro Gênero do Conhecimento, e de seus afetos, que agora se expressam em ações.

Pensar em afetos não é pensar em instinto ou em pulsão, já que os afetos não funcionam sozinhos. É preciso um estímulo para o afeto existir, pois ele só funciona em agenciamento. Ao se agenciarem, as pessoas participantes dos grupos estudados produzem estímulos que fazem os afetos provocarem reações ativas. As alegrias, expressas em contentamento, satisfação, coragem, gratidão, amor (ao próximo), são como pontos que tecem uma rede de solidariedade e cooperação. Tais redes tornam os sujeitos ativos e provocadores das suas próprias ações no gerenciamento do estoque de hemocomponentes entre as unidades de saúde da hemorrede do Rio de Janeiro,

garantindo que vidas sejam salvas; na proposição de projetos de lei, como o caso da obrigatoriedade do teste de glicemia em serviços de emergência; no compartilhamento de informações e vivências do dia a dia de controle nos níveis de glicose; para encontrar amigos ou um(a) parceiro(a) para compartilhar a vida quando já não se é um jovem e a solidão bate à porta.

Em todas essas situações, as alegrias (ativas) tornam os sujeitos propositivos, pensantes, e suas ações são bastantes concretas. Como a experiência deixa claro e corrobora, não há nenhum nível de abstração ao se tratar dos afetos, tampouco transcendência. Os afetos são, de fato, pura imanência (Pressuposto II). Eles são reais, concretos e propulsores de acontecimentos que ocorrem nesse plano, nessa vida, nesse mundo e nesse momento. Eles comunicam um outro conhecimento: o conhecimento de si, da vida e de tudo que está ao nosso redor nos afetando, a partir da própria intuição humana.

De um nível mais simples de encontro, corpo com corpo, os afetos se espalham para o coletivo. Eles circulam socialmente formando uma verdadeira rede social afetiva. As ações resultantes desse circuito se expandem para além dos corpos afetados, atingindo outros corpos, desde que estes segundos corpos estejam receptivos a serem afetados. É o que acontece, por exemplo, quando o grupo de WhatsApp dos profissionais da hemorrede-RJ se articula, resolve problemas relacionados à gestão do estoque de hemocomponentes e insumos e vai além, impactando outros sujeitos humanos e suas próprias vidas, pois suas ações se traduzem em vidas salvas. Também as ações do grupo do diabetes resultam em benefícios sociais, pois as experiências de autocuidado se espalham pela rede e atingem positivamente muitos diabéticos, como mostrado anteriormente, desde que feitas de modo a garantir um complemento e alinhamento para a adesão ao tratamento clínico. Do mesmo modo, se dá o fenômeno do grupo 'Envelhecimento em Comunidade' que, de tanto se espalhar, tem hoje mais de 100 mil membros que se articulam, experimentam novas oportunidades de encontros e vão, cada um do seu jeito, moldando seus encontros com outros membros. Sobre isso, embora existam embates frequentes, as pessoas vão aprendendo, pelas experiências, a criar os encontros que lhes potencializam, superando as desavenças.

Toda essa dinâmica evidencia que os sujeitos que se encontram em um campo de forças afetivas, por meio do exercício da Razão, conseguem formar ideias adequadas e se tornam ativos e propositivos na busca pelos melhores encontros, os que mais elevem sua força de existir/potência de agir para lidar com seus problemas. Percebo que este processo comunicativo cria uma rede de alegrias ativas e provocadora de

conhecimentos e ações, como as que apresentei aqui nesta tese. É isto que eu chamo de Comunicação Alegre.

Na Comunicação Alegre, o processo comunicativo deixa de ser uma questão da significação para tornar-se um sistema de afetos, desencadeado a partir das alegrias passivas (paixões-alegres), que geram noções comuns capazes de tornarem as pessoas racionalmente provocadoras de alegrias ativas. De posse da solidariedade, do amor ao próximo, da gratidão, do contentamento, da satisfação e de tantos outros afetos alegres, os membros dos grupos buscam os melhores agenciamentos possíveis para aumentarem a potência de agir. Com isso, a existência passa para o sentido da ação e do pensamento (Terceiro Gênero do Conhecimento), abandonando, por fim, a passividade. Conforme ilustra a Figura 25, ação e pensamento aparecem no centro da figura não à toa, pois como demonstrado ao longo dos estudos práticos e teóricos, todo sujeito humano é capaz de agir e pensar, desde que, no processo comunicativo dos encontros, ele se permita praticar a intuição para conhecer sua própria essência, aprendendo sobre os afetos, de forma que consiga buscar os encontros mais úteis para se fortalecer na existência. Assim, um indivíduo pode expandir-se a ponto de tornar-se ele próprio feitor de sua vida, não mais sucumbindo ao controle e à ignorância das tristezas, tornando-se criativo e resistente.

É preciso considerar uma nova ideia para a rede distribuída. Os "nós", que inicialmente eram pensados enquanto pontos de conexão da rede, agora podem ser também entendidos como pontos de alegria, "inserções" de alegria. Tais afetos podem apenas ser alegrias-paixão ou pontos dinâmicos e participativos, propulsores de um movimento que forma "redes de alegria", enérgicas e intensas, onde a interatividade é propositiva.

Há tanta circulação de afetos que fica evidente que as relações se apresentam enquanto campo de forças afetivas, devires, processos e produção. A rede da internet, desse modo, expõe a constante busca humana por pessoas, ideias, coisas que melhor se componham com elas e aumentem sua força existencial (Pressuposto III). Mesmo que, em um primeiro instante, o impulso para permanecer na existência pareça uma busca apaixonada, por vezes até destruidora, a busca por aumentar a potência de agir só acontece de fato na alegria ativa: quando o sujeito humano se esforça para organizar os encontros que irão lhe fortalecer.

Podemos conceber um modo existente que se esforça por perseverar na existência, segundo o seu direito de natureza, ao acaso de seus encontros com os outros modos, ao capricho das afecções e dos afetos que o determinam do exterior: esforça-se então por aumentar sua potência de agir, ou seja, por experimentar

paixões alegres, mesmo que seja destruindo o que o ameaçava. Não só essas alegrias da destruição estão envenenadas pela tristeza e pelo ódio de que procedem, mas o acaso dos encontros faz com que corramos sem cessar o risco de encontrar algo mais potente do que nós que nos destruirá. [...] Eis por que o esforço para perseverar, aumentar a potência de agir, experimentar paixões alegres, elevar ao máximo o poder de ser afetado, por mais que sempre se efetue, só se logra na medida em que o homem se esforça para organizar seus encontros (DELEUZE, G. 2002a. pág 108).

Os "nós" de alegria, que se espalham socialmente, também trazem a oportunidade de expressão de vozes outrora silenciadas ou abafadas, já que o aumento do número de encontros traz consigo a possibilidade de mais encontros alegres ocorrerem. Isso forma coletivos, como os que vimos aqui, e faz da alegria uma potência política, pois coloca a oportunidade de que um novo protagonismo social ocorra, marcado não necessariamente pela autoridade (como de especialistas), mas pela possibilidade de mudanças de centros de poder (Pressuposto I).

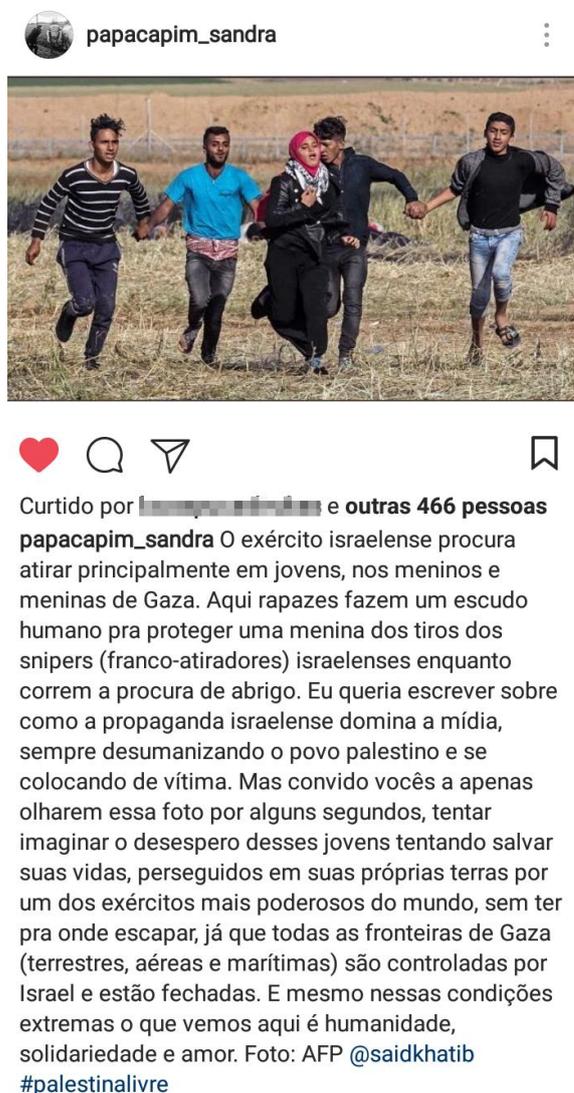
Figura 27 - Esquema Comunicação Alegre.



A imagem retrata a rede distribuída (internet), facilitadora das conexões sem intermediários. Por meio dela, mais encontros podem acontecer entre as pessoas. Juntar-se a sujeitos que passam pela mesma situação de vida provoca bons sentimentos e uma verdadeira rede de alegria começa a se formar. Esse processo desperta os indivíduos para uma maior compreensão sobre seus problemas (noção comum). Tal racionalização os torna ativos e a alegria, outrora apaixonada, se torna fonte de compreensão adequada das afecções. O resultado é um aumento ainda mais expressivo da potência de existir, representado pelo sinal de "+" na figura, que, por sua vez, leva à capacidade de agir e pensar. As setas ilustram o movimento, relembrando que na inércia não há criação. Envolvendo toda essa linha afetiva, aparece o coração no centro do esquema. Ele representa justamente os sentimentos produtivos que unem as pessoas, em última instância, o amor.

Fonte: Elaborado pela autora.

## 5.1 CONSIDERAÇÕES MICROPOLÍTICAS PARA A SAÚDE



A comunicação pensada enquanto capacidade de afetar e ser afetado traz a possibilidade de buscar uma compreensão que implica diretamente a vida política em sociedade. Ao invés de apenas considerar seu impacto social regido pelas mudanças tecnológicas que configuram os novos tempos em que vivemos, com todo o aparato instrumental de que dispomos; ou pela extraordinária importância que assumem quando se constituem como um sistema infinito de informações, os processos comunicativos passam a ser vistos como meios de agenciamento da vida em sociedade.

Como expõe Safatle (2016), em sua obra "Circuito dos Afetos", as considerações político-sociais habitualmente desconsideram os afetos em suas abordagens. Constantemente entendidos como abstratos, não racionais e desprovidos de qualquer

relação direta com as implicações práticas para a sociedade, os afetos são excluídos das interpretações teóricas mais tradicionais, que constantemente não percebem a relação orgânica entre os afetos e a vida social. A sociedade, assim, segue sendo construída com base em sistemas de regras e normas, leis e princípios morais, que moldam a estrutura na qual os sujeitos humanos agem e convivem uns com os outros, de tal forma que a sociedade torna-se, essencialmente, uma sociedade que controla.

A internet, entretanto, irrompe como um espaço de não-controle, como afirma Serres (2000), em entrevista na qual explica, pela sua interlocução com Foucault, a definição das sociedades de controle que, tais como a nossa, são moldadas por normas, leis e constituídas pelo Direito. Uma sociedade de não-controle, por outro lado, se pauta pela falta de controle, o que, para Serres, não seria necessariamente uma preocupação, desde que se assuma que sim, há problemas, mas é preciso pensar sob o ponto de vista de outros paradigmas, como os apresentados aqui neste estudo, os quais podem abrir caminhos para percorrer novas possibilidades de interação humana.

As sociedades de não-controle, que hoje mais notoriamente se expressam na internet, seriam entendidas como espaços de não-direito ou, dito de outra forma, são aquelas que se constituem à revelia das regras constituintes da sociedade de controle. Em tais espaços, a liberdade criativa e produtora é tão potente que é onde as transformações sociais acontecem.

A sociedade de controle é uma sociedade inteiramente tomada pelo direito, já que se trata de um controle. Portanto, há uma jurisdição que vigia praticamente todos os lugares desta sociedade. Eu digo, ao contrário, que as novas tecnologias são um lugar de não-direito. E a fronteira está aí! [...] E é justamente porque não há controle que estou otimista. Quer dizer, no momento, há pessoas que dizem "é preciso que os sites sejam controlados", pessoas dizendo "o site do nosso amigo é sério, porque ele é titular de Direito ou qualquer coisa assim, o site é muito sério porque é um verdadeiro médico que dá a verdadeira informação"... Isso não me interessa! Por quê? [...] Eu vi se fundar nos Estados Unidos, recentemente, um site onde há – talvez você o conheça –, onde se dá livremente a palavra a todas as mulheres que tiveram um câncer de seio. Bem, eu conheço vários oncologistas que dizem ter aprendido uma enormidade de coisas neste site. Por quê? Porque as mulheres são completamente livres para dizer o que elas querem e nas condições que elas querem, de tal forma que, às vezes, lhes ocorre dizer coisas que são fundamentais para o médico, das quais eles não tinham a menor idéia. Mas é justamente porque não há controle que elas podem dar a informação que o médico pode achar verdadeiramente importante para sua atividade profissional. Então, a falta de controle, às vezes, é problemática, mas às vezes, ao contrário, é muito, muito fecunda (SERRES, 2000. pág. 136).

Para o “E-patient” Dave deBronkart (2016), a falta de controle na internet também foi deveras produtiva. O vídeo de Dave, apresentado em um TEDx<sup>22</sup>, é tocante e mostra o poder da articulação entre pacientes e especialistas; mas, principalmente, entre pacientes conectados pela internet na busca pela superação de problemas de saúde. Neste relato, o paciente conta a emocionante história de como soube, em janeiro de 2007, que tinha câncer renal em estágio muito avançado. Os tumores já haviam se espalhado para os dois pulmões, ossos e tecidos musculares. Era um prognóstico muito pouco favorável. Porém, descobrindo a existência de um grupo de pacientes conectados pela internet e portadores da mesma condição, ele deixou de ser um sujeito paciente e se tornou ativo na busca pelo processo de cura que salvaria sua vida. Um ano e meio depois de se submeter ao tratamento não convencional com interleucina-2, Dave, cujo tempo de vida médio na época do diagnóstico havia sido estimado em 24 semanas (seis meses), estava presente no casamento de sua filha. Vale dizer que a terapia com interleucina-2 durou cerca de sete meses e, aproximadamente dois anos depois, as lesões decorrentes da enfermidade desapareceram.

O interessante deste relato é perceber que a experiência narrada vai ao encontro das considerações levantadas nesse estudo. O paciente com câncer é afetado por uma situação de vida que o degenera fisicamente, diminuindo sua força existencial a um nível de se temer pela própria vida. Contudo, ativo e de posse da alegria, Dave tornou-se virtuoso no encontro com outras pessoas, que racionalizaram sobre tal afecção e apresentaram aos demais suas respectivas experiências de bons encontros com tratamentos alternativos que lhes devolveram a potência física do corpo. Simplificadamente, tratam-se de bons encontros de pessoas, compartilhando bons encontros com substâncias que curam. A exposição de Dave vai ao encontro do que seria a passagem de um estado humano apaixonado para outro em que encontra uma noção comum com outros corpos, entendendo melhor sobre seu problema de saúde, tornando-se capaz de decidir sobre seu próprio cuidado.

A força das redes sociais se revela justamente nessa rápida e oportuna troca de conhecimentos e vivências, como no caso de Dave ou nos casos estudados nesta pesquisa. Aparentemente, há uma questão muito espinosana aí: as pessoas se abrem ao máximo nas relações umas com as outras, e também para o pensamento, na busca por serem provocadoras das associações de composição que garantirão o aumento de suas forças existenciais.

---

<sup>22</sup> TED é uma organização sem fins lucrativos que tem como lema “ideias que merecem ser compartilhadas”. Começou há 26 anos, na Califórnia, e cresce apoiando ideias que mudam o mundo por meio das mais diversas iniciativas.

A grande polêmica dessa colocação é que o estabelecimento de uma rede de relações na internet subverte a lógica da autoridade como a conhecemos, obrigando que se constituam outras relações entre sujeitos humanos também no campo da saúde. Pela interpretação dos relatos evidencia-se que, como as questões de saúde são diretamente relacionadas ao bem-estar e podem colocar em perigo a própria vida, as pessoas “olham” mais atentamente, e até com desconfiança para as informações encontradas em sites, blogs, redes sociais, etc., porque consideram que aquilo que está em questionamento não é uma simples mercadoria. Essa postura diferenciada, deixando de ver a informação como um saber exclusivo da autoridade, aceitando tudo do jeito que lhes é colocado, representa uma mudança na relação das pessoas com a informação e com os profissionais de saúde. Obviamente, sempre estaremos condicionados a ponderar sobre o grau de instrução das pessoas que navegam na internet e o modo como o fazem. Entretanto, é fato que essa busca ao “Sr. Google” já acontece em nosso meio. A questão não passa mais pela significação sobre “o que é” essa nova configuração da participação dos sujeitos nas discussões sobre saúde, mas sobre “o que pode” tal participação.

Nesse sentido, as colocações tecidas por Safatle (2016) se afirmam também ao novo contexto das redes sociais da internet. Embora sua teoria se distancie um tanto da linha espinosista que me trouxe até aqui, haja vista que trabalha sob uma perspectiva mais psicanalítica (lacaniana), Safatle também afirma a necessidade de pensar em novas subjetividades, em novos coletivos que surgem neste momento do mundo em que vivemos. O sentido unitário e de representação precisa ser recolocado, posto que a contradição deixa de ser dialética - especialistas e não especialistas - e passa a ser alternativa, ou seja, a produção de subjetividade se daria para além do antagonismo, seria constitutiva de uma realidade social diferente.

A “determinação sob a forma de indivíduos” é o nome que damos à forma de produção de modalidades de inscrição no interior de um corpo político unitário, que pretensamente teria superado a dimensão ontológica dos antagonismos. Não apenas dos antagonismos ligados a conflitos sociais, pois indivíduos estão em estado contínuo de interesses concorrenciais, mas dos antagonismos formais ligados à instabilidade interna e a normatividades próprias ao ordenamento social. Uma perspectiva realmente crítica partirá, necessariamente, da desconstrução desse modo de inscrição de sujeitos políticos em indivíduos. Única maneira de produzir a abertura social à multiplicidade formal própria a um corpo sem *eu* comum e unidade. Ele nos levará a um corpo aberto a sua própria espectralidade (SAFATLE, 2016. pág. 22).

Para Hardt e Negri (2004), tais subjetividades são nada mais que os corpos da teoria espinosana, e são eles que formam o conceito de Multidão. Não entrarei aqui na discussão sobre Multidão, mas aproveito o raciocínio de sua elaboração para ratificar a multiplicidade dos corpos (coletivos) que habitam nosso mundo e que constituem uma nova ordem social, a qual não pode mais ser ignorada.

[...] todo corpo é uma multidão. Entrecruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão, os corpos se mesclam, mestiçam-se, hibridizam-se e se transformam; são como ondas do mar em perene movimento, em perpétua transformação recíproca. [...] não existe nenhuma possibilidade de um corpo estar só (NEGRI, 2004, p. 20-21).

Se nenhum homem é uma ilha, parafraseando Hemingway, somos constituídos de vínculos sociais e políticos e somos dotados de capacidade de afetar e ser afetado. Não se trata de procurar uma unidade social, mas de pensar sobre os processos de afecções que permitem sustentar adesões sociais. Por isso, a clássica separação entre razão e afetos não pode ser considerada em meus apontamentos. Assumo, assim como Spinoza, Deleuze e Guattari, Safatle, Hardt e Negri, que o espaço político e tudo que lhe cabe, como a comunicação e a saúde, é preenchido de afetos. Nada existe de irracional quando trago os afetos para a dimensão prática das discussões sobre saúde e comunicação, dado que somos corpos políticos entremeados de afetos. Nisso repousa a compreensão da comunicação como um campo de afetos, e a Comunicação Alegre como expressão do processo provocativo de bons encontros, no sentido mais espinosano dos termos "alegria" e "encontro".

Acontece que os afetos na saúde, não raro, são perversamente manipulados, utilizados para controlar não apenas o corpo, mas a vida das pessoas. Despossuídos de sua capacidade de agir, pois enfermas as pessoas se tornam menos potentes, os sujeitos humanos ficam mais susceptíveis a serem influenciados e controlados pelas forças dominantes, quer seja pelo Estado, com suas regras e normatizações; ou pelo Capital, como no caso da indústria diagnóstica e farmacêutica. Fato é que esse poder sobre a vida das pessoas é uma regulação da vida social por dentro da própria vida dos sujeitos, que opera por máquinas que controlam o corpo, o bem-estar, a cultura, os costumes, por meio de paixões-tristes que dominam a vida.

Em uma aula proferida em 17 de março de 1976, durante um curso no Collège de France, Foucault (1999) já explicava sobre esse poder de estatização do biológico. Amparado por uma nova técnica de poder não disciplinar, mas que não exclui a técnica disciplinar, o poder passa a ser exercido não mais sobre o indivíduo enquanto homem-

corpo, mas sobre o homem ser vivo, homem-espécie. Se a disciplina em um dado momento procurou governar a multiplicidade dos homens, reduzindo-os a corpos padronizados que deveriam ser vigiados e punidos, um domínio voltado ao indivíduo e ao seu corpo; a nova tecnologia se dirige à multiplicidade dos homens como uma massa global, afetada por processos que são frutos da própria vida, como o nascimento, o adoecimento, a produção, a morte. "Já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas algo que eu chamaria de uma 'biopolítica' da espécie humana" (FOUCAULT, 1999, p. 298). Se na sociedade disciplinar o corpo individualizado era dotado de capacidades, na biopolítica os corpos são entendidos por seus processos biológicos de conjunto. A biopolítica trata da população. Os sujeitos humanos tornam-se números, estatísticas, projeções.

Dentre os processos que controlam a vida estão as estatísticas de nascimentos e óbitos, as taxas de fertilidade e reprodução, os índices de doenças, como as epidemias que aparecem como fenômenos de população. Somado a isso introduz-se a normalização do saber, como no que concerne à medicalização da população e a centralização da informação, por meio das falas especializadas, como meios de "higienizar" a vida. A velhice é apresentada por Foucault como um exemplo desse fenômeno, pois os idosos são reduzidos a indivíduos potencialmente propensos a acidentes e enfermidades diversas, em função da própria condição biológica da idade mais avançada. A biopolítica introduz aí mecanismos econômicos muito racionais de controle, como os seguros de vida e saúde, por exemplo (FOUCAULT, 1999).

O poder que nasce dessa nova tecnologia é regulador da vida (biopoder), exercido por mecanismos que buscam controlar os efeitos dos infortúnios sobre as populações humanas (FOUCAULT, 1999). O biopoder, dessa maneira, se revela pelos poderes dominantes e expressa o controle que exercem sobre a vida. É um poder que funciona por meio do governo das populações e que controla seus costumes, hábitos, alimentação, saúde, capacidades reprodutivas, etc. Para Hardt e Negri (2016), nessa ideia do biopoder, a biopolítica se manifesta, sendo mais reducionista, como um contra-poder que insiste na vida como resistência, atuando na busca pela liberdade e construindo novas subjetividades.

Na sociedade disciplinar, o poder procurava assegurar um padrão de obediência por meio de dispositivos que regulassem e controlassem os costumes, os hábitos e as práticas produtivas, como os sindicatos, por exemplo; já na sociedade de controle, o emprego de mecanismos mais "democráticos" permite exercer o poder por meio de máquinas que organizam diretamente o cérebro, como os sistemas de comunicação e as redes de informação; e o corpo, com o bem-estar e as atividades direcionadas para um

estado de alienação. O que vestir, o que comer, como se comportar, no que trabalhar, como fazer sexo, as informações são mecanicamente comunicadas a fim de moldar os modos da sociedade. A saúde e seus sistemas normativos e especializados são exemplos disso: como me tratar, que remédio utilizar, que exames fazer, quantos especialistas consultar, o que fazer, o que não fazer.... Como olhar meu corpo, que técnica utilizar para apalpar as mamas, quem vai fazer meu bebê nascer, que sabonete devo usar para matar as bactérias do meu corpo? Tudo arditosamente pensado pelos poderes dominantes que insistem em nos comunicar afetos tristes, afetos que geram responsabilização individual para problemas que são politicamente e socialmente construídos.

Hardt e Negri (2001) mostram como, perversamente, a sociedade de controle intensifica a normalização da disciplinaridade por meio do biopoder, regulando a vida social por dentro. Quando o domínio se torna inteiramente biopolítico, todo o corpo social é ressignificado pelas máquinas do poder. O que se passa, todavia, é que, na medida em que a sociedade disciplinar se unificou e envolveu todos os elementos da vida social na passagem para a sociedade de controle, um novo contexto foi revelado, e as resistências passam a ser centrais e ativas dentro de uma sociedade plural e singular que se abre em redes.

A razão biopolítica explora, com isso, a experiência do comum (HARDT, NEGRI, 2016). Ela rompe com a dualidade universal *versus* particular e traz a perspectiva das noções comuns, de Spinoza, para sua compreensão: os corpos em relação são capazes de produzir o comum por meio das práticas sociais coletivas, tal como nas situações apresentadas neste estudo. Além disso, o comum reivindica a verdade, mas sua construção não é dada por um processo que nivela todos os sujeitos em padrões de igualdade, mas por meio de uma ordem de emergência, de baixo para cima, que admite as diferenças, porém, se funda na resistência e nas práticas do comum. A preocupação agora é "fazer o comum", e não apenas "ser comum". A racionalidade, por conseguinte, é usada a serviço da vida; a técnica, a serviço das necessidades ecológicas, também entendidas como as relações sociais entre humanos e não humanos; e a acumulação de riquezas, a serviço do comum. Como uma forma de militância, a razão biopolítica se alicerça nas práticas coletivas, onde o estado de bem-estar se transforma em uma produção do comum.

A Proposição 18 da IV Parte da Ética, "o desejo que surge da alegria é, em igualdade de circunstâncias, mais forte que o desejo que surge da tristeza" (SPINOZA, 2016. pág. 289), já anunciava que nada pode ser mais vantajoso que mentes e corpos humanos em sintonia, em concordância, como se fossem uma só mente e um só corpo

para, em conjunto, se esforçarem o máximo possível na conservação do ser, buscando juntos o que é de utilidade comum. O grupo dos ativistas do diabetes traz belo exemplo na prática. Eles literalmente agem cooperando por uma causa comum que lhes afeta diretamente a vida, o controle da glicose sanguínea. Eles buscam pela razão o que lhes é útil, o que lhes fortalece, e desejam para os outros exatamente o que desejam para si, por isso são confiáveis e leais, o que bem explica o reconhecimento e a segurança no outro.

A razão biopolítica deve ser entendida como uma produção alternativa de novos sujeitos, exatamente como Spinoza apontou, e como vimos nos casos estudados, nos quais os movimentos da produção de conhecimento foram concebidos como um serviço comunitário de expressão e criatividade. Quem mais do que as pessoas convivendo com o diabetes pode entender de fato o que lhes afeta positivamente? Quem além daquele que viu a família toda "passar" e ficar sozinho compreende a falta de um "bom dia" no café da manhã? Quem mais do que uma equipe de trabalho, que conhece as estruturas do seu dia a dia por dentro, pode ponderar sobre as regras e os canais de comunicação para a efetividade do serviço a ser realizado? São perguntas que podem ser ampliadas para diversas situações da saúde e da vida. Então, resumidamente, a biopolítica é um acontecimento entremeado de afetos capaz de, por meio da liberdade e da resistência que lhe configura a natureza, criar subjetividades alternativas, traçar novas formas de resistência, formar um novo modo de vida. Por isso, a biopolítica é um acontecimento perturbador do sistema normativo, portanto, uma saída para as tristezas.

Apesar disso, cabe assumir que as tristezas funcionam, porque elas realmente conseguem dominar e estruturar a maneira como a sociedade se organiza. Certamente, seres humanos menos potentes, esvaziados de suas capacidades de agir e pensar, escravizados por superstições e paranoias, cheios de medo e esperança - afeto que Spinoza classifica como paixão-triste, dado que é entendida como impotência de agir - são facilmente dominados e controlados. Qualquer tentativa de sair desse ciclo das tristezas é sucumbida pelas forças políticas. A vida, desse modo, fica despossuída de sua própria natureza e se torna aprisionada.

Como apresentado aqui, a única força capaz de confrontar uma sociedade melancólica, medrosa, odiosa é a alegria, pois só pela expansão é possível sair do ciclo da tristeza. Eis a importância da razão: tornar-se desejante, entender as barreiras que nos fazem sucumbir e ir em busca dos encontros que são capazes de mudar nossas vidas. As alegrias, mesmo enquanto paixões, proporcionam esse levante e nos impulsionam um passo à frente na criação de linhas de fuga, abrindo-nos para a possibilidade de construirmos um outro mundo.

Hardt e Negri (2016) são bastantes ousados nesse ponto, dado que colocam o amor como o “motor” de um processo em que os corpos se ligam, se agenciam e fazem composições, operando mais e mais encontros, afetando-se mutuamente em alegrias e produzindo outros corpos, mais ativos, mais potentes, que geram novas formas do comum (estabelecendo novas noções comuns) e diferentes possibilidades de devires, de transformação e de potência. O amor seria como um afeto que caminha por baixo da sociedade de controle, formando uma espécie de rede biopolítica que circula de outra maneira, com sua própria lógica, sem obedecer nem ao Capital nem ao Estado.

Nesse sentido, em “Bem-Estar Comum”, Hardt e Negri (2016) trabalham mais densamente os conceitos de pobreza e amor. O pobre, frequentemente entendido como aquele carente de bens materiais, reconhecido pela falta, agora pode ser visto como possibilidade, como poder: o pobre pode. Apesar de subordinados, os pobres estão totalmente dentro dos ritmos globais da biopolítica. Sobre o amor, ele é chave para construir um outro caminho para a produtividade do comum, como nos casos de solidariedade e cuidado com o outro, ou de cooperação em projetos feitos por aqueles que vivem na pobreza e se apoiam mutuamente para a sobrevivência. Assim, a real essência do pobre não é a falta de bens materiais de qualquer espécie, mas o poder que possuem de, pelo amor, formarem um corpo social entendido como produção do comum e criação de novos corpos ativos e atuantes. Para tanto, é necessário considerar a importância da força intelectual para superar a dominação e a submissão, daí a importância da Razão e das noções comuns (de onde vem o conceito negriano de “comum”) entre os corpos. Além disso, os autores reforçam a importância de construir o amor enquanto força política para enfrentar os poderes dominantes e desmantelar as instituições corruptas, formando um novo mundo de bem-estar comum.

Lembrando de Spinoza e das alegrias-ativas (ação), o amor precisa ser entendido fora do âmbito da espontaneidade ou da passividade que a ideia do amor romântico lhe atribui, para tornar-se ação, um acontecimento biopolítico, realizado e planejado em comum, e que resulta na construção de novos corpos.

O amor [...] é alegria, ou seja, o aumento do nosso poder de agir e pensar, aliado ao reconhecimento de uma causa externa. Através do amor, constituímos uma relação com essa causa e procuramos repetir e expandir nossa alegria, formando novos e mais poderosos corpos e mentes. [...] o amor é uma produção do comum que constantemente se volta para cima, buscando criar mais com força cada vez maior, até o ponto de se engajar no amor de Deus, ou seja, o amor natureza como um todo, o comum em sua figura mais expansiva (HARDT; NEGRI, 2016. pág. 205).

Como nos exemplos apresentados, somos surpreendidos pela evidência de que a falta abre caminhos possíveis. Isso porque a importância não reside no fim, mas no meio, pois a felicidade de atuar, de estar juntos nessa jornada, potencializa a capacidade de pensar e agir, abrindo as pessoas para outras oportunidades. Como em Spinoza, a solução vem daí: dos afetos. Quando seres humanos concordam entre si e encontram as medidas do que podem em comum, tendem a se tornar convenientes entre si. Esse caminho é sempre pelos afetos alegres e ativos. Eles são os afetos verdadeiramente revolucionários, nunca o medo, o ódio, a limitação da potência.

Krishnamurti (1973), em suas explicações, reforça que o medo é aprisionador e incapaz de produzir homens inteligentes, pois o medo é degradante e não pode gerar revoltas contra a ordem estabelecida. Para ele, viver não é imitar, que é uma forma fácil de existir, mas descobrir por si mesmo o que é verdadeiro. E isso só é possível na liberdade, quando há dentro de nós uma constante revolta, uma insatisfação com uma dada situação, ordem, tentativa de controle da vida. Não se trata da revolta em que os indivíduos procuram algo melhor para si, mas daquela que vem com a compreensão da pessoa que se liberta da sociedade. Por isso, revoltar-se, aprender e amar é um processo unitário, que traz em si a liberdade, este estado mental livre do medo, da compulsão, da ansiedade.

A inteligência, que se revela em pensamento e ação, só é adquirível quando não há medo, e quando não há medo, há amor. Liberdade e amor caminham juntos; sem um não existe o outro. É nesse sentido que a revolta é produtora de novos caminhos, novos conhecimentos, de um novo mundo, pois ela é fruto de um descontentamento que traz consigo a iniciativa que impulsiona um processo de criação. Mas essa insatisfação, chama que impulsiona a iniciativa, é totalmente recheada de alegria, de amor. É o descontentamento somado à vitalidade da alegria que permite construir, criar, produzir um novo mundo. É como "endurecer sem perder a ternura".

O desafio que se apresenta traz consigo a capacidade de racionalizar, de "filtrar" o conhecimento confuso, para conseguir se manter na existência; e não só manter, mas expandir a capacidade de afetar e ser afetado, revoltando-se e afirmando-se nas alegrias e no amor, simplesmente por querer estar juntos. Nesse processo, a ideia da nossa extensão (corpo) inerte, sem movimento, e do pensamento que não se desenvolve é superada. Passamos para um estado que avança no sentido do sujeito humano compreender a vida em sua relação com a natureza, consigo mesmo e com os outros, deixando a servidão para trás e encontrando a liberdade.

Quanto mais cada um busca o que lhe é útil, isto é, quanto mais se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude; e, inversamente, à medida que se descuida de conservar o seu ser, é impotente (SPINOZA, *Ética* IV, prop. 20. pág. 289).

Embora este estudo abandone o campo significativo, não deixa de reconhecer a sua importância e a necessidade de compreendê-lo. Nem mesmo Spinoza ignora a relevância da significação. De acordo com o Primeiro Gênero do Conhecimento (SPINOZA, 2016; DELEUZE, 2002a), o campo significativo se traduz em imaginação, e era esse o único jeito para conhecer o mundo. Ainda hoje somos bastante imaginativos, haja vista que apostamos muito nas afecções (nos efeitos e não nas causas). Spinoza deixa claro que o campo significativo é nosso primeiro contato com o conhecimento, e é de valor fundamental. A imaginação em si não é boa ou má, ela só é falta de conhecimento, que fica estagnado no campo das hipóteses. O problema com a imaginação é não sabermos que ela é imaginação. Além disso, a ideia imaginativa coloca os efeitos como hierarquicamente superiores às causas; Se há um problema com a imaginação, não é que ela seja efeito das tristezas, mas o fato de que, por meio dela, nós caímos muito facilmente nas tristezas, já que encontramos falsas noções comuns ou experimentamos falsas relações.

Ultrapassar o campo imaginativo leva a alicerçar o conhecimento em outro nível, no campo da Razão, agora com alegria, porque permite conhecer as relações de composição entre os corpos, encontrar e entender o que faz os sujeitos humanos felizes a partir das experimentações. O erro, para Spinoza, está na privação de conhecimento. Logo, não caberia julgar algo como certo ou errado, mesmo a imaginação ou a superstição, mas perceber que tais construções são resultantes de um pensamento fraco. A luta se trava justamente aí, no esforço de viver com menos paixões-tristes, o que basicamente é viver na ignorância.

Alinhada à *Ética* de Spinoza, as argumentações de Krishnamurti se constroem embasadas na revolta e na liberdade como único caminho para ultrapassar os muros dos constructos sociais que nos aprisionam em padrões, estereótipos, classificações, números e que nos mantêm no obscurantismo. Para o filósofo indiano, o conhecimento só acontece pela compreensão da própria mente, e só nesse momento o ser humano pode conhecer o amor.

Foi a mente que criou a atual civilização, essa cultura ou sociedade vinculada à tradição; e, se não compreendeis vossa própria mente e apenas vos revoltais como comunista, socialista, etc., isso pouco significa. Por essa razão, muito importa terdes autoconhecimento, estardes cômico de todas as vossas atividades, de vossos

pensamentos e sentimentos; isso é educação, não? Porque, quando estais plenamente cômico de vós mesmos, vossa mente se torna muito sensível, muito vigilante. [...] vossa mente é a humanidade, e quando perceberdes isso tereis uma imensa compaixão. Dessa compreensão nasce um grande amor [...] (KRISHNAMURTI, 1973. p. 85).

Justamente nessa tentativa de ultrapassar os padrões, escapar ao controle, gerar novos espaços-tempo e perceber no meio, não nos fins, a força do conhecimento é que se afirma este estudo. Os moldes, os padrões, são perfeitamente pensados para produzir os condicionamentos que irão padronizar e regular a sociedade: um controle do pensamento, uma imposição de desejos, uma aceitação de valores; uma reprodução contínua de submissão, repressão e imitação, que vão até as camadas mais profundas da mente. Os poderes dominantes, quer seja o Estado, quer seja o Capital, não desejam indivíduos atentos, alertados, revolucionários, pois eles não se ajustarão aos padrões definidos. Daí a importância da ação revolucionária de ser. Não como uma ambição de vir a ser algo, mas como um estado que preenche a própria existência e efetua a natureza dos homens.

Na liberdade, ao contrário dos padrões controladores, se é. O corpo se empenha naquilo que faz porque, simplesmente, aquilo lhe ergue em alegrias, no amor e em sua própria consistência criadora. Não o amor romântico, físico e divino, obrigatório. Mas o amor que traz em si liberdade e criação, fruto de alegrias ativas que engendram novos conhecimentos, que permitem formar novos corpos sociais.

O fato é que a vida é como um rio: eternamente em movimento, perenemente buscando, explorando, impelindo, transbordando, penetrando todas as frestas com sua água. [...] a mente não quer que isso aconteça. Percebe que é perigoso, arriscado viver num estado de impermanência, de insegurança e, por conseguinte, constrói uma muralha em torno de si própria: a muralha da tradição, da religião organizada, das teorias políticas e sociais. Família, nome, bens materiais - tudo isso se encontra atrás das muralhas separado da vida. A vida, que é movimento, impermanência, procura incessantemente penetrar, demolir essas muralhas, atrás das quais só há confusão e angústia. Os deuses que moram atrás das muralhas são falsos deuses, e suas escrituras e filosofias sem significação, porque a vida as excede (KRISHNAMURTI, 1973. p. 132).

Essa mente em sintonia com a vida, que percorre as coisas como um rio percorre as terras, sem muralhas, sem barreiras, que se move inteiramente e continuamente em devires, explorando o mundo, entregue e inteira, só tem um destino: ser feliz. Uma mente viva, essencialmente criadora, é feliz e se faz sempre nova a cada sinuosidade da existência.

A vida, nunca óbvia, sempre a se descortinar a cada momento da existência, é sempre surpreendente. Assim é a filosofia de Deleuze: invoca a vida. Em distanciamento de todas as formas de niilismo - que só podem representar frustração, castração, sofrimento - a vida é um transbordar de acontecimentos internos e externos; é sujeito e objeto; é virtualidade pura, dado que nada sabemos, de fato, sobre as realidades que nos serão apresentadas. Imanência! A vida como um indefinido, traçada em movimentos e intensidades, que ela mesma cria e que produz sempre novos modos de existência, reinventando agenciamentos sociais, recolocando os afetos e as subjetividades individuais e coletivas. A vida imanente é, de fato, um convite à resistência e uma salvaguarda à criação. Uma utopia! Não dessas utopias ideais que transcendem e só podem atingir um tempo futuro que nunca será. Mas uma utopia que cheira à vida! A vida imanente, que considera o inconsciente do pensamento e as sinuosidades das subjetividades; que afirma o acaso, apostando na impermanência, e pulsa com a força revolucionária dos afetos, revelando a alegria (DELEUZE, 2002b; DELEUZE, GUATTARI, 2016). Curvas, balanço, movimento, ritmo. A musicalidade da vida se expõe em corpos ativos e mentes criadoras, na efetivação da essência que afirma as diferenças do ser por vir.

A compreensão sobre a potência criadora e ativa dos sujeitos humanos, expressa nas ideias dos pensadores em que me apoio, traz à tona, a todo momento, reflexões sobre conhecimento e liberdade. Não há, de modo algum, interesse em colocar as teorias apresentadas como superiores a outras existentes, nem em diminuir a importância do conhecimento das tradições, das especialidades, da memória, os quais refletem os feitos científicos, os ensinamentos passados de geração para geração, as técnicas e instruções que facilitam o dia a dia das pessoas. Pondera-se, entretanto, que, em um certo nível, esse conhecimento pode vir a ser um entrave quando se torna um meio de guiar o homem e torná-lo incapaz de perceber as coisas à sua volta a partir de suas próprias experiências, de sua própria percepção. A mecanicidade de reprodução desses conhecimentos condiciona o pensamento à replicação, moldando-o a determinados padrões. Eis a importância da liberdade, da mente livre: é nesse estado que pulsa a alegria e a chance de criar; é onde reside a oportunidade de explorar o mundo e percebê-lo a partir de nossas próprias forças internas. De outra forma, seremos sempre escravos do sistema vigente, amarrados às tristezas.

A não sujeição do homem a um "trapo" neoliberal, indo ao encontro de Negri e Hardt, devolve-o a um descondicionamento do que lhe foi ensinado, imposto, atribuído pelas forças dominantes que buscam, a todo custo, controlar a vida (biopoder). Tal posicionamento expressa um estado de natureza em seu mais alto poder de,

racionalmente, intuir, mostrando a capacidade do conhecimento que nasce da mente livre. A intuição, expressa pela ação e pelo pensamento daqueles que buscam produzir a vida a partir de suas próprias forças, é como um "impulso vital" que nos sintoniza com a natureza e estimula a vida. A nossa cultura, nossa política, nossa sociedade negam a natureza e a essência intuitiva há muitos séculos, embora os estudos nos mostrem que esse conhecimento não só é real e acontece, como tem consequências objetivas e diretas para a vida das pessoas, escapando ao controle. Não há uma definição exata sobre o que vai acontecer, mas fato é que produz outra situação ou estado diferente do que conhecemos. De posse de uma linha de alegria, esse ponto de vista traz uma perspectiva de mundo mais animadora, com um traço de encantamento, na qual a vida pode ser mais bonita quando pensada como devir e produção, e não como campo significativo, controle e medo.

Sobre isso, uma outra lição sobre a compreensão da relação dos sujeitos humanos com a natureza, com os outros e com tudo que os rodeia pode ser vista na consideração dos índios sobre o que é saúde. Uma reportagem do jornal El País (RIBEIRO; BARBA, 2018) divulgou, recentemente, como o retorno dos índios Panará à sua terra original permitiu resgatar antigos hábitos e costumes, o que trouxe muita felicidade à tribo e melhorou o número de nascimentos, conseqüentemente, a população se multiplicou. Para o médico sanitário que acompanha esse projeto, Douglas Rodrigues, a relação com a terra traz imensa alegria, o que os deixa mais fortes e saudáveis. O caso dos Panará mostra que, de fato, saúde não é apenas a mera ausência de doenças e que a felicidade é fortalecedora, é nutriente para uma vida saudável.

Ainda sobre a potência dos afetos, Santos (2016) apontou uma subversão à lógica centralizada e controladora do Estado em seu estudo sobre a Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua. A força e a dinâmica de uma grande mobilização social vieram à tona na concepção de políticas públicas que ocorreram independentemente das iniciativas institucionais ou parlamentares, sendo fruto da mobilização solidária da população que chamou para si a busca de um meio de tentar resolver seus problemas. Este caso é mais um exemplo que mostra a força da alegria: racionalizar sobre um caminho possível para lidar com questões da vida é resgatar a importância de criar condições para que a população seja protagonista na superação de seus próprios dilemas, produtora dos encontros que lhes potencializam a vida. A luta pela educação na Nicarágua é testemunha de que afetar-se de alegrias, aceitando a beleza/potência do mundo como ele é, produz os meios pelo qual a vida pode se expandir.

Pensar a comunicação como um campo de afetos é pensar a vida enquanto efetuações, sendo o tempo todo desterritorializada e reterritorializada. Se desconstrói,

para se reconstruir logo adiante. É fluxo e devir, nunca marca e significação. É com esse olhar que penso a comunicação no mundo contemporâneo. Nisso repousa, também, a necessidade da saúde assumir uma nova relação com a sociedade, buscando meios de fortalecer uma biopolítica que impacte positivamente a produção da própria vida.

O despertar de uma Comunicação Alegre afeta o modo como as relações se constroem na saúde e podem nos fazer quebrar paradigmas e despertar para o que seriam estados mentais mais "refinados", como a solidariedade e a cooperação, nos quais a felicidade se efetiva e produz corpos mais ativos e potentes, portanto mais saudáveis. Junto disso, a oportunidade trazida pela a rede mundial de computadores para realizar bons encontros na busca por uma vida mais alegre, no sentido espinosano da Ética, permite ampliar as chances de criar ações comunicativas de saúde mais congruentes com a vida e, por isso, mais democráticas.

## 6 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Da Felicidade*

*Quantas vezes a gente, em busca da ventura,  
Procede tal e qual o avozinho infeliz:  
Em vão, por toda parte, os óculos procura  
Tendo-os na ponta do nariz!"*  
Mario Quintana

No mundo globalizado em que vivemos, a informação e a comunicação desempenham um papel fundamental nas relações humanas, tornando-se uma parte de nossos corpos e de nossas mentes. Redefinimos nossos corpos e mentes passando para uma nova condição humana, uma nova visão do mundo em que vivemos. O computador, ferramenta central no processo de produção da era informatizada, só explica uma parte do trabalho imaterial que vivemos hoje. A outra parte fica por conta dos afetos, do contato e da interação humana (HARDT; NEGRI, 2016).

A exacerbada interação que vivenciamos hoje aponta uma forma diferenciada de pensar em ações políticas, para o campo da comunicação e saúde, em que novos coletivos se formam e, facilitados pela liberdade de "espalhamento" que a internet proporciona, conseguem revelar suas questões para a sociedade ganhando adeptos. Esse trabalho afetivo produz redes, comunidades. Essa produção de subjetividades torna-se unida à ação comunicativa das relações humanas e é ela mesma enriquecida pela interação. Considerar os afetos como elementos presentes e influenciadores dos processos comunicativos mostrou que a alegria de estar juntos, atuando ativamente em prol de uma causa, é um encontro potencializador da vida.

O núcleo duro da Ética de Spinoza é essa aposta na alegria. Como uma alternativa às interpretações mais usuais, que não raro deslizam em explicações políticas ortodoxas e não conseguem compreender com profundidade os novos movimentos sociais, a Ética assume a vida em toda a sua intensidade. Os processos de mudanças sociais e políticas que me permitem pensar em uma nova forma de entender a comunicação trazem uma lógica de resistência e liberdade com a alegria como força propulsora para tornar o sujeito humano ativo; um sujeito humano que age por sua própria força existencial em prol de, não apenas permanecer existindo, mas potencializar sua existência por meio dos bons encontros que provoca.

Como os exemplos trazidos neste estudo demonstraram, a cooperação, a solidariedade, a gratidão, o amor ao próximo, entre outros, são sentimentos que atuam

diretamente sob a potência de ação dos corpos. Partindo dos bons encontros que acontecem na internet, as ações realizadas pelos coletivos trazem uma subversão à lógica de funcionamento da comunicação em saúde e mostram a possibilidade de pensar em novas formas de construir um conhecimento comum, que seja o mais íntimo possível da vida, assumindo a importância do papel da micropolítica na estruturação da sociedade.

Pensar em micropolítica é assumir a visão biopolítica da produção da vida que pensa o comum, calcada na produção de subjetividades. Mas, costumeiramente, as questões de saúde são exploradas por fatores de risco individuais, com responsabilidades atribuídas aos indivíduos por portarem determinada condição que lhes degrada a saúde. A desumanidade desse processo fica por conta da culpabilização dos indivíduos, que deveriam receber cuidados em saúde, como responsáveis pelos riscos e condições de saúde que apresentam, restando-lhes a alternativa de serem consumidores de medicamentos, exames, cirurgias, cujos malefícios, muitas vezes, superam os benefícios. Dito de outra forma, a perversão da biopolítica na saúde se configura pelo biopoder, que relega o bem comum a segundo plano. O biopoder coloca as condições para a melhoria da saúde como mercadorias que devem ser adquiridas individualmente ou como informações que devem ser controladas e certificadas por especialistas, que ditam os costumes e modos de vida da sociedade. Tudo perfeitamente manipulado por processos comunicativos que se banham das tristezas para controlar, vigiar e garantir o poder.

Ocorre, no entanto, que embora os problemas carreguem as particularidades individuais de cada sujeito, eles tendem a tomar uma dimensão coletiva e não mais centralizada no sujeito no contexto da sociedade contemporânea. O diabetes, com seus limites e dificuldades, não pode mais ser visto como um problema individualizado, assim como a carência de estoque de sangue para transfusão ou a solidão no envelhecimento. Os problemas tornam-se comuns, coletivos: são muitos corpos afetados pelos mesmos problemas, que alcançam uma extensão social.

É por dentro do próprio sistema, entendendo a dimensão do comum - sem desconsiderar as singularidades dos sujeitos - que rotas alternativas se formam e permitem construir novas subjetividades, as quais desbravam novos caminhos, novas oportunidades, novos conhecimentos, apoiando-se mutuamente, agindo conjuntamente para alcançar seus objetivos. Pleitear um medicamento necessário para controle de glicose, uma bolsa de sangue para salvar uma vida, um bom dia pelo Facebook para afastar a solidão... O "estar juntos atuando em alegria" traduz a grande felicidade, a beatitude de Spinoza, que é fazer tudo que somos capazes de fazer em comum, e que

se reflete, aqui, como uma existência mais potente, mais cheia de saúde e qualidade de vida.

A produção de efeitos em nossos corpos e a condição de viver agitam o mundo em diferentes maneiras de ver e sentir. A cada momento da existência somos capazes de afetar e ser afetados produzindo sentimentos continuamente. Não há mais sujeito e objeto, pois o mundo que se manifesta em nosso corpo, por meio dos afetos, faz parte de nossa composição que está sempre em processo, o tempo todo sendo construída, ao mesmo passo que transformada. Sem desconsiderar o papel das tristezas em nossas vidas, que quando compreendidas e utilizadas com sabedoria tornam-se suportes para o conhecimento, as experiências apresentadas mostram, precisamente, como as alegrias são capazes de potencializar a vida e impulsionar ações com impactos diretos e significativos para o bem-estar das pessoas.

Nesse devir não há garantias de que algo vai dar certo ou será feito de tal maneira. Mas é preciso resistir! O otimismo que trago para esta nova expressão de processos comunicativos não se pauta em um contentamento tolo ou um entusiasmo ingênuo, como se precisássemos resistir porque é o que nos resta. Resistimos porque queremos estar juntos. Há contentamento aí... Resistimos porque desejamos! Resistimos porque uma aposta no amor é uma aposta que já traz em si mesma a recompensa. É nisto que consiste pensar em Comunicação Alegre. É ir ao encontro dos movimentos que, mesmo que pequenos e intempestivos, volumosos ou miúdos, sólidos ou inconsistentes, são capazes de escapar ao controle e criar o novo. É aí que reside a potência democrática de um processo comunicativo que evoca por uma saúde universal enquanto um direito à vida.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Vladimir Zamorano; MELO, Victor Andrade. Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 2-9, 2017.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. 152 p.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a Nova Ciência dos Networks**. São Paulo: Editora Leopardo, 2002. 256 p.

BARAN, Paul. **Introdução às Redes de Comunicação Distribuídas**. 1964. Disponível em: <[http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research\\_memoranda/2006/RM3420.pdf](http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2006/RM3420.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2016.

BIBLIOTECA VIRTUAL SERGIO AROUCA. **Reforma Sanitária**. Disponível em: <<http://bvsarouca.icict.fiocruz.br/sanitarista05.html>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

\_\_\_\_\_. Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 set. 1990.

\_\_\_\_\_. Lei 8.142 de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 31 dez. 1990.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei 6769 de 19 de setembro de 2013. Dispõe sobre a aplicação do teste de Glicemia Capilar. Brasília, DF, 19 set. 2013a. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1192385&filenome=PL+6769/2013](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1192385&filenome=PL+6769/2013)>. Acesso em: 3 de janeiro 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília: MDS, 2013b. 56p.

CAPRA, Fritjot. **O ponto de mutação**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. 554 p.

CASE, Amber. Agora todos nós somos ciborgues. **TedWoman**, 2010. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/amber\\_case\\_we\\_are\\_all\\_cyborgs\\_now/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/amber_case_we_are_all_cyborgs_now/transcript?language=pt-br)>. Acesso em: 22 jul. 2016.

CHAUÍ, Marilena. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 149 p.

CHOMSKY, Noam. **Occupy**: Reflections on Class War, Rebellion and Solidarity. 2. ed. Brooklyn, NY: Zuccotti Park Press, 2012. p. 128.

DAVE deBronkart. **Ted Talks**. Disponível em:  
<[https://www.ted.com/talks/dave\\_debronkart\\_meet\\_e\\_patient\\_dave?language=en#t-66661](https://www.ted.com/talks/dave_debronkart_meet_e_patient_dave?language=en#t-66661)>. Acesso em: 15 mai. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002a. 144 p.

----- A imanência: uma vida. **Educação & Realidade**. Rio Grande do Sul, v. 27, n. 2, p. 10-18. 2002b.

----- **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2016. 272 p.

ENVELHECIMENTO EM COMUNIDADE. **Página do Facebook 'Envelhecimento em Comunidade'**. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/groups/EnvelhecimentoemComunidade/>>. Acesso em: 7 mai. 2018.

ESCOREL, Sarah. História das políticas de saúde no Brasil de 1964 a 1990: do golpe militar à reforma sanitária. In: GIOVANELLA, L. et al. (Org.). **Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008. p. 385- 434.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem estar**. 1 ed.; 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

EU, MEU FILHO E O DIABETES. **Blog Eu, Meu Filho e o Diabetes, 2013**. Disponível em:  
<<https://eumeufilhoeodiabetes.blogspot.com>>. Acesso em: 7 de maio de 2016.

FEITOSA, Charles. In: **A vaga**. FONSECA, D. (Dir). 2014. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=6tkmUqtS0gU>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France, 1975-1976. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GERSCHMAN, Sílvia. Conselhos Municipais de Saúde: atuação e representação das comunidades populares. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1670-1681, 2004. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000600026&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600026&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 ago. 2016.

GONZALEZ, Jeferson Anibal. As concepções de educação popular sustentadas pelo MEB e pelo CPC. **Seminário Nacional do HISTEDBR**, 10, Unicamp, 2016. Disponível em:  
<<https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/923-2724-1-pb.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2016.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem Estar Comum**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

\_\_\_\_\_. **Pós-modernização, ou a informatização da produção**. In:\_\_\_\_\_. Império. 2 ed. Rio de Janeiro. Record: 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) Contínua 2016**. Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/c62c9d551093e4b8egd9810a6d3bafff.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/c62c9d551093e4b8egd9810a6d3bafff.pdf)> . Acesso em: 27 abr. 2018.

JOHNSON, Steven. **Sistemas Emergentes**. Madrid: Turner Publicaciones / Fondo de Cultura Econômica, 2003.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A cultura e o problema humano**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. 257 p.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LINS, Daniel. Por uma leitura rizomática. **Hist. R.**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 55-73, jan./jun. 2010.

LORENZOTTI, Elizabeth. A revolução será pós-televisionada. **Observatório da Imprensa**, 2013. Edição 754. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a\\_revolucao\\_sera\\_pos\\_televisonada/](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a_revolucao_sera_pos_televisonada/)>. Acesso: 10 jul. 2016.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho, (Org.). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.

\_\_\_\_\_. Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 120 p.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Brasil é o quarto país com mais usuários de Internet do mundo, diz relatório da ONU. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/brasil-e-o-quarto-pais-com-mais-usuarios-de-internet-do-mundo-diz-relatorio-da-onu/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da multidão. **Lugar Comum**, n. 19/20, p. 15-26, 2004.

NÚCLEO DE EXPERIMENTAÇÕES EM TECNOLOGIAS INTERATIVAS - NEXT. Wiki do Next. **Eixo das Redes Sociais na Saúde**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <[http://www.wiki.next.wiki.br/action/view/Eixo\\_das\\_Redes\\_Sociais\\_na\\_Sa%C3%BAde](http://www.wiki.next.wiki.br/action/view/Eixo_das_Redes_Sociais_na_Sa%C3%BAde)>. Acesso em: 3 mar. 2015.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. Comunicação, Informação e Participação Popular nos Conselhos de Saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, pág. 56-69, 2004.

PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. 2007. 300 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

RIBEIRO, Maria Fernanda; BARBA, Mariana Della. Índios mostram que saúde vai além de curar doenças. Retorno do povo Panará à terra original após décadas resgatou hábitos e felicidade, além de trazer bebês. **El País**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/19/politica/1524090359\\_469613.html#?ref=rs&format=simple&link=link](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/19/politica/1524090359_469613.html#?ref=rs&format=simple&link=link)> . Acesso em: 19 abr. 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. Da ciência moderna ao novo senso comum. In: \_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente**: Contra o desperdício da experiência. v. 1, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Nilton Bahlis. Notas sobre a Educação à Distância e a Revolução Tecnológica. **Textos de la CiberSociedad**, 6. Temática Variada. 2005a. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=78>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **A Ciência da Informação e o Paradigma Holográfico**: A Utopia de Vannevar Bush. 2005. 185 p. Tese (Doutorado) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005b.

\_\_\_\_\_. Da Ordem do Livro à Ordem da Internet. In: VII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2006, Marília. **Trabalhos Científicos Aprovados** - VII ENANCIB. Marília, 2006.

\_\_\_\_\_. **E também lhes ensinam a ler...** A experiência da Cruzada Nacional da Alfabetização da Nicarágua. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Arquimedes Edições, 2016. 142 p.

SANTOS, Nilton Bahlis; BRITO, JX. Da validação por intermediários à validação social. In: VII ESOCITE - Jornadas Latinoamericanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, 2008. **Trabalhos Científicos Aprovados**. Disponível em: <<http://arquivos.next.icict.fiocruz.br/content/27>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

SATAFLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2 ed. rev. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SEARLS, Doc; WEINBERGER, David. 2003. **O mundo de Pontas**: o que é a internet e como não confundí-la com outra coisa. Disponível em: <[wiki.stoa.usp.br/Mundo\\_de\\_Pontas](http://wiki.stoa.usp.br/Mundo_de_Pontas)>. Acesso em: 5 jul. 2016.

SERRES, Michel. Novas Tecnologias e sociedade pedagógica. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 129-142, fev. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832000000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

SILVEIRA, Teresinha Mello da. Solidão, amor e sexo na mulher de mais de sessenta anos. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 15-20, jun. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672008000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 31 mar. 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES. **Censo de Diabetes 2010**. Disponível em: <<http://www.diabetes.org.br/ultimas/sao-12-milhoes-de-diabeticos-no-brasil>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

SOUSA, Suêrda Maria Paiva. "Envelhecimento em comunidade": a constituição de um grupo de Facebook que se tornou um espaço de acolhimento e encontro. **Relatório de Pesquisa**. Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/FIOCRUZ). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1C8LaScw6vFATH6Ol94A4dX1W1np6Eg5IzPe dynNXex8/edit?usp=sharing>>. Acesso em: 2 abri. 2018.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas: Tomaz Tadeu. 3. ed. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ULPIANO, Cláudio. **Liberdade e pensamento em Espinosa**. 1988. Acervo Cláudio Ulpiano, 2017. Disponível em: <<https://acervoclaudioulpiano.com/2017/09/03/pensamento-e-liberdade-em-espinosa/>> . Acesso em: 6 set. 2018.

----- **O caos é criador**. 1993. Acervo Cláudio Ulpiano, 2018. Disponível em: <<https://acervoclaudioulpiano.com/2017/09/28/o-caos-e-criador/>> . Acesso em: 3 mai. 2018.

## ANEXO

### DA COMUNICAÇÃO ALEGRE PARA UM BRASIL SEM MISÉRIA

Em março de 2012, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) firmou um acordo<sup>1</sup> com o Plano Brasil Sem Miséria (BSM)<sup>2</sup>, do antigo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em parceria com o Ministério da Saúde. O BSM tinha como objetivo articular e mobilizar esforços para a superação da pobreza no Brasil.

Reconhecida por estudar os problemas sociais e de saúde da população brasileira, propondo soluções para superá-los, a Fiocruz coordenou projetos voltados ao semiárido nordestino, mas também incluiu a concessão de bolsas de pesquisa de doutorado e pós-doutorado, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para pesquisadores que tivessem trabalhos socialmente relevantes no campo das políticas públicas e que se alinhassem aos objetivos do BSM. Dentre os propósitos firmados nesta parceria estavam:

- a) Estímulo à geração de conhecimentos voltados para a mitigação de problemas relacionados à extrema pobreza;
- b) A articulação e geração de conhecimentos com a elaboração de propostas de aplicação de tecnologias biomédicas, sociais e educacionais capazes de atender o público do BSM;
- c) E a busca por promover processos formativos voltados para a qualificação de agentes públicos e sociais que atuassem nas políticas, programas e ações no âmbito do BSM.

Para além dos projetos especificamente voltados às questões biomédicas ou de doenças, a Presidência da Fiocruz estendeu a concessão das bolsas de pesquisa para outros trabalhos acadêmicos e técnicos que também estivessem alinhados aos objetivos do Plano BSM, incorporando ensino, informação e comunicação como temáticas associadas. Assim, o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Informação e

---

<sup>1</sup> FIOCRUZ, **Nota técnica nº 1/2011/IOC-Fiocruz/Diretoria. Rio de Janeiro, 2011.** Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/ioc/media/NotaTecnica\\_1\\_2011\\_IOCatual.pdf](http://www.fiocruz.br/ioc/media/NotaTecnica_1_2011_IOCatual.pdf)> Acesso em 01 de Fevereiro de 2014.

<sup>2</sup> BRASIL, **Plano Brasil Sem Miséria**, 2014. Disponível em: <<http://www.brasilsemiseria.gov.br/apresentacao/conheca-o-plano>> Acesso em 02 de Fevereiro de 2014.

Comunicação em Saúde (PPGICS), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fiocruz, disponibilizou vagas para projetos de doutorado voltados à investigação de redes sociais da internet e saúde.

Embora esta não seja uma exigência do curso de doutorado stricto sensu do PPGICS, foi acordado que os projetos do BSM, além da tese apresentada, entregariam também um produto para o Ministério.

Desde o início, entendemos que o produto apresentado deveria ser fruto da tese, já que esta traria os arcabouços teóricos e experimentais necessários para o desenvolvimento de uma proposta a ser apresentada ao BSM, buscando garantir aplicabilidade prática voltada à saúde. Assim, este ANEXO constitui-se como o referido produto para o cumprimento da exigência.

A Comunicação Alegre, conceito trazido nesta tese, mostra a comunicação como um processo interativo que ratifica a importância dos afetos nas relações sociais e traz para a saúde a oportunidade de conceber uma assistência mais humana. Repensamos aqui, a ideia de miséria para além do estigma de carências materiais e físicas e entramos na compreensão da essência dos sujeitos humanos enquanto potência do corpo e da mente. A real essência dos pobres é o poder que possuem de se fortalecerem pelo amor e, mesmo nas situações mais adversas, formarem um corpo social produtivo. A Estratégia Saúde da Família (ESF), de certa forma, se dirige a isso.

Voltada à reorganização da Atenção Básica no Brasil<sup>3</sup>, a ESF busca expandir, qualificar e consolidar este nível de atenção, revendo os processos de trabalho de modo que sejam custo-efetivos e tragam benefícios para a situação de saúde das pessoas e da coletividade. A Atenção Básica deve acontecer nos locais próximos de onde as pessoas moram, estudam, trabalham, sendo a principal porta de entrada no Sistema Único de Saúde (SUS). É fundamental, então, que a Atenção Básica esteja alinhada aos princípios da universalidade, acessibilidade, equidade, integralidade do cuidado e humanização.

Para atender essa proposta, a ESF conta com equipes multiprofissionais compostas por médicos, enfermeiros, auxiliares ou técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde (ACS), podendo ainda contar com profissionais de saúde bucal. Tendo responsabilidade sanitária por um território de referência, a ESF busca criar vínculos entre os trabalhadores e os usuários do sistema de saúde, para construir relações mais afetivas, melhorando a corresponsabilização pela promoção da saúde,

---

<sup>3</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde). Disponível em: <<http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>> Acesso em: 22 jun 2016.

voltada à compreensão não apenas dos aspectos clínicos, mas de outros elementos da vida que afetam diretamente o cuidado.

Buscando alinhar a ESF à proposta de comunicação apresentada na tese, o seminário "Experiências de Comunicação Alegre na Saúde", foi pensado como meio de conectar profissionais de saúde que atuam na ESF e população usuária do SUS, aqui representados por ativistas e/ou membros da sociedade civil organizada, com objetivo de torná-los agentes sociais multiplicadores das experiências a serem compartilhadas no evento. O evento será composto por convidados para que se garanta a representatividade de profissionais e usuários de Unidades Básicas de Saúde de áreas de extrema pobreza da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com um total de participantes a depender da estrutura para realizar o evento. Inicialmente, pensa-se em um mínimo de 60 participantes.

O seminário pode ser realizado em um turno (manhã ou tarde), e deve observar, no mínimo, os seguintes critérios:

- a) Abordar um tema comum aos palestrantes, neste caso, a comunicação e saúde;
- b) Apresentar experiências concretas;
- c) Garantir paridade de gênero e de raça, bem como representatividade territorial.

### **Sobre o evento**

**Nome:** Seminário Experiências de Comunicação Alegre na Saúde.

**Tema:** Comunicação, saúde e afetos para a superação de problemas.

**Objetivo:** Articulação e geração de conhecimento para formação de multiplicadores de experiências que envolvem o campo da comunicação e saúde à luz dos afetos.

### **Infraestrutura necessária**

Espaço físico com capacidade para no mínimo 60 participantes. Todas as palestras serão gravadas e transmitidas ao vivo via YouTube, por meio do canal do grupo de pesquisa do NEXT. Deve-se utilizar duas câmeras para filmagem, uma necessariamente fixa, para captar os palestrantes, e outra que capte o ambiente e as reações da plateia. É necessário garantir um bom cuidado com luz e som para assegurar a qualidade do registro do evento.

## **Dos convidados**

Os palestrantes convidados serão representantes dos três grupos estudados na tese "Alegria de estarmos juntos. Comunicação Alegre e saúde na sociedade conectada": um ativista do diabetes, um profissional da rede hemoterápica do Estado do Rio de Janeiro integrante do grupo Central-Zap Hemoterapia, e um cofundador do grupo Envelhecimento em Comunidade.

## **Programação**

*08h00 - 8h45 ou 13h00 - 13h45*

- Recepção dos convidados e palestrantes
- Entrega do roteiro do seminário

*08h45 - 09h00 ou 13h45 - 14h00*

- Boas-vindas e abertura
  - Abertura do evento por representante a ser definido

*09h00 -10h00 ou 14h00-15h00*

- 2 palestras de 15 minutos cada (total de 30 minutos)
  - Apresentação sobre Comunicação Alegre e Afetos
  - Depoimento do representante dos ativistas do diabetes
- Vídeos complementares: 30 minutos

*Intervalo: 15 minutos*

*10h15 - 12h00 ou 15h15 - 17h00*

- 2 palestras de 15 minutos cada (total de 30 minutos)
  - Depoimento do representante do grupo Central Zap-Hemoterapia (grupo de WhatsApp de profissionais da rede hemoterápica do Estado do Rio de Janeiro)
  - Depoimento de cofundador do grupo Envelhecimento em Comunidade
- Vídeos complementares: 15 minutos
- *Networking* "Painel dos Afetos" (1 hora)

## **Sobre as palestras**

Serão realizadas quatro palestras de 15 minutos de duração cada, totalizando uma hora, que devem apresentar as seguintes informações:

- Quem é o palestrante (trajeto pessoal e vínculo com a ação)?
- Qual é a ação, pesquisa ou atividade desenvolvida?
- Onde e como é realizada a ação?
- Por que ela é importante para a saúde?
- Como ela traz uma outra percepção sobre comunicação?
- Que impactos afetivos essa ação provoca?

Os palestrantes podem ser previamente treinados com técnicas de contadores de histórias, caso haja necessidade.

### **Vídeos complementares**

Os vídeos complementares seriam selecionados por meio de uma curadoria, com o propósito de que os mesmos se relacionem com a temática do seminário. Podem ser depoimentos de TEDx ou resultantes de outras ações realizadas localmente, por grupos de ensino e pesquisa, por exemplo. A ideia é que tais vídeos mostrem outras experiências exitosas sobre essa forma de se comunicar.

### **Networking**

Chamada de "Painéis dos Afetos", a dinâmica de networking é a atividade lúdica de fechamento do seminário, quando palestrantes e ouvintes têm a oportunidade de se conhecerem e se conectarem, inspirados pela montagem de quebra-cabeças. As imagens do jogo precisam se relacionar ao tema do seminário, representando desafios a serem superados e ações geradoras de bons sentimentos.

As peças dos quebra-cabeças estarão distribuídas aleatoriamente nas cadeiras da plateia. Assim, ao se sentar, cada participante encontrará uma peça de um determinado painel (os painéis serão identificados por números no verso das peças). No momento da atividade, as pessoas que possuem peças com o mesmo número se reúnem para, em grupo, montarem seus respectivos painéis.

Após a montagem, inicia-se uma série de atividades que levam a trocas de experiências afetivas, pois a imagem cria uma tangibilidade para que um reconhecimento de si ocorra. Perguntas sobre como as pessoas se sentem diante da imagem; ou o que a imagem transmite a elas; ou ainda se reconhecem alguma prática da vida (trabalho, pessoal, social) representada ali serão utilizadas. As perguntas precisam ter caráter motivador, pois a conversa deve ocorrer natural e espontaneamente. Para que se garanta o bom funcionamento da dinâmica, cada painel

contará com um facilitador, que deverá explicar as instruções do jogo, ouvir e registrar os depoimentos recolhidos na atividade.

### **Resultado final**

Como resultado do seminário, as palestras registradas estariam arquivadas em repositório *on-line*, ampliando a possibilidade de compartilhamentos pela internet. Os painéis e os resultados da dinâmica de networking seriam utilizados para criar uma exposição itinerante. A disseminação da experiência realizada, virtualmente e em locais físicos estratégicos, pode servir de estímulo para que outros atores se inspirem e desenvolvam suas próprias estratégias de comunicação pelo prisma dos afetos.